

ANNO VIII

IV TRIMESTRE

1928

REVISTA
DO
**INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO**
DO
RIO GRANDE DO SUL

PORTO



ALEGRE

BRASIL

COMISSÃO
DE
REDACÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
E. F. DE SOUZA DOCCA
MANSUETO BERNARDI
EDUARDO DUARTE

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva

1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda

Thesoureiro: Affonso Guerreiro Lima

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno 15\$000 rs.

Por fasciculo trimestral 4\$000 rs.

Preço de collecção até 1926: 200\$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231, Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE - 1928

IV Trimestre

ANNO VIII

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

1928

PAPEIS VELHOS

MUCIO TEIXEIRA E O SEU TEMPO

(Chronicas publicadas no jornal d'esta cidade „A Federação“).

I

Entre 1876-78 existiu, na cidade do Rio Grande, uma minuscula e florida Arcadia á qual presidia um nune tutelar: a bondosa e intelligentissima senhora Revocata Mello, que, viuva e pobre, emprehendera uma obra, n'aquella época, tida quasi como sacrilega: viver das lettras, que a mesma senhora cultivava, com duas filhas — quando as conheci — ainda solteiras: Julieta e Revocatinha Mello, pois que lhes não bastavam á mantença os mingoados reditos de uma escola de primeiras lettras.

D. Julieta tinha já publicado o seu primeiro livrinho de versos *Preludios*, prefaciado por Emilio Zaluar, e a segunda, menos timida, apparecia, com frequencia, nas revistas litterarias da época, em florilegios e pequenas chronicas de uma encantadora elegancia e graciosa simplicidade d'estylo.

Era esta minuscula Arcadia, como acima a chamei, o ponto de reunião, uma ou duas vezes por mez, em lhes dando folga as obrigações diarias, de meia duzia de rapazes inclinados ao convivio das muzas, e que, á sua sombra, ensaiavam, a mêdo, os primeiros remigios para o conquista da celebridade; porque, de outros mais solidos, não podiam cogitar então.

Ali conheci, entre alguns outros, Juvencio e Clodomiro Paredes, Carlos Ferreira, Argymiro Galvão, Pinto Monteiro, que devia, depois, ser o marido de dona Julieta Mello; — e Lobo da Costa, já homem feito, quasi consagrado e recitado ao piano, nas salas e ao violão, nas serenatas, em partilha com Castro Alves, Alvares de Azevedo e Fagundes Varella, então os monopolisadores da celebridade indigena.

Ora, foi na minuscula e recatadissima Arcadia de dona Revocata Mello, no ultimo d'aquelles annos, — em reunião extraordinaria convocada ás pressas, pela premencia do tempo, que d. Julieta de Mello fez a apresentação dos incipientes árcades

a Mucio Teixeira, e deste aos árcades. O poeta estava, n'aquelle momento, em transitó de Porto Alegre para o Rio, onde ia recommendado ao imperador Pedro II, depois seu dedicado Mecenas e dadivoso protector.

Fica o leitor, provavelmente, suppondo, com a evocação ora feita de solemnidade desse jaez, que n'ella deveriam ter tomado parte figuras de alentado porte moral e physico, já armadas, senão cavalheiros andantes, ao menos escriptores e poetas de pólpá para futuras arremettidas contra o obscurantismo.

Pois supporá o leitor com grande atilamento e não menor perspicacia.

Mucio Teixeira tinha, então, vinte annos; os demais andavam por essas alturas da escala da vida: dezesete, tinha quem traça estas linhas. . . Mucio offuscava a ingenuidade do burguez, — e recordem que, com o burguez daquelle tempo, dictador sem clemencia, não se gracejava em vão — com os piscos da sua futura gloria, em livros já publicados e falados, *Vozes tremulas*, balbucios dos quinze annos, e *Violetas*, vindo mais tarde; Juvencio Paredes lançára já ao mirradissimo mercado litterario de então as *Parietarias*; Argymiro Galvão levava para o Norte — onde deveria ser, depois, o companheiro e se-quaz dedicado de Sylvio Romero e Tobias Barreto — chefes da escola teuto-sergipana — credenciaes do Parthenon Litterario, a incubadora de prosadores e poetas desta capital e de grande parte da Provincia.

Benjamin da luzida tribu e hoje unico sobrevivente della, já eu maculava a alvura de tiras de papel, n'uns miseraveis folhetins, que o formidoloso Braga Junior ¹⁾ — então germen do longinquo e rico fidalgo, em que mais tarde o transformaram, com toda a propriedade e maior justeza, classificava de *abracadabrantes*.

Ora, que prosápia, que doudejar de azas, que temerosas arrancadas contra os céos e os mares — se pôdem comparar ás das que se julgam capazes sonhadores daquelle idade, e já de passagem tomada no carro de Apollo?

Ali conheci, na época citada, Mucio Teixeira, então, um

¹⁾ Em 1878, substituindo, inesperadamente, Lobo da Costa, que, num dos seus costumados lances de bohemia incorrigivel, abandonara o lugar, entrei para a redacção da *Gazeta Mercantil*, orgão da politica conservadora do Rio Grande, dirigida então pelo promotor publico dr. Carvalho Nobre e por Freitas Noronha.

— Refiro-me a Luiz Braga Junior, redactor do *Jornal da Manhã*, na mesma cidade; e que aqui veio, como empresario theatral, em 1884—1885, com a primeira companhia de operetas nacionaes que a provincia conheceu. Acabou riquissimo, na pelle do Visconde de S. Luiz de Braga — em Portugal, donde era filho.

bello typo de meridional, de farta cabelleira, physionomia aberta e bem illuminada por dous olhos que buscavam inquietos o pouso do triumpho final e decisivo.

Commigo, fará o leitor a fineza de dar pelo calendario fóra, um salto de trinta e sete annos, a contar de 1878; e commigo encontrará Mucio Teixeira, no Rio de Janeiro, em 1915, n'um bond da Light para o Largo dos Leões, ás onze horas da noite!

Mucio tinha feito a sua trajectoria pela vida: poeta, sporadicamente jornalista, funcionario consular, fôra tudo isso; e acabava n'uma variante pittoresca dos antigos chiromantes e astrologos, empanturrado de sciencias occultas, a predizer desgraças, cataclysmos e tragedias medonhas.

— Então, você é o Mucio?

— E você o Arthur?

Eramos, que duvida? ou melhor, tinhamos sido.

O resto do que occorreu no nocturno encontro, ficará o leitor sem saber, porque não o interessará o dueto das improductivas lamentações com que, reciprocamente, nos buscamos consolar —, attenuando-os, com a alegria de ainda vivermos, dos estragos do tempo e da perda de algumas illusões e esperanças, passaro azul, com o qual se sonha sempre na juventude,

— Então, você feiticeiro?

— E você escriba?

* * *

Termina, n'esta altura, da chronica, a parte anecdotica, para ceder o lugar a um rapido bosquejo da vida do poeta, da sua obra e do seu tempo.

O Barão Homem de Mello, grande amigo dos rio-grandenses, e que presidiu esta, então provincia, em 1867, ao retirar-se para o Rio, abraçado em despedidas ao dr. Timotheo Pereira da Rosa, vulto de grande destaque na politica do tempo, disse-lhe: textualmente:

— „Tua terra é prodigiosa! Tem tudo: riqueza, filhos laboriosos e valentes, um sólo abençoado, um clima de rosas. Ha de engrandecer-se; mas falta-lhe uma cousa: o grande livro de um grande escriptor, livro que fique, que seja a synthese d'esta natureza robusta e d'esta vida de heroismo. Deves contribuir para que o escrevam.“

Tinha, porventura, razão o barão Homem de Mello, politico forrado de historiador provector, se alludia ao valor do livro que esperava, como synthese da nossa intellectualidade; mas se cá tornasse, um decennio mais tarde, veria S. Ex.^a que, na profusão da sua obra, variedade de tons e quilate dos seus

escriptores — o Rio Grande não cedera o passo a nenhuma outra provincia co-irmã, se exceptuarmos S. Paulo e Bahia.

Na época a que, de começo, alludi, desabrochou e rapidamente desenvolveu-se e deu ótimos fructos, na esphera intellectual, a geração que se tinha começado a formar sob a influencia do romancismo e do *pennacho* importado, especialmente, de França, está claro.

Victor Hugo, era, então, o summo pontifice das letras, dictava o dogma; e algum heresiarcha, por acaso surgido, em qualquer recanto do mundo, tornava-se paciente de uma lapidação summaria e fatal.

Esse era o astro-rei.

Em derredor, gyravam os satellites.

O *pennacho* nos estava no sangue de latinos e meridionaes, e tremulava nas estrophes de bellicoso estrondo, que as armas brasileiras recém tinham acabado de inscrever, illuminadas pelas chammass dos incendios, nos campos e povoações da Cisplatina e do Paraguay; e aventuras de Przevedoski, entre outras, temerarias e truculentas mas inspiradas no melhor patriotismo, contribuiam para alastrar a caudal poetica e romanesca.²⁾

Erguiam-se, no parlamento, as primeiras vozes bradando pela remissão da escravatura, e as idéas contidas no manifesto republicano de 70, se iam derramando pelo sólo patrio, incendiando a imaginação da juventude das academias — especialmente dos rio-grandenses e paulistas.

Foi nesse ambiente tumultuoso e anarchico mas extraordinariamente propicio á expansão das ardentias da juventude; inspirador de lances romanticos, á feição dos heróes, que, em seus livros, nos descreviam Dumas, pae e filho, Musset e Feuillet; e no theatro Dumas Filho, Augier e d'Ennery, para

²⁾ No mez de junho de 1874, estavam ancorados emfrente a „Alvear“, Alto Uruguay, os monitores *Rio Grande* e *Alayôas*, componentes da flotilha sob o commando do capitão-tenente Estanislão Przevedoski. Indo a passeio, em terra, o medico de bordo, segundo tenente da armada dr. Pamphilo Manoel Freire de Carvalho, foi elle barbaramente espancado por dous trabalhadores estrangeiros, que, depois do crime, dirigiram-se á barraanca do rio, fazendo para a maruja dos navios, gestos indecorosos. O commandante Przevedoski mandou intimar a autoridade da praça a entregarem os criminosos, dentro de duas horas, ou a prenderem-n'os e castigarem-n'os exemplarmente.

Demorando a solução dessa ordem, um dos monitores abriu fogo de canhão contra Alvear, fogo que só cessou, quando mandaram os criminosos para a cadêa, depois de os haverem apresentado ao chefe da nossa flotilha. Preso, demittido e submettido á conselho de guerra, foi o capitão-tenente Przevedoski absolvido, em sessão de 31 de outubro do mesmo anno, saindo do tribunal sob uma ovação popular ruidosa.

não fazer maior a lista; foi nesse ambiente, dizemos, que se preparou e consummou a educação litteraria de Mucio Teixeira e dos poetas e prosadores coévos.

Não podiam, portanto, fugir á fatalidade historica e menos ainda, — a não ser por esforço herculeo da vontade, que nenhum delles demonstrou, — formar, individualidade á parte, de linhas e contornos privativos, que denunciasssem o autor ao primeiro contacto com a obra.

Quero com isso dizer que usavam todos os mesmos ou quasi os mesmos processos de composição, cantando, ora as deusas inspiradoras do seu éstro, ora os heróes de occasião, ora as margens dos arroios e o murmúrio dos lagos, ou fazendo um desperdicio nababesco da pallidez da lua, que, coitada, ainda hoje, empresta a cumplicidade do seu manto de prata ás velleidades e phantasias dos vates caipóras ou descrentes do Amor.

Aos carmés dessa especie e aos trovadores desse estylo chamam hoje desdenhosamente „lyricos“, os criticos d'escada abaixo. Acho eu que, se os chamam lyricos, dando ao vocabulo sentido pejorativo, — como se os chamassem sórnas e delambidos, — a qualificação não está certa, e é pedantesca.

Embora sirva o verso para cantar a belleza e a fealdade; para louvar a bondade ou anathemisar o mal: para entoar hymnos ao amor e lançar pragas e maldições á tyrannia — o verso ha de ter medida, rythmo e rima para ser harmonico, para nos dar emoções, para accender em nós o que no fundo do coração temos de bom e capaz de consolar, para arrebatarnos aos paroxismos da colera ou levarnos ao repudio do mal e dos máos.

Os nossos velhos poetas eram lyricos a essa feição, e eram-no com propriedade, porque tinham nascido e formado coração e espirito á sombra de prismas muito diversos dos que depois se estabeleceram na arte de escrever em prosa e verso.

Accusam-n'os, hoje, de immoraes e hypocritas, porque, cantando o vicio, viciosos, elles proprios, victoriando a carne e seus prazeres fugidios — o faziam soccorrendo-se de imagens enganadoras e de um estylo unctoso e excitante, que conduzia directamente ao peccado.

Distingo.

Devem ser incluídos nesse rol os „lyricos“ de baixa estofa, que nem eram lyricos nem poetas.

Mas que diremos da escola que succedeu aos lyricos, e que, com o pretexto de ser natural e real, entrou a cantar as ulceras, em vez das flores, a esterqueira, em vez das neblinas? e que se afastou, pomposamente, de tudo quanto o mundo nos offerece de bom, de generoso, de alegre, de são, reflectindo a

grandeza de Deus e da sua obra — para tomarem como modelos caracteres trabalhados pelos vícios mais infames, corpos transudando sanie, tudo quanto no seu caminho encontram de máo e repulsivo.?

Que diremos dos que, a título de se documentarem para pintar o real e o verdadeiro, deixam o que a Natureza lhes mostra, ás escancaras, de justo, de grandioso e bom, e se obstinam em buscar os seus modelos nos „boudoirs“ suspeitos, nos hospitaes, nos carcerees, nos manicomios, em todos os covis onde se refugiam ou são lançados os detricitos humanos?

II

E' curioso observar o antagonismo entre as preferencias de escola dos nossos prosadores e poetas de ha meio seculo e a indole e severidade do ensino ministrado nos cursos por elles, na sua grande maioria, frequentados.

Não dou novidade, dizendo que esses cursos eram organisados e seguidos com meticoloso cuidado, e com o expurgo absoluto de quanto não trouxesse cunho de integral clacissismo.

As humanidades, como, ao tempo as classificavam, eram um tormento quotidiano para a verdolenga cerebração da adolescencia, pelo rigor com que as professavam os mestres, especialmente os mestres ecclesiasticos; e não havia como fugir-lhes, se se pretendia o accesso aos bancos academicos. Não falemos, então, do ensino da lingua e litteratura portuguezas, cujos modelos formavam um rosario, que começando, n'uma ponta, com o fossilisado Gil Vicente, vinha, pelos seculos fóra, até encontrar a outra ponta, com Almeida Garret e Alexandre Herculano.

Pois bem: embora tivesse disciplinado o seu espirito em moldes tão rigidos, sob a direcção de mentores de uma austeridade intransigente, mal voavam para a liberdade do seculo, esses moços em se dedicando á litteratura, mandavam ás ortigas todo aquelle cabedal laboriosamente accumulado, em seis ou sete annos de trabalho incessante, e abraçavam-se logo, ao romancismo de capa e espada e ao convencionalismo exaggerado da época.

Observa-se essa desconcertante transfiguração, até mesmo em muitos dos nossos oradores parlamentares do segundo imperio. Se exceptuarmos Zacharias de Góes. Nabuco, Rio Branco, Gusmão Lobo e poucos outros, que davam ás suas orações feição do sóbrio corte britannico, embora attenuado com as louçanias da nossa lingua e dos accents peculiares ao tem-

peramento individual, a quasi generalidade pendia para a oratoria romantica, abundante de gestos, cabellos arrancados, punhos para o céu, e que era, como se sabe, a que mais fundamentalmente impressionava as multidões.

A continuidade classica soffria assim uma solução irremediavel, que me explico com a influencia destes factores: o meio, o sentimentalismo innato á raça, a sua tendencia para a vehemencia das expansões, e a influencia poderosa de paradygmata portuguezes e francezes, em os ramos das lettras, desde os de mais elevada estyrie até os mais banaes.

Mal podem os contemporaneos calcular a profundidade e extensão dos sulcos que abriu na sensibilidade da geração de que procedemos e na dos alvares da nossa, a macilenta e desgrenhada figura de Margarida Gautier, na surradissima *Dama das Camélias*, cujas desoladas lamentações e tragico fim, á luz da ribalta, ainda hoje sóem orvalhar cilios e fazer pulsar mais forte corações; e as ciuadas rubras de Simão Botelho, do *Amor de Perdição*; e que comportas se abriram a cogitações philosophicas de alto tómo, com o apparecimento das *Reflexões de um filho do seculo!* . . .

Isso, sem contar com o almiscarado *Conde de Camors* e com os heroes e heroínas do velho e do moço Dumas, que deixaram, por muito tempo, envenenadas as fontes, onde deviam abeberar-se os sedentos de glorias na conquista dos laureis consagradores.

A meio seculo de distancia, essas cousas se nos afiguram frivolas, de uma semsaboria e de uma aridez chocantes; e sob a influencia de outros pendores, observando methodos e processos de elaboração litteraria e artistica inteiramente diversos, os passados autores nos apparecem archaisados e as suas damas e os seus galãs como *almas do outro mundo*.

Iniquo e pedantesco, porém, seria, repito, votal-os todos ás gehennas e enrodilhal-os no manto do ridiculo, que a critica actual para elles adrede teceu, fazendo taboa raza de especimens que devem permanecer guardados com respeito, no patrimonio da litteratura riograndense.

Nem, aliás, nos podemos hoje gabar de maiores e mais brilhantes conquistas, n'essa especialidade, porque, quaesquer que sejam as suas causas determinantes, — isso não é para indagar aqui — o facto incontroverso é que declinou conside-

ravelmente a intensidade productora dos nossos homens de letras; não ha por estas o mesmo amor apaixonado de outr'ora, e não appareceu ainda a obra definitiva que o Barão Homem de Mello, já em 1867, achava que devia existir.

Ainda mais: Os livros de quasi todos os poetas ou poetastros e prosadores de pequena ou elevada estatura de então vendiam-se em quantidade muito maior que os que se vendem hoje, apesar da incontestavel superioridade da technica, do merecimento dos seus autores, e até, o que, não é para desprezar-se, da sua feitura artistica.

E' exacto que os magazines e os grandes jornaes de avultada tiragem, que hoje ciculam por toda a parte, tem ido, pouco a pouco, devorando o livro, que, além de tudo, attingiu a preços quasi prohibitivos para os que não tem a bolsa bem fornida; e que o tumulto e a vertigem da vida moderna, absorvendo-nos o tempo e a attenção para a lucta diaria e outras distrações, levaram-nos a trocar, o livro pelo jornal de leitura mais rapida.

Cumpre, todavia, recordar que, anteriormente, floresciam já algumas folhas de que hei de tratar mais tarde — que enriqueceram os seus proprietarios; que existiam jornaes diarios e periodicos em equilibrio com a densidade da população e, sobretudo, que a França e Portugal abarrotavam literalmente de livros, jornaes o nosso mercado, em condições de preço e feitura que excluïam a possibilidade de qualquer concorrência victoriosa, tal qual como vae acontecendo agora, apesar da diversidade das circumstancias.

Por ultimo, só Deus sabe de que artes se devia valer e quaes vexames se arriscava a soffrer o candidato á publicidade de um volumezinho de cem paginas, especialmente de litteratura.

E isso digo para concluir que para julgarmos, em definitiva, os nossos escriptores passados, com imparcialidade, é, antes de mais nada, imprescindivel examinal-os á luz do seu tempo e com as delimitações dos horizontes que a sua visão pôde alcançar.

Vozes tremulas foi o primeiro livrinho de versos publicado por Mucio Teixeira. Traz a data de 1873, quando o precóce vate tinha apenas quinze annos, e um prefacio de José Bernardino dos Santos, que muito superficialmente conheci, e de Aurelio de Bittencourt, jornalista da velha guarda, que atravessou incolume e impavido todos os embates das evoluções politicas, ora placidas, ora tormentosas, do Rio Grande do Sul, e que só ha poucos annos desappareceu d'entre os vivos.

Bernardino dos Santos fazia a Mucio Teixeira um precô-nicio, que depois se viu, não era exagerado.

Que se ha de dizer dos versos de um rapazola de 15 annos?

As *Vozes* eram mesmo tremulas e resentiam-se da inexperiencia do adolescente e da monotona toada com que elle então tangia a lyra.

Vieram em 1875 as *Violetas*, com um bello prefacio do dr. Oliveira Bello, nome feito na politica e no jornalismo da época.

Já ahí Mucio Teixeira revela-se outro homem; o aperfeiçoamento da technica é sensivel; as imagens ainda tumidas de um gongorismo flagrante, mas o estylo é menos vacilante, menos infantil.

A imaginação entra a desatar o vôo e a librar-se nas alturas, n'estes versos ao Duque de Caxias.³⁾

O teu nome, fidalgo dos combates
Tostado pelo sol dos estrangeiros
Quando, em prol dos direitos brasileiros
Peito a peito, luctavam entre os mais;
O teu nome era o hymno da victoria
Cantado pelos fortes que venciam
Ou a prece dos bravos que morriam
Ao rufo dos tambores marciaes.

Oh! tû que, desde a infancia, arrebatado
Aos carinhos maternos, nas batalhas
Escutaste o bramido das metralhas
A' frente do brasileiro pavilhão;

³⁾ Marechal Lima e Silva, — Brasileiro illustre; pacificador de varias provincias revoltadas, do antigo Imperio, incluindo a do Rio Grande do Sul, em 1835-45.

Fez todas as nossas campanhas nas Republicas do Prata; commandou em chefe o nosso exercito do Paraguay, onde o seu immenso valor foi constantemente posto á prova.

Ministro da guerra e presidente do Conselho, conselheiro d'Estado, grã-cruz de todas as ordens nobiliarchicas existentes no Brasil e das de quasi todos os paizes da Europa.

Falleceu com avançada idade, a 17 de maio de 1880, na antiga côrte imperial, occupando a cadeira de senador pelo Rio Grande do Sul. Tinha o titulo de Duque de Caxias, com grandeza.

Tu, que, á ponta de espada burilaste
 O teu nome nos marmores da historia
 Em epopéa turgida de gloria
 Em estrella de fulgido clarão;

Oh! tu, que envelheceste nas batalhas
 Ao rouco sybilar da artilharia,
 Quando o sangue na terra se estendia,
 E se estendia o fumo na amplidão;
 Tu és a estatua enorme da bravura
 — Levantada no sólo brasileiro,
 Tendo por pedestal o mundo inteiro
 E uma columna em cada cidadão.

E ahi temos já o *pennacho*, o *pennacho* meridional, a fluctuar ovante, entre a atoarda dos canhões, o sibillar das balas, e o mais da Artinha.

III

Com pequena differença, iremos encontrar, em todos os nossos escriptores contemporaneos de Mucio — exceptuando o erudito Apollinario Porto Alegre, provindo, aliás, de mais antigo tronco, e poucos outros, a mesma maneira pomposa de dizer, identico hyperbolismo e exaggero de figuras.

Entretanto, vislumbra-se atravez dessa pompa e dessa perissologia, qualquer cousa que commove e que enfernece. Qualquer cousa que fica dentro de nós, lutando com a prosa cruel da vida, e com o scepticismo dissolvente que nos envolve.

Soffrendo de um astygmatisimo que lhes deturpava os contornos das imagens, não viam o real; viam o que a sua phantasia lhes suggeria. Mas não se lhes póde negar sensibilidade logica com a sua psychose, poder communicativo de emoção e mais humana maneira de vêr a Bondade e a Bellesa.

Afinal, que faziam os românticos e os lyricos?

Cantavam o Amor e a Bellesa. Outra cousa não fizeram os que antes d'elles existiram; outra cousa não fazem os que vieram depois e os contemporaneos. Com uma differença: cantavam os antigos o Amor normal, como está dentro na Natureza; a Bellesa perfeita, cobrindo-a, para exaltarem a imaginação, com vaporosos véos fluctuantes. Cantam os contemporaneos o Amor anormal, exasperante e demoniaco, saturados de erotismo; e cantam a Bellesa deformando-a antes, para tornal-a aberrante de pureza das suas linhas; e assim a expõem núa aos nossos olhos, como sendo a Verdade.

IV

Chegou a oportunidade de falarmos, mais amplamente, de uma associação *sui-generis*, que teve papel preponderante na formação da intelligencia da geração do seu tempo, moços e velhos, e que até no futuro de muitos dos primeiros chegou a influir de um modo notavel: — o Parthenon Litterario.

Convirá, porém, antes o fazermos, advertir as pessoas habituadas a gravitar em espheras diametralmente oppostas a esta especie de cogitações, e as que, em materia de letras, buscam enfronhar-se apenas nas de cambio e de terra que, proseguindo n'esta leitura, correrão o risco de entediar-se. E eu não quero comparecer ao julgamento supremo, tendo a escusar-me a consciencia o grave peccado de haver logrado, embora com a melhor das intenções, creaturas de tão ponderavel peso na estrutura social contemporanea.

Aqui, começo a valer-me, para fazer um pouco de historia da Provincia, de um lado, do testemunho de varios personagens de relevo, que me narraram os factos, e de copiosa documentação colhida em varias fontes — bibliothecas publicas e archivos particulares, de relevantissima valia; e, de outro lado, do meu proprio testemunho, em mais de trinta e cinco annos de vida intensa e trabalhosa na imprensa do Rio Grande, durante os quaes vi muita cousa e ouvi muita gente —, atravessando periodos placidos e outros tormentosos, segundo o curso dos acontecimentos desdobrados n'aquelle longo periodo.

O *Parthenon Litterario* surgiu ahi pelos annos de 73-74 amparado especialmente pela mão protectora de um medico, já então idoso, o dr. Caldre e Fião, e de inicio tomou logo o aspecto e as proporções de um verdadeira academia de letras, em que só não chegou a transformar-se, porque a prudencia dos seus directores conteve os impetos dos mais entusiastas para dar-lhe aquella feição.

Seria fastidioso, isso sim, citar aqui os nomes de todos os que commungaram n'aquelle altar patriotico, a mesma hostia do ideal.

Era numerosa e compacta a legião ardente de apostolos da generosa idéa de dotar a Provincia de uma academia ou instituto litterario, á altura do tempo, e de aproveitar o ardor, a expontaneidade e o impulso creador da mocidade de então, para effectivar essa conquista.

Muitos membros altamente classificados da sociedade porto-alegrense, embora não frequentassem o gremio, com assiduidade, — em todo caso, faziam-lhe larguezas consideraveis

em dinheiro; e nas reuniões de maior alcance, lá iam muito sollemnes e graves, para animar com a presença e encorajar com palmas e flores o lyrismo dos versos e os arroubos da rhetorica de poetas, dramaturgos e escriptores, ainda titubeantes e indecisos.

Entre elles, recordo-me dos nomes de Sá Brito e Arthur Rocha, que deixaram ao theatro rio-grandense peças *como nunca depois foram escriptas outras*; Uchôa Cintra, Tallone Junior, Joaquim Moreira, d. Luciana de Abreu, Conego Vianna, Mucio Teixeira, padre Teixeira, Julio de Castilhos, os irmãos Porto Alegre, Lucio Cidade, Aurelio de Bittencourt, Bernardino dos Santos, Argymiro Galvão⁴⁾ e tantos, tantos. . .

O Parthenon Litterario transformou-se, pois, rapidamente, n'um viveiro de escol, meio propicio para n'elle operarem a sua eclosão talentos que de outra maneira, talvez não tivessem meio nem ambiente tão propicios onde se viessem a revelar.

E ali, como n'um laboratorio, entravam em fusão todas as idéas: tratava-se de politica, pregando a republica; do saneamento moral da sociedade, propagando a necessidade de libertar o negro, sem indemnisar o branco; de partidatismo, extremando as polemicas na imprensa, do que, daqui a pouco, falarei, e que tinha, então, profissionaes da envergadura de Carlos Koseritz, Jansen e Ignacio de Vasconcellos.

A politica activa estava, havia muitos annos, nas mãos dos conservadores, sempre em continuas desavenças uns com os outros e formando pequenos grupos, que tinham, cada um o seu chefe, e ás vezes, cada uma o seu presidente de Provincia; mas ainda assim, os dirigentes tinham olhos beneficos e gestos da grande mansidão para aquellas ardentes e fermentação, para o tempo — scandalosa, de idéas, que, afinal, d'ali a poucos annos, deviam triumphar entre o estrondo dos morteiros, accórdes de philarmonicas e bandas marciaes e florilegios jornalisticos e tribunicios.

Já vêm, os leitores chegados até aqui, que não me seria possivel occupar da época de Mucio Teixeira, deixando na penumbra o Parthenon Litterario, Sinai donde vieram as taboas de uma doutrina nova e fecunda para os espiritos eleitos.

⁴⁾ Argymiro Galvão, que a morte impiedosa arrebatou em plena eclosão de um fecundo e aprimorado talento, fez parte da redacção do importante órgão *Provincia de S. Paulo*, naquelle tempo, o terceiro jornal do Imperio, em importancia politica. Foi redactor, no Brasil, da *Revista dos Estudos livres*, de Lisboa, posto scientifico muito ávaramente confiado a estrangeiros, e publicou, n'esta cidade, alguns numeros de uma folha intitulada *Combate*, de feição republicana.

Era bacharel em direito mas, que eu saiba, nunca exerceu a profissão.

A chamma do enthusiasmo juvenil accesa nas áras do Parthenon Litterario, e de que a sua importantissima revista mensal se tornou arauto constante e convencedor, irradiou para outras localidades.

No littoral, na cidade do Rio Grande, com os mais selectos elementos sociaes, fundou-se a *Sociedade Litteraria*, sob a presidencia do conego, dr. José Maria Damasio de Mattos, cujo talento variado e profusão de conhecimentos, ainda hoje devem ser ali recordados, de envolto com as reminiscencias da sua grande tolerancia, bondade e espirito de philantropia, no mundo profano, e da sua irreductivel severidade e intransigencia, em materia de disciplina religiosa dentro dos templos.⁵⁾ Sob os seus e os auspicios de outros influentes, foi transformado em uma Bibliotheca Publica, que é hoje das primeiras da União, um archaico Gabinete de Leitura, que, a mil réis por mez, fornecia aos seus assignantes, em pequenas mas systematicas doses, a sarrabulhada romantica do Rocambole, *Conde de Monte Christo*, *Mohicanos de Paris* e os raminhos de alecrim e manjerição do *Moço louro*, *Moreninha*, e outros, do nosso inefavel Macêdo, que Deus haja.

Lançaram-se em Pelotas, os fundamentos de um grandioso edificio proprio para a Bibliotheca, logo tambem organizada com o concurso de grandes e pequenos, e de cuja tribuna, em conferencias litterarias e politicas, se deviam fazer ouvir, mais tarde, talentos de primeira agua, como o saudoso Alvaro Chaves.

⁵⁾ Conego Damasio de Mattos, natural da Provincia da Bahia. Estudou em Caraças, depois, em Roma. Vigario collado da parochia do Rio Grande, durante muio annos, foi um dos mais famosos oradores sacros — fructa hoje rara — que já tivemos.

Entre os seus sermões mais notaveis, fez epoea, pela erudição e novidade do thema, o sobre o dogma da Immaculada Conceição, então em fôco, pela celebre encyclica de Pio IX, e que S. Rev. produziu de improviso, n'uma festa de N. S. do Carmo, na egreja da respectiva Ordem; e pela violencia da phrase, o de uma procissão do Encontro, no pulpito adrede collocado em frente á porta da egreja de S. Francisco de Assis, na praça Pedro II, verberando demasias populares costumeiras, e feitas em ceremonias da Semana Santa, em que os templos ficam quasi na obscuridade.

Ajoelhado o povo no empedrado da rua, feito silencio, começou o conego Damasio o seu discurso:

— Hypocritas! Assim oravam os phariseus no Templo!
Calculem o resto.

De outra feita, ameaçou de mandar pôr na rua, *manu militari*, uns senhores de *collarinho alto*, que, na igreja Matriz, em quinta-feira de Endoenças, pregavam vestidos e tranças de senhoras, umas ás outras, provocando alarido, e a cada um delles reprehendeu, nominalmente, em voz stentorica.

No interior, n'uma cidade central, S. Gabriel, surgiu a *Litteraria Gabrielense*.

Mas não só no ramo da litteratura tornou o Parthenon efficaz a sua acção e decisivo o seu exemplo.

Estava, então o extinto Imperio, como já disse, na phase de elaboração das duas grandiosas conquistas, que dose ou trese annos mais tarde, deviam transformar inteiramente o regimen economico e politico do paiz: a emancipação do escravo e a implantação da fórmula republicana de governo.

Essas duas idéas, dividiam as opiniões, aqueciam os espiritos, apaixonavam ao extremo os partidos politicos; tornavam-n'os creadores, inventivos. O verso, a tribuna e o artigo de jornal, principalmente, exerciam sobre todos uma atracção irresistivel; e d'ahi resultou, não só um desenvolvimento muito consideravel da poesia e da oratoria indigenas mas tambem um surto imponente da imprensa, pelo quilate dos homens que n'ella apostolisavam as suas idéas, surto que, de 1880 por diante, tornou-se excepcionalissimo no paiz.

Na época a que me vou referindo, em situação conservadora, tinham-se revezado, no governo da Provincia, o dr. Azevedo Castro e dr. Faria Lemos e o desembargador Tristão de Alencar Araripe ⁶⁾ (cearense, supponho eu) que, inhabilmente, mantiveram a anarchia partidaria então reinante entre os proprios senhores da situação, creando para todos um bêcco sem sahida, que mais irritava e açulava á contenda, os amadores das situações borrascosas.

Mas a intellectualidade patricia não tinha folgas no seu journadar para diante, e mesmo sob as rajadas iracundas das desavenças politicas, quiçá por ellas sacudida, multiplicava-se, n'uma prodigiosa producção, já então muito seleccionada.

Começava tambem a brilhar na imprensa da provincia uma nova pleiade de jornalistas patricios, tendo como pioneiros Arthur Rocha, o dr. Eleutherio de Camargo, que foi uma reve-

⁶⁾ O desembargador Tristão de Alencar Araripe chegou á Provincia a 31 de Março de 1876, e viu-se em taes difficuldades com a Assembléa Provincial que, a 26 de Maio do mesmo anno, teve de negar sancção ao respectivo orçamento.

Não foi mais feliz o dr. Andrade Figueira, vindo mais tarde, apezar de ter a seu lado no *Constitucional*, a penna do terso e infatigavel polemista dr. Alexandre Moura.

As cousas foram de mal a peor, com o Barão de Souza Lima, que abriu ainda mais fundo o sulco da dissidencia, o que fez com que o governo da Provincia fosse ter ás mãos do vice-presidente dr. Carlos Thompson Flores, liberal dissidente.

Por fim, em Janeiro de 1878, subiu ao poder o partido liberal, com Cansação de Sinimbú.

lação na antiga *Reforma*: Zacharias Salcedo, e a patrulha portugueza composta de Rocha Gallo, Braga Junior, Pinto Monteiro, Machado Tavares, Silvino Vidal, Matheus de Magalhães e mais ephemeramente Gaspar da Silva, redactor da *Gazeta de Sorocaba*, e que appareceu na Provincia, ahi por Agosto de 1878, na cauda de uma grande companhia dramatica portugueza, que tinha como principal figura o extraordinario Antonio Pedro.

A todo esse luzido pessoal, uns no apogeu da mocidade, alguns já descendo a montanha da vida, fui eu encontrar no borbórinho da imprensa, quando, em 1878, para ella, precocemente entrei — *sic itur ad astra!* — na qualidade, como então se dizia, de noticiarista da *Gazeta Mercantil*.⁷⁾

E, tendo feito rapidamente, tanto quanto m'o permittiam a memoria e o espaço, uma resureição do Parthenon Litterario, e fixado, as linhas geraes da sua construcção e influencia no nosso mundo intellectual, volto a Mucio Teixeira, já então familiar da casa do general Osorio, Marquez do Herval, em 1879, quando aquelle nosso grande patricio, encarnação épica do heroismo rio-grandense, ministro da Guerra do ministerio Sinimbu, acabava de expirar quasi que inesperadamente.

Ignoro até que ponto possa ir a exactidão dos detalhes que, no primeiro volume da sua obra *Os Gaúchos*, tratando do marquez e dos seus ultimos instantes, menciona Mucio Teixeira sobre a genese da sua poesia o *Legendario*, que se encontra integra a fls. 209 do citado livro.

Mucio nunca deixava o seu merito e o seu credito por mãos alheias, e tinha o máo veso, para escriptor imparcial, de falar muito e a miudo de si, como figura central dos factos que contava, deixando na penumbra os demais personagens.

Mas o que é certo é que, apesar de algumas pequenas imperfeições, oriundas, com certeza, da conternação do momento em que o poeta a compoz, e do seu abatimento physico, e moral — poesia „Legendario“ é talvez uma das melhores do vate rio-grandense, e foi talhada no marmore consagrador das epopéas. O estylo é grandioso, embora emphatico, como aliás era muito dos moldes de época em que os versos foram escriptos, na qual como não ignoram os estudiosos, o genero condoreiro andava á tona.

7) Orgão conservador da dissidencia, fundado, principalmente, para defender e apoiar os actos do vice-presidente da Provincia, em exercicio, dr. Carlos Thompson Flôres, que, já na Republica, foi desembargador do nosso Tribunal. Era redigido pelo dr. José Francisco de Carvalho Nobre, promotor publico do Rio Grande, pernambucano, que morreu juiz em Rio dos Sinos, e os rio-grandenses Joaquim Candido de Freitas Noronha e Lobo da Costa.

Porque seja ella muito longa, transcrevo para aqui algumas estrophes; quantas bastem para dar ao leitor uma idéa d'esse magnifico trabalho de Mucio Teixeira

Eu vi o nosso heroe nos transes derradeiros
Do derradeiro instante:
Forte como um leão, grande como um gigante,
Parecia passar no campo das batalhas
A' frente dos guerreiros
Por entre um temporal desfeito de metralhas.

Não é mais bello o sol, como um Titão sangrento
Ao ocaso avermelhado;
Eu vi, (sonho ou visão, febril deslumbramento)
Nos seus olhos profundos,
Com tristezas de morte e audacias de soldado,
Vivas radiações
De esplendorosos mundos
No sombrio estendal das amplas vastidões.

.....
E' mister levantar um monumento a Osorio,
O maior dos nososs generaes!
Um monumento enorme, assim como o zimborio
Das amplas cathedraes:
Bem o podem talhar ao molde do seu nome,
Que o tempo não consome.

E si faltar material bastante
Para nas praças erigir-lhe estatuas
Si essas vaidades transitorias, fátuas
Perdem-se á sombra d'esse heroe gigante;
Não vás grinaldas enastrar de flores
Nem ás estrellas mendigar fulgores;
Temos na terra o que não ha no céu:
Apanha as armas que a seus pés cahiram
E ajunta as balas que os canhões cuspiram
Lá na provincia onde este heróe nasceu.

Era essa a maneira de dizer de então, nas poesias ou discursos do genero, e já o nosso Araguaya, muito antes, tinha dado o exemplo, cantando, o genio napoleónico, n'um estylo de tão estranho gongorismo e cousas tão ingenuas que, apreciadas hoje, com socego, no prosaismo da vida moderna, nos fazem sorrir.

Quando já estava a finalizar este despretencioso e muito resumido trabalho de recordação e estima pessoas por um dos escriptores patricios que mais concorreram para a exaltação da sua terra natal, no convívio domestico e no estrangeiro, soube existir outro livro de Mucio Teixeira, que eu não conhecia.

Procurei obter um exemplar, que me foi facultado por um amigo commum e ainda aparentado com o poeta, se bem que longiquamente.

Trata-se do livro intitulado — *O Imperador visto de perto*, volume de dusentas e sessenta paginas nitidamente trabalhadas e a que illustram os retratos do finado monarcha brasileiro e do autor. O volume traz a data de 1917, e segundo declara Mucio Teixeira, nada mais é do que uma ampliação documentada de uma conferencia por elle feita em 1906, no Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro, e prefaciada por Carmen Dolores.

Aliás, Mucio não esteve com ceremonias e dá a autoria do livro ao *Barão Ergonte — de Mucio Teixeira*, duplicidade patronimica que não chego a perceber muito claramente, e que é provavel tenha qualquer ligação com os mysterios do mundo maravilhoso em que, nos seus ultimos annos, deu para fluctuar o espirito do poeta, já então envelhecido.

N'esse trabalho, procura Mucio Teixeira resgatar a sua divida de gratidão, realmente vultosa, com o infortunado imperador brasileiro, tecendo-lhe um ardoroso hymno, e relembrando-lhe as virtudes excelsas.

E' pois um trabalho de ordem toda peculiar, que nada ou muito pouco tem que vêr com o exame e a critica da bagagem litteraria de Mucio Teixeira.

O que ahi fica, n'essas chronicas, não passam de elementos apenas para futuro estudo da vida e obras de um rio-grandense notavel nas lettras, e que, com todos os seus defeitos e devaneios, honrou o nome do torrão natal.

Arthur Toscano

claras, *ĩpacarahy*, lago do senhor; *ĩ-cuá*, fonte, cacimba, litteralmente, buraco que tem agua, *ĩ-cuá-ponã*, fonte linda de agua bôa, *ĩ-cuá-ponã-etê*, fonte muito linda, de agua muito bôa; *ĩ-verá*, agua que luz, agua brilhante á luz do sol; *ĩ-hú*, agua preta, barrenta, rio de aguas turvas; *ĩ-câti*, agua polluida, agua hedionda. O nome *Tebicuary*, que é o de um importante rio, tributario do Paraguay, tem uma formação bem singular! como se vae apreciar: *Tebi* é uma parte do corpo humano, que nada tem de nobre, dado o seu infimo funcionamento, *cuá* exprime buraco, e *ĩ*, agua, por conseguinte, agua que se deriva de um manancial, que se parece com áquella parte do corpo. *ĩ-rô*, agua amarga, agua do mar, *ĩ-êên*, agua doce. *Caá*, arvore, arbusto, matto folha, herva, é uma preposição que tambem entra num grande numero de palavras compostas: *Caa-ĩ-rô*, matte chimarrão, matte amargo; *Caa-ĩ-êên*, matte doce. O coronel du Graty diz que o uso da herva matte é de origem indigena, que foram os guaranys que suggeriram-n'o aos conquistadores hespanhoes. E' o caso que Hernando Arias de Saavedra, governador do Paraguay de 1592 a 1594, descobriu entre os indios, que o acompanhavam em uma excursão pelo interior do paiz, um sacco de Herva Matte, que elles chamavam *Caá*: data dessa época a exploração da herva matte pelos hespanhoes.

Cumpre editarmos para nos reportarmos á historia verdadeira da evolução do matte, que foi elle originariamente tomado frio, com herva grosseiramente cancheiada, disposta num poronguito (*caá-ĩ-guá*, cuia), com agua fria e tomada a infusão com um canudosito de capim (*capi-ĩ*) e como refresco como beberagem refrigerante, que realmente é, e mui apetevida no Paraguay, onde a estação estival sóe ser canicular. Por occasião das operações de guerra da campanha do Paraguay, os alliados formaram uma numerosa legião de paraguayos, que espontaneamente se lhes apresentavam, pedindo com instancia armas para ao lado delles combaterem contra o despotico, o verdugo governo do seu paiz. Varias foram as occasiões em que tivemos ensejo de observar que, em seguida de breve parada do exercito, em derrota para o seu objectivo, os legionarios paraguayos corriam ao proximo curso de agua a se dessedentar, a tomar o seu refrigerante *terêrê*, como chamavam o matte de agua fria, què os seus avós foram os primeiros a usar. Nós o experimentamos por varias vezes e achamol-o déveras refrigerante. E' tam fresca essa effusão que no inverno não é ella usada, nem mesmo apetevida. Com *Itá*, entre

outras muitas, formaram os guaranys as vozes compostas de *Itapirú*, pedra secca, *Itapúa*, pedra redonda, *Itapuã*, pedra alta, *Itapé*, pedra chata, *Itaúna*, pedra preta, *Itapuitã*, pedra vermelha, *Itamaraty*, não, mas *Itamôrôti*, pedra branca, *Itaculumí*, tambem não, mas sim *Itacunumí*, creança ou menino de pedra, *Itatiaia*, ainda tambem não, mas *Itatiãí*, reunião de dentes de pedra, que é o que simula a realidade objectiva: *tí* ou *ty*, agrupamento, reunião, etc., *ãi* dente. *Che-rãi*, meus dentes, *nde-rãi-poti*, tendes os dentes limpos ou alvos; *nde-rãi-iponã-etê*, tendes os dentes muito bonitos: este *n*, que precede *de*, pronome da 2.^a pessoa do plural ou do singular, é mudo, *ra* (o *r* brando), verbo, ser, ter, etc., *ãi* ou *tãi*, dente ou dentes, *iponã*, bello, bonito, lindo, etc., e *etê*, adverbio de quantidade, que eleva ao superlativo o adjectivo, no caso *iponã*. *Itacuatiã*, pedra escripta. No „Cerro das Palomas“ (eis aqui um nome nacionalizado, mixto de portuguez e de hespanhol) proximo do Livramento, vimos inscrições latinas em pedras revestidas de branda camada calcarea; fôra isso obra dos jesuitas e d'ahi resulta a pedra *itacuatiã* do gentio. Ha nas proximidades do nosso torrão natalicio, segundo districto de Sant'Anna do Livramento, uma eminencia chamada „Cerro de *Itacuatiã*“. Essa eminencia, que de terra e não grande, senão fôra ahi o indigena ter encontrado pedras escriptas, com mais propriedade devêra se chamar „Ibitimi“: *Ibî*, terra, *tî*, accumulção, e *mî* pequena, donde pequena accumulção de terra.

Não é *Taroquem*, como no geral se escreve, mas *Itaoqué*, porta de pedra. Existio ahi uma porta de pedra, ruina de importante construcção dos jesuitas, que fôra estancia da redução de S. Miguel, senão estamos enganados. A proposito, S. Miguel foi a primeira redução que os jesuitas fundaram na região *del Tape*, como a denomina o historiador ignaciano, padre Nicolas del Techo, que servio por muitos annos nas reduções deste lado do Uruguay. Descrevemol-a d'accordo com este jesuita, que nella andou a serviço da companhia. Recebe este nome da Cordilheira que a rodeia por espaço de quasi cem leguas, do oriente ao occidente; dista do Uruguay oito dias de jornada e deseseis do mar Atlantico: S. Thiago do Boqueirão, S. Martinho, S. Xavier, a parte montanhosa de Santa Maria da Bocca do Monte e o Jacuhy, então chamado *Igai*, segundo o conego Gay, pertenciam a ella, com os rios que se lhe derivam: Puitã, Tacuari, Yguarimi, Yaguari-Guazú, Ybicuí-Guazú e Jacuhy. Falando dos seus naturaes, ejas como o padre Nicolas se exprime: Os habitantes do Tape em quasi nada se differenciam dos guaranys; entretanto são de character mais doce e menos corrompidos pelo vicio; está provado que não ha na America meridional nação tam apta para comprehender e con-

servar o christianismo. Amantes da liberdade, odiavam o estrangeiro e não os teriam sujeitado facilmente os hespanhoes sem a propagação do Evangelho no Tape.

Como os guaranys, moravam em pequenas aldeias (tabati), situadas no alto dos cerros ou na espessura dos bosques: proximas de rios ou de fontes. A respeito de extranho animal, forçosamente fabuloso, indigena desta região, eis como o padre Nicolas se externa: Na parte lacustre proxima do mar (Atlantico) encontra-se um animal amphibio semelhante a ovelha, tendo, porém, garras e dentes de tigre; é tam feroz que até ao proprio leão (puma) chega atacar. E' dos indios o animal mais temido e a cujos campos sae em manadas, promovendo grandes estragos; se algum indigena consegue, a muito custo, matar um, cobre-se com a respectiva pelle, chamada *aó*, não me sendo dado explicar se a tal cobertura é que dá nome á fêra ou se esta á vestimenta. O que, porém, é certo, é que taes animaes são ovelhas no exterior e lobos rapaces no interior. Singular animal! Macacos nos mordam se elle não é, com toda a sua singularidade indigena, o lobo marinho, abundante nos parceis do visinho mar das Torres, donde saem ás manadas á ouréla, *largartear*, da qual não dista muito a extensão lacustre, outr'ora parte integrante desse mesmo mar, que por ahi existe. O tape vio o ovelha-tigre atravez de fabulosa lente e, d'ahi, a lenda que a seu respeito architectou e ao padre jesuita referio. Em relação a um passaro da mesma região, assim tambem se externa o padre Nicolas del Techo. Ha tambem um passaro branco, de corpo diminuto e canto melodioso, *semejante al sonido de las campanas*, pelos naturaes denominado *Guirapó*, isto é, passaro que trina, segundo aquelle autor. Pelos signaes constatados vê-se que outro não póde ser que o nosso ferreiro ou araponga, cujo canto, longe de ser trinado, é plangente, de timbre metallico, donde a nossa onomatopéa.

V

Nesta apreciação que muito pela rama vamos fazendo da lingua guaraní, que é, mais ou menos, a propria tupí, talvez menos inflexivel, nos apadrinham varios autores, nomeadamente Alfred du Graty, belga e coronel de engenheiros, que escreveu uma mui sentenciosa historia do Paraguay, em tempo do governo relativamente patriotico, de Lopez I. Para levar a effeito essa meritoria obra, teve de soccorrer-se de varios tra-

balhos em lingua guaraní, precioso legado dos operosos ignacianos, que por terras americanas andaram mui afanosos na catechese do gentio. Entre esses trabalhos salienta-se o do erudito padre Antonio Ruiz de Montoya, de quem já nos temos occupados na sequencia destes alinhados. Somos, pois, assim levados a, de preferencia, nos reportarmos mais áquelle autor, não que elle seja extreme de erros e até mesmo de contradições, cousas que se respiga no decorer da sua obra, entretanto, elle nos parece a melhor companhia. Segundo este autor, secundado pelo padre Montoya, o guaraní resente-se de algumas letras do alphabeto, taes como f, j, k, l e o s, que é supprido pelo c cedilhado.

Deve-se, pois, escrever *Teçá*, olhos, *Che-re-çá*, meu ou meus olhos, *che-rê-çá-açú*, tenho os olhos enfermos; *nde-rê-çá-ñarô*, tendes os olhos risonhos, palavras amaveis da galanteria selvicola. O nosso eminente Gonçalves Dias, por incumbencia do Instituto Historico e Geographico, publicou um „Diccionario da lingua tupi“, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil. Um simples exame desse Diccionario, edita du Graty, mostra á evidencia que o tupi não é outro que o guarany, um pouco alterado, é certo: quer na pronuncia, quer na orthographia. Entretanto encontra-se nelle grande numero de palavras, escriptas segundo a orthographia guarany, isto é, a adoptada pelos jesuitas das Missões. Offerecemos alguns exemplos: *Aba*, cabellos, *Caá*, herva, *Camby*, leite, *Guirá*, passaro,, *Inambú*, perdiz, *Maracanã*, papagaio, *Põ*, mão, *Pĩ*, pé, *Tamanduá*, formigueiro, *Tacuará*, bambú, *Tapéra*, cabana abandonada, *Tatá*, fogo, *Mboi-Tatá*, cobra de fogo, *Teçá*, olhos, *Tobá*, cara, *Urubú*, corvo. Na orthographia do tupi se emprega o j e o k que no guarany são substituidos pelo Y e pelo qu. De modo que e segundo Gonçalves Dias, deve-se escrever em tupi: *Jacú*, lua, *Jacaré*, *Jacú*, etc., em vez de *Yacy*, *Yacaré*, *Yacú*, etc., proprio do guarany. Alguns nomes apresentam uma orthographia differente, porém, pouco sensivel, como se poderá nestes exemplos:

Tupí	Guarany	Tradução
Mirim	Michi	Pequeno
Morotíngá	Môrôti	Branco
Tejú	Teyú	Lagarto
Tupan	Tupã	Deus
Porang	Porã	Lindo, bello, etc.
Tupan-oca	Tupã'-ó	Egreja
Imirá	Ybirá	Madeira, Arvore, etc.

Existem nomes de graphia sensivelmente differente.

Exemplos:

Tupí	Guarany	Tradução
Ibi	Mhobĩ	Azul
Moçapir	Mbohapi	quatro
Meapé	Mbuyapé	pão

E muitos outros nomes, não se pôde, entretanto, pôr em duvida a origem identica dos povos que falam ou falaram estas duas linguas. Agentes de ordem cosmica ou regional, a visinhança e, talvez, o commercio com povos de linguas menos aglutinadas, e outras circumstancias de feição, é possível influissem para a alteração do tupí, que é a lingua primordial, constituindo-se uma especie de lingua derivada ou neo-tupí, a guarany, que foi falada por todos os povos que se agitaram entre os rios Uruguay e Paraguay: do primeiro e do Mambituba (aliás *Membí-tuba*, filho e pae) para o norte parece-nos permaneceu inalteravel o tupí. Affirma du Graty que um tamoiio das proximidades do Rio de Janeiro, far-se-ia comprehender por um querendi da margem occidental do Rio da Prata, que falava o quichúa ou uma derivação sua. A proposito da lingua quichúa, façamos breve digressão em torno da palavra „che“ que se tem escripto „xe“ e é pronome eu, meu, minha e adjectivo possessivo quando o objecto ou cousa possuido vem claro. Exemplos: *che-re-mbirecoi*, minha mulher, *che-ra-i*, meu ou meus filhos, quando é o pae que fala, porque a mãe diria *che-me-mbi*; *Che-ro-ga*, minha casa. *Che-aá-caáguípe*, eu vou ao matto; *Che-aá-Porto Alegre-ogegua-baé*, vou a Porto Alegre comprar algumas cousas; como se vê, nestes dois exemplos a voz „che“ funciona como pronome da 1.^a p. do singular. Quer nos parecer mesmo que o guarany resente-se da letra x; é possível que com ella se tenha escripto aquella palavra pela semelhança da pronuncia. Vejamos a breve historia de „che“: Querem alguns autores que ella seja palavra *araucana* e significa homem, outros, porém, opinam pela sua origem guarany; um autor chega a estimal-o e cremos que com boa razão, como originando o *che* do castilhano *crú*. *Che* (homem ou mulher) *venid un poco*, uso muito corrente entre os nossos visinhos camponios, do patrão, por exemplo, chamar o seu assalariado. Os *araucanos*, a syllaba predominante ou tónica é a antepenultima, ou *chilenos* eram povos altaneiros da banda occidental

dos Andes, falaram naturalmente o *quichúa* ou lingua semelhante. Constituíam elles uma poderosa nação guerreira, no dizer do ignaciano, padre Nicolas del Techo, que parece ter entre elles vivido na ardua missão de catechese. Bateram-se com sorte varia com os conquistadores hespanhoes: com Almagro, que foi o primeiro que calcou terras chilenas, em seguida com Valdivia, fundador de Santiago, hoje capital da nobre nação chilena, mixto bem equilibrado de aráucano e do Vasconço, de origem mongolica, aparentado com japonéz, a dar-se credito em Mr. de Quatrefages, e de Valdivia, a que deu o proprio nome, ambas respectivamente assentes sob os parallelos 34 e 40 de latitude sul. Dumersay em sua obra „Histoire physique, économique et politique du Paraguá“, engana-se positivamente quando avança que muitas partes do corpo em guarany começam pela voz „che“ e apresenta estes exemplos: *cheaba*, cabellos, *cheacã*, cabeça, *Cherôvã*, cara, rosto, *cherâniquá*, barba, *chejurú*, bocca, *cherãi*, dentes, *chepó*, mão ou mãos, *chegivi*, braço ou braços, *chepĩ*, pé ou pés. Contesta-lhe du Graty, affirmando que ha positivamente inexactidões no que escreveu a respeito, como prova com a orthographia de quantidade de nomes guaranys em que a palavra „che“ é com frequencia empregada: uma, sequer, das partes do corpo humano começa por tal voz! Mr. Dumersay confundio lamentavelmente o adjectivo com o substantivo ou, melhor dito, adherio aquelle a este. Effectivamente, „che“ é o adjectivo determinando a cousa possuida: assim *cheacã*, quer dizer minha cabeça e melhor estaria, se estivesse graphado *che-acã*. E assim nos demais exemplos, acima indicados. No que expendemos fica contada, se bem que irregularmente, a historia simples do vocabulosito „che“, que nos parece realmente de raiz guarany.

VI

O illustre brasileiro Couto de Magalhães em uma conferencia que realisou em S. Paulo, pouco antes de morrer, suppomos que sobre a lingua tupí, avançou: que de preferencia o Brasil devêra chamar-se *Pindorama* (o r brando), isto é, paiz das palmeiras ou terra das palmeiras, „onde canta o sabiá“. Euclýdes da Cunha, o frio analysta, o paciente investigador, o laureado autor do „Os Sertões“, de algum modo reforça o dizer de Couto de Magalhães quando emprega a palavra *Tapuyretama*, região do Tapuia. Cremos que na orthographia tupí

se escreve assim e na do guarany, segundo diversos autores, *retã* ou *retan*, conforme se queira nasalar o a com til ou com n, pois que em a nossa nomenclatura geographica temos *Tupá-cy-retã*, sitio da mãe de Deus, e *Cavajú-retã*, onde ha cavallos, ou região dos cavallos. Entretanto ha um outro vocabulo em guarany, pensamos que de menor alcance ou expressão, que tambem significa região ou logar em que ha este ou aquelle animal. Exemplos: *Vacca-cuá*, nas proximidades do *guá* do autor destas regras, que quer dizer onde ha gado bovino; *Burevi-cuá*, onde ha antas; *Nandu-cuá*, onde ha avestruzes. Sobre este ultimo temos que observar que pode tambem significar ninho da avestruz, porque este pernalto costuma pôr os ovos, que chóca, em buraco praticado pelo touro; o indio deparando-as assim accommodadas, foi logo baptisando: *ñandú-cuá*. Na região do Tápe, donde é filho Cezimbra Jacques, *abá-etê*, ha um ponto denominado *Toro-cuá*, cova de touro, Cremos que é isto em caminho de S. Thiago do Bôqueirão, extremidade occidenal da Serra do Mar, que a léste limita aquella região e ao sul divide-a com a dos Minuanos e Charrúas. O conego Gay, que sabia guarany, porque fôra muito lido em Montoya, inventor de varios symbolos para muitas vozes guaranys e um dos maiores cultores dessa lingua geral falada com pouca differença desde o Orenoco até o Rio da Prata, e além do que, tivera aquelle conego effectivamente junto de si quem lh'o illustrasse, escreve com a inicial u o noíne de um dos maiores dos rios deste *ĩ-guazú-retã*, e não se diga que poderá isso resultar de incorrecção typographica, porque elle repete em sua obra o nome desse rio com a mesma orthographia *Ubicuy*, quando devêra graphal-o, segundo Montoya, *ĩbicui*, rio de areias ou arenoso: *ĩbi*, terra, *cui*, fina, pulverisada, areia, em summa. E é justamente com esta denominação que a realidade objectiva se compadece: o rio *ĩbicui* tem realmente as suas margens arenosas, adunadas de uma areia fina, que lembra ou assemelha-se á do mar e desde longe alveja. Affirma o mesmo conego que o *Yácuĩ*, como deve ser escripto, segundo Ruiz de Montoya, foi, a principio, chamado *Ybai*, rio feio ou de aguas feias; não duvidamos porque em guarany ha muito nome de composição analogá: *Yporã*, rio bonito, *Ypuĩtã*, rio vermelho, *Yhũ*, rio preto, etc. *Abáĩ*, *Mbutuĩ*, *Yaguari*, *Comandã*, respectivamente rio do indio, das mutucas, do cachorro e do feijão: o primeiro no Paraguay, não é propriamente um rio, mas um arroio que se lança no rio Paraguay e corre proximo do plano em que se deu a batalha de 11 de Dezembro de 1868, e o inclyto Osorio foi ferido em pleno rosto, e os tres ultimos irrigam terras gaúchas, isto é, são do *ĩguazú-retã*, escrevemol-os e aquelles porque achamos singular a respectiva composição,

em que o substativo *ĩ*, agua, ora precede, ora succede. O padre ignaciano Nicolas del Techo, que foi cura em mais de uma redução de indigenas desta banda oriental do Uruguay, que andou pela provincia de Guayra e privou com o illustre Ruiz de Montoya, referindo-se em sua obra „Historia de la Provincia del Paraguay“, aos rios „Paraná-paneima ou nema“ e „Pirapó“, que ao norte das „Sete Quedas“ se lançam no Paraná pela respectiva margem esquerda, diz que o nome do primeiro significa escassez, pobreza de peixe, em opposição a do segundo, piscoso. Euclides da Cunha de algum modo louva a traducção do Padre Nicolas, quanto ao primeiro nome, quando diz que o tupí, para designar um lugar despovoado, esteril, tinha um termo suggestivo „Pora-pora-eyma“; quanto a do segundo o conego Gay põe embargo e cremos que com razão, dizendo que significa „Peixe que salta“: *Apõ*, verbo saltar, *Pirapó*, peixe que salta. E' este nome indigena o de uma corredeira do *ĩjuhy-guazú*, situada pouco antes da sua foz no Uruguay e que interessa-lhe ambas as margens; quando nas aguas minimas, fica-lhe ella á flor das mesmas. De modo que o peixe, tocado pela corrente, para transpol-a, tem de saltar, donde o nome consoante ao quadro ou á realidade pelo aborigena observado.

julgavamos estorvar sua emigração e bater, vinha manhosa-mente procurando-nos para bater-nos. Acampamos no Rosario, constando já nossa divisão unicamente de 600 a 700 homens, pois que as divisões forão extraordinarias, mormente da brigada do Major Moraes, gente dos suburbios de Porto Alegre. B. M. passou o rio Santa Maria em S. Borja e a 16 de março, vio-se parte de sua força, a qual indo observal-a o Major Moraes e P. Ribeiro da Companhia da Guarda Nacional da Encruzilhada affirmarão não exceder a 500 homens e neste presuposto resolveu o Coronel esperal-os em seu campo no Rosario. No dia 17, cedo, forão tocados os nossos descobridores e presos um ou dous e logo se aproximou o inimigo com sua columna que apesar de vir mui cerrada bem se via que excedia a muito mais de 800 homens.

O Coronel Côrte, fazendo mudar cavallos, poz tudo em ordem de ataque, escolhendo campo e postando nossa força em duas divisões, uma para atacar de frente e outra de flanco, aproximou-se o inimigo despresando acceitar nossas guerrilhas fez alto a tiro de clavina sobre nossa divisão da frente, os primeiros tiros de nossas guerrilhas lhe desorganisarão os esquadrões do centro e se todavia em vez do major Moraes commandante da nossa divisão sobre a frente mandar tocar a retirada, ordenasse a carga, talvez que o triumpho fosse nosso. O Coronel Côrte que estava na diviz.^m nossa que tinha de carregar de flanco, vendo que Moraes desfilava em retirada, com os seus esquadrões já em desordem, de um salto montou a cavallo levando inda pela força a sobre-sinxá desafivellada e encontrando Moraes, lhe perguntou — qual a razão desta retirada — porem ella estava feita e teve o Côrte de ordenar que a divisão de flanco tãobem se retirasse. O inimigo com tudo se conservava immovel, o que por certo bem mostrou que o veterano B. M. tãobem estava esquecido de mandar huma carga ou que conhecia a fraqueza, e indecizão de seus esquadrões, seja o que fôr, o caso é que passou a primeira divisão de Moraes o passo e com sua retaguarda passamos os da segunda, sem que o inimigo se resolvesse a carregar-nos, dando-nos só alguns tiros que com a gritaria, e tiros, que para traz desprestavam os da divisão da frente, fazia um contraste bem extraordinario.

Apezar dos esforços de alguns commandantes, não foi possivel reunir-se no passo gente que atacasse o inimigo, o qual vendo tanta debandada, se haviam já aproximado sobre a barranca: desfilavão a galope nossas forças já extraviadas, o que, visto pelo inimigo o encorajou a forçar os poucos bravos que defendiam o passo, e carregar sobre os dispersos, resultando matarem-nos trinta e tantos e fazerem cento e tantos

prisioneiros, em cujo numero estava o Coronel Côrte, por sua sem par bravura. Nesse mesmo dia da derrota, o 17 de março de 1836, soube-se que o commando superior estava com sua força pelas pontas do Vaccacahy e o Commandante das Armas Lima, havia chegado tarde em Cacequi. Os restos dispersos da divisão se forão a seus districtos, sem que official algum os podesse conter, dizendo abertamente que havião de hir por força a suas casas.

Si a catastrophe de hão dado ao tyranno R., algumas vantagens, todos esperão que os povos lançarão um grito geral, tão aterrante como unisono, que abale os cimentos do poderoso tyranno e que desp. de uma luta gloriosa, conseguirão finalmente derrubal-o.

R. . . Sr. . . G. . . tem por principal apoio em esse plano de sanguinolenta dominação que está desenvolvendo, o terrorismo, que ostenta, e todos os homens pensadores que observão a verdadeira situação social desse paiz, receião justamente que se não se empregão meios analogos para combatel-o, a luta será sempre vantajosa para esse tyranno.

O partido que primeiro emprega o terror, é sempre o mais debil em numero, ou força moral, porem, como o terror alonga os cobardes, e obriga a capitular os egoistas, o partido que o emprega obtem vantagens visiveis, como se tem visto, que o ha logrado R.

V. S.^a ha visto triumphar a R. da campanha de. . . sublevada contra elle ha 15 mezes ha, sem outras armas que o terrorismo e huma pouca força mercenaria.

Dez mezes desp. q.^{do} o Gal. L. desembarcou em. . . R. obrigou a centenaes de seus inimigos a incorporar-se a suas filas, ameaçando-os com o exterminio de suas familias, e saque de suas propriedades, e he bem certo que esses homens a quem o medo conduzia a arrolar-se nas filas do tyranno R. se houveram encorporado ao Gal. Lima. . . se estivessem seguros de serem tratados do mesmo modo por este, encontrando-os nas filas do tyranno.

Creio pois evidente que o medo e o egoismo engrossarão consideravelmente as filas de R. em aquellas circumstancias e que a generosidade do Gal. L. só serviu para que todos comparassem o destino que podia caber-lhe e se retrahiram-se da ideia de unir-se ás bandeiras do Exercito da Liberdade.

Se ha visto Sr. Gal. o gr.^e partido que tem tirado o frade A. . . em as pro.^{as} de C. com o systema do terror, não obstante

que as 9 decimas partes de sua povoação o abominão. El ha sacado sin embargo, recursos consideraveis, da d.^a prov.^a, por outro arbitrio que o medo que ha sabido inspirar a seus inimigos.

Se pois R., e A. . . odiados em suas prov.^{as} respectivas hão sabido sacar tanto partido do terror para manter-se no poder, quantas vantagens não obterá V. Ex. amado como é e respeitado por todos os povos do, e coadjuvado dos mesmos chefes, que podem secundar energicamente: o unico systema que pôde fazer triumphar o Povo. A. . . do tyranno, que o agonia e deshonra.

Para isto, seria mui importante que V. Ex. como Chefe da . . fizesse huma declaração solemne, de que empregará vigorosas represalias de todo attentado que commetter R., e seus sequases, já sobre prisioneiros de guerra, já sobre visinhos inermes.

Ha alguns homens bastante vís, ou cobardes, que se manifestão partidarios de R., porque creem assegurar assim a fortuna que possuem. Porque estes homens se degridam do dito contra R., he preciso que saibam evidentemente que perderão a fortuna e a vida se continuão sendo o que hão sido athe agora em as repressalias que devem empregar-se para refrear os attentados de Rosas.

Deste modo saberão os egoistas que se intitulão amigos de R. os que se jactam de uma crimínosa indifferença, que para salvar a vida e a fortuna, he preciso que ajudem a destruir a tyrannia.

Correspondencia

Ill.^{mo} Sr.

Incluso remetto a V. S. huma Proclamação minha com data de hoje, e outra do Juiz de Direito Interino desta Villa, para V. S. fazel-as ler na frente da Força Libertadora de seu Commando. Deos Guarde a V. S. por muitos annos. Quartel em Rio Pardo, 30 de Setembro de 1835.

Ill.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura,
Major Commandante da Guarda Nacional
da Villa da Cachoeira.

Bento Gonçalves da Silva.
Coronel Comandante das forças.

Fundado na disposição do art.^o 14 do Decreto de 25 de Outubro de 1832, nomeio a V. M. Major de Legião de Guardas Nacionaes da Comarca de Rio Pardo, de que he Chefe Gabriel Gomes Lisboa: o q. lhe communico para que haja de entrar no exercicio do referido Emprego.

D.^s G. a V. M. Porto Alegre, 15 de Dezembro de 1835.

Dr. Marciano Per.^a Ribr.^o

Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Major da Guarda Nacional na Comarca do Rio Pardo.

Registrado a f. 33 do L.^o de Sem.^{es}

Secretaria da Camara da V.^a da Caxr.^a, 3 de Fevereiro de 1836.

O Secret.^o M.^{el} Alves Ferraz Jr.

Prestou juramento em sessão extraordinaria de 3 de Fevereiro de 1836.

O Secret.^o M.^{el} Alz. Ferraz Jr.

Ill.^{mo} Sr. S. Mr. Antonio Vicente da Fontoura.

Tomo a deliberação de escrever-lhe esta carta para o fim de participar a V. S. que ante hontem tomei posse da Presidencia da Provincia na Camara Municipal desta cidade, visto que o meu estado de saude me não permittia fazer viagem para Porto Alegre. V. S. não ignora os embaraços de que me vejo cercado á vista da falta de concordia que se observa entre nossos patricios e muito bem deve saber que só por mim nenhum bem poderei trazer á Provincia nem livral-a dos males da anarchia e dos planos de alguns mal-intencionados Republicanos se não for ajudado por todos aquelles que sinceramente se interessão na paz e prosperidade da nossa Patria. Felizmente o numero destes he consideravel e entre elles eu considero a V. S. a quem conto como hum amigo, e como pessoa que se interessando realmente pela nossa Patria não deixará de me ajudar a sustentar a boa ordem, a lei, e a união do Brasil. Todos os meus actos se encaminharão para esses fins, e desde já lhe dou toda a liberdade de se dirigir a mim e de me pedir explicações sempre que lhe parecer que qualquer medida de minha administração, não vá de accordo com esses principios. Tenho a satisfação de ser

R.^o Gr., 17 de Janeiro de 1836.

De V. S.
am.^o e attencioso Venerador
J. de Araujo Ribeiro.

Ill.^{mo} D.^{mo} e Sr. Fontoura.

Santa Barbara, 21 de Janeiro de 1836.

Recebi a sua apreciavel carta, e adijunta copia que s. mesmo me tinha dito o Coronel Bento Gonçalves em carta de 27 do que finda; hera o mesmo que devia esperar aquella cambada de empostores que só para transtornar a ordem servem.³⁾ No

³⁾ Que coincidência! Aqui cambada de impustores que só para transtornar a ordem servem e na proclamação junta — são os miseros Anciãos cujas venerandas cans adereçadas de serviços a Patria, e á Religião merecião que se lhes catasse m.^s respeito.

mesmo dia 27 se reuniu Assembléa, e officiarão ao Presidente fazendo ver o transtorno na Capital com a falta delle, pois o Dr. Marciano demetio-se, no dia 22 como se vê de sua Proclamação e me parece com a vinda do Presidente para Porto Alegre ficará tudo concluido no entanto eu me retiro para a Bocca do Monte athe ver os ultimos resultados. Sou com estima De VS.^a Am.^o Parente e Obr.^o

Bento Manoel Ribeiro.

As cartas juntas terá a bondade remeter aos seus dest.^{os}

Ribeiro.

Meu bom Patr.^o e Am.^o

Leão, 4 de Fevereiro de 1836.

As respostas que o Sr. deu ao Commandante das Armas e ao Dr. Araujo Ribeiro, são tão Patrioticas e concizas, que eu lhe peço licença para mandal-as imprimir.

Grecencio Commandante da Fronteira de Jaguarão e Netto, Coronel de Legião tão bem responderão no mesmo sentido, porem não frisarão o negocio com tanta verdade, e decernimento, cujas copias me remeterão assim como outros muitos, a que Araujo se dirigio e todos pedirão-me ordens que já as dei, não para serem os agressores mas sim para reunirem em um ponto os Patriotas de 20 de Setembro e esperarem minhas ultimas determinações. Julguei por este o modo de impor respeito aos traidores e de punir aos retrogrados que tem levantado o lobo com o labor daquelles. Não vacilemos meu Am.^o valle mais morrer Livre do que viver escravo, como disse o grande Catão.

Saude lhe dirige seu
Am.^o e Cam.^a

Bento Gonçalves da Silva.

Ill.^{mo} Sr.

Recebi o officio de V. S. datado em 4 do corrente cujo me foi hoje entregue em razão de que me achava ausente desta Povoação sendo assim preciso fazel-o afim de dar algumas providencias tendentes á Causa Nacional. Agora pois passo a responder a V. S. intelligenciando-o que em virtude da ordem do Ill.^{mo} Sr. Commandante Geral das G. N. passo a dar as providencias que V. S. me pondera certo de os G. N. estão avisado e promptos mas não he possivel fazer junção sem que Bento Manoel se alongue deste Districto, pois tem em muita attenção as reuniões do mesmo, tanto que já officiou ao juiz de Paz, fazendo-o responsavel pelas reuniões que se fizerem, e que hade mandar carregar sobre ellas pelas forças de seu commando. He quanto pode chegar a arbitraria marcha daquelle Ex.^{mo}

Com tudo estão promptos ao primeiro aviso que eu lhes mande fazer, advertindo-lhe que ao Comm.^e das Armas se vão engrossando as forças e muitos são os retrogrados que o rodeiam e deve já estar com seiscentos homens para mais, e muita cavalhada o que lhe sirva de governo para participar ao nosso Comm.^e Geral. D.^s G.^e a V. S.^a

São Gabriel, 8 de Fevereiro de 1836.

Ill.^{mo} Sr. Major de Legião da Comarca do Rio Pardo.

João Antonio da Silveira F.^o
Tenente Coronel Commandante dos G. N.

Ill.^{mo} Sr.

Tendo hoje com bastante delonga recebido com o officio datado de 21 do p. p. mez do Ex.^{mo} Sr. Dr. Marciano Pereira Ribeiro, então Vice-Presidente da Provincia no qual me participa haver demitido naquella data Gabriel Gomes Lisboa, Coronel de Legião, por não ter este prestado juramento, como lhe cumpria fazer, e ao mesmo tempo por haver, promovido reuniões illegaes, a despeito de minhas ordens, segundo communicações passadas ao mesmo Ex.^{mo} Sr., e haver nomeado em seu lugar o cidadão Affonso José de Almeida Côrte Real: apresso-me portanto a communicar a V. S. a referida deliberação da Vice-Presidencia para que tenha a devida execução.

O mesmo cidadão Affonso Côrte Real segue nesta occasião para esse Municipio a prestar juramento, depois do qual V. S.^a o fará reconhecer como Coronel de Legião dessa Comarca, e lhe entregará as instrucções, que em data de hontem, e hoje lhe remetti, ficando V. S.^a debaixo de suas immediatas ordens. Eu conto que se porá em pratica tudo quanto tenho nellas determinado, conservando a melhor harmonia, que tanto se faz preciso na presente crise, para bem e prosperidade da nossa cara Patria. D.^s G.^e a V. S.^a

Campo, 8 de Fevereiro de 1836, ás 8 horas da noite.

Ill.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Major de Legião da Guarda Nacional da Comarca de Rio Pardo.

Bento Gonçalves da Silva.

Coronel Commandante Superior interino.

Ill.^{mo} Sr.

Hontem por Salles me foi entregue o seu Officio de 9 do corrente, e emposto de quanto me expendem cumpre-me dizer-lhe que deixei ordens ao Alferes Maneca e Tenente Coronel João Antonio da Silveira que ficarão na frente de São Gabriel para fazer recolher todas as cavalhadas daquelle ponto para dentro, e pol-as á disposição de V. S.^a bem como de participar-lhe todas as novidades por alli occorridas. Muito convem segurar o tal Imidio e desfazer sua reunião. Quanto a vestuario, por momento espero grande porção de Porto Alegre para soccorrer á nova Coluna que estou organisando; porem no entanto que este soccorro não chega a este ponto lance V. S.^a mão de algum vestuario que existe no Rio Pardo, pertencente ao segundo ou terceiro Corpo de Linha. He preciso toda actividade na reunião de forças nesse ponto na conformidade de minhas anteriores ordens, no entanto que eu mui prompto avançarei para essa parte com 500 ou 600 homens; mas se porem o inimigo avançar com forças que não possa V. S.^a obstar, repregue-se sobre o Districto de Santo Amaro trazendo consigo toda a cavallada, e faça junção com o Capitão Manoel Joaquim de Sz. que já alli se acha, e dalli dirigirá seus movimentos segundo as ordens que eu houver dado respeito. Muito confio na sua actividade, e patriotismo, e fique certo que as vantagens todas estão da

nossa parte, embora os malvados obtivessem esse pequeno triumpho. Acabo de receber o seu de 8 e com elle a copia que se dignou incluir pela qual fico imposto das imposturas e embustes de Bento Manoel. Quanto ás despesas que V. S.^a fizer com proprios, leve disso apontamento que lhe serão satisfeitos logo que me apresente. Suponho já nesse logar o Porta Estandarte Amaral com vinte e tantas Praças que para alli mande e V. S.^a os reuna assi, pois elle he muito activo, e deve cuadjuval-o não só na reunião dos mais Cidadãos como na vigilancia que deve haver sobre o Jacuhy apesar das partidas que assimamenciono deixei na frente. Não tenho noticia do Capitão Agostinho mais estou certo de que se elle foi a Porto Alegre será soccorrido de quanto foi requisitar. Dirija-me V. S.^a com promptidão parte das novidades que por ahi occorrão afim de eu melhor dirigir os meus movimentos, cuja demora só será tanta quanta seja precisa para concluir a reunião dos contingentes dos diversos Districtos deste Municipio que já estão em movimento. Deos Guarde a V. S.^a

Barra do Arroio dos Ratos, 11 de Abril de 1836.

Ill.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, M. de L. da Comarca do Rio Pardo.

Bento Gonçalves da Silva.
Coronel Commandante Superior.

Ill.^{mo} Sr.

Hontem recebi seu officio e carta com data de 30 do preterito, e imposto do seu conteudo, cumpre-me dizer-lhe que espero continue a desenvolver toda a energia que a crise exige. Acabo de receber hum officio do Juiz de Paz dessa V.^a Noé Antonio Ramos em que me participa o apparecimento de hum força de Bento Manoel em Santa Barbara, junto a Caçapava, e como reconheço ser hum pequena força por elle alli postada para occultar sua marcha para a parte do Rio Grande, achando-se no dia 8 nas alturas de Jaguarão com todas as suas forças, convem que marchem sobre aquella força e dest'arte mais facil será seu desbaratamento, fazendo junção com o Tenente Coronel João Antonio da Silveira, logo que consiga dispersar esta, deve sem perca de tempo marchar sobre algumas pequenas guardas que existão nas immedições de Missões, seguindo para

Butucarahy, fazendo dalli retirar todas as cavalladas para Rio Pardo, e inutilisando, devendo nessa occasião reunir alguns Patriotas que existão por aquelles Districtos; este movimento se torna indispensavel e não deve perder hum momento em pratical-o, inda mesmo antes de marchar sobre esses que existem em Santa Barbara, podendo mandar para alli huma pequena partida de observação. Eu me não atrevo a fazer reflexões sobre a marcha que deve seguir, por não ter verdadeiros conhecimentos locaes e topographicos; bem certo nesses existirão muitos praticos, limitando-me a recommendar que deve V. S.^a preceder em suas marchas todas as precisas cautelas.

O incluso officio depois de imposto d'elle, o dirigirá a seu destino. Deos Guarde a V. S.^a

Campo Volante em Cahy, 16 de Abril de 1836.

Ill^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Major de Legião da Comarca de Caxoeira.

Bento Gonçalves da Silva.
Coronel Commandante Superior.

Meu estimavel amigo Sr. Fontoura.

Caçapava, 9 de Novembro de 1839.

Hoje de manhã r.^{ei} a sua preciosa de 4 do corrente, e pouco depois communicações de Porto Alegre, Santa Catharina e Vaccaria. Canabarro tem a sua frente 1600 homens, os Catharinetas os desamparão aos 20 e mais, todos os dias. Lages está em poder da Divisão de S. Paulo, e a Vaccaria quasi toda em poder de Candinho & &. Isto eu desgraçadamente previ e reclamava do Sr. Presidente toda a sua attenção para aquella parte porem elle que quer ser negociador, administrador e general tudo tem despresado & & mas eu trêmo de qualquer revez. O Ex.^o que ir ha Porto Alegre tambem he ameaçado; mas eu vou mandar reunir tudo e confio que nossa luta acabará neste verão. A noticia de Moringue não foi verdadeira visto que sendo de 4 os officiaes dalli recebidos, nisso me não

falla o general. Dedeco e Januario Tostes depois do encontro com o Amigo Fructuoso querem hir a S. Maria: elle lhe escreve e lhe dirá o que sabe a respeito. O muito que fazer me não deixa ser mais estenso.

De V. S.

Am.^o sincero mt.^o obrigado

Domingos José d'Almeida.

Ill.^{mo} Sr. Fontoura.

Caçapava, 9 de 10bro de 1839.

O procedimento escandaloso do Coronel Agostinho, as mais das vezes embriagado, e sempre prevaricador, tem causado bastantes embaraços á marcha regular das coisas e obstruido por isso mesmo o Publico Serviço.

Ninguém melhor que V. S. conhece seos escandalos e depredações em consorcio com seu decrepito Pay — digno por certo de tal filho.

Tambem não lhe he desconhecida a discordia que por tal motivo reina entre elles e o nosso Juca; cujo character recto e patriotico não podia transigir e conciliar-se com hum homem de principios tão oppostos aos seos. He para admirar e honrar-se a prudencia, que nesta conjectura tem desenvolvido este jovem caloroso. Porem já não ha mais meio de suffocar a chamma: e quando o houvesse já se não podia realizar sem grave prejuizo da Causa Publica. Um Delegado do Governo que rouba descaradamente, que se embriaga diariamente e neste estado desatende aos melhores patriotas, e que por fim estorva e difficulta as reuniões que promove o Commandante do Corpo, não pode nem deve continuar sem descredito para o Governo e males para a nossa Patria. Nestas circumstancias, meo Pay propoz ao Governo a medida de demittir aquelle demerito official e nomeiar para o substituir, a V. S. Todos sabemos que será para V. S.^a um grande incommodo deixar sua casa para ir mais longe empregar-se no serviço, que todavia presta ahi mesmo. Estamos porem seguros de seu Patriotismo, e esperamos que olhando para o lamentavel estado de desordem e desmoralisação a que esse relaxado tem reduzido aquelle Municipio, não vacillará V. S.^a em fazer mais este sacrificio para restabelecer ali um regimen regular, e fiscalisar mais de perto o extravio dos dinheiros publicos.

Lembre-se que os desaguiçados de Lages podem estender-se áquelle Municipio si hum homem intelligente e activo não for alli remediar os alheios erros. No seu Municipio tem V. S.^a já estabelecido huma pratica regular por onde, me parece, que poderá o nomeado substituil-o sem detrimento para o serviço. Entretanto que naquelle se precisa hoje um homem creador e capaz de regularisar as coisas. Em seis mezes que V. S. por lá esteja pode deixar aquelle em um estado capaz de ser então administrado por qualquer, porem hoje V. S. sabe quanto são intrigantes os Mellos e não cessarão de trabalhar occultamente para deixar mal ao que lá for e particularmente ao Juca.

Eu espero pois que penetrado da necessidade de seus serviços ali, V. S. se prestará como sempre ao bem do Paiz.

Nisto eu tenho o sincero desejo de ver respirar ali, como nas outras partes, a ordem e a moral e em segundo logar desejo que o Juca não fique mal — sobretudo porque foi mister vencer alguma repugnancia — pois bem sabe que os máos em sendo intrigantes tem muitos Padrinhos.

Breve regresso para Alegrete donde ao saber de sua resolução marchará o Juca com o corpo para Cruz Alta.

Disponha do seu Parente e Amigo V.^{or}

Sebastião Ribeiro.

III.^{mo} Sr.

Estando soffrivelmente organisadas e em regular andamento as Collectorias Parciaes do Estado, desnecessarias se tornão as Geraes pelo Avizo de 1.^o de Outubro de 1838 creadas e por taes razões S. Ex.^a o Sr. Vice-Presidente da Republica ha por bem dispensar a V. S. do emprego de Collector Geral dos Municipios de Cruz Alta, Lages, Rio Pardo e Caçapava e muito lhe agradece os serviços que como tal ha prestado á Nação: o que lhe communico para sua intelligencia, e para que sem demora remetta ao Cidadão Inspector Geral do Thesouro todas as contas, Balancetes, e Documentos que das Collectorias parciaes e da Geral a seu cargo tenha em seu poder. Deús Guarde a V. S.^a — Secretaria da Fazenda em Caçapava, 4 de Março de 1840.

Domingos José d'Almeida.

III.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura.

Amigo Sr. Fontoura.

Caçapava, 20 de Março de 1840.

Pelas duas horas da manhã de hoje veio-nos ás mãos os avisos de que o inimigo em numero de 1400, inclusive 100 infantes e Cavallaria, marchava hontem pelas oito horas na direcção ou desta Capital ou de S. Gabriel, o que a ser certo, sendo que vinhão a este destino, aqui o teremos pela tarde ou amanhã cedo. Vindo Crescencio em hum flanco, e esperando-se por outro o Coronel João Antonio, assentamos de esperal-o neste mesmo ponto, apesar de não termos cem homens de combate: porem o que não vence a boa vontade?

A Capital da Republica sucumbirá depois de não existir hum só dos Membros do seu Governo, e para salv-a de todos os pontos voarão os verdadeiros republicanos.

He de presumir que esta operação tenha por fim somente a reunião de Calderon, sua rapida marcha ao Novo Triumpho, seu embarque ahi para Cahy, e seu bote sobre a Divisão do Centro; mas nossos bravos tudo cruzarão, e nossa justa demanda se ultima com a perda desta Divisão.

A pressa nada mais me permite.

De V. S.

Sincero e Obrigado Amigo

Domingos José d'Almeida.

Meu precioso Amigo Sr. Fontoura.

Caçapava, 12 de Maio de 1840.

Com a sua de tres do corrente hontem recebi as sette onças e cincoenta patações que me enviou. A occasião não podia ser melhor: com este pouco dinheiro, quanta gente accomodei.

Já he a terceira vez meu am.º que o aspecto de nossas cousas me tem sobre carregado de dissabores e desconfianças.

Agora nem sobre mim já achava suprimto e nunca fui tão mortificado: toda a nossa gente se diz estar nua, e toda ou quasi toda quer viver á eusta do Estado, e não conforme as suas circumstancias. Já não posso; e ao primeiro ar bonançoso retiro-me infallivelmente. Contando com os socorros exigidos de Ferreira Guimarães e de Rodrigo como com

Transposto o galho do Arroio Grande, encorporaram-se-lhe o capitão Jeronymo José Nunes e o tenente Serafim Ignacio dos Anjos, com 12 homens, que com os 3 que defenderam a casa, prefaziam o total de 35 homens.

Verdum perdeu, no ataque á casa, o capitão oriental Pancho Ortiz, ficando portanto, tambem com 35 homens, na maioria officiaes.

Sendo perseguidos e alcançados na estancia de João dos Santos Campello, onde travaram combate, foram derrotadas as forças de Verdum, deixando mortos no campo 15 dos seus, inclusive Chiverte e Rolim. Dos legalistas morreram o capitão Jeronymo e uma praça, e sahiram feridos o alferes Serafim Caetano Alves Vieira e mais tres homens.

Perseguidos os fugitivos, que no dia seguinte já estavam reunidos no arroio do Bote, ali foram derrotados no dia 23, deixando mortos cinco, entre elles Verdum, que havia escapado ferido do combate.

Sabendo Silva Tavares que o capitão Domingos Crescencio de Carvalho, que comíandava o 4.º regimento, tinha proclamado, adherindo á revolução, chamou a encorporar-se-lhe o major David Francisco Pereira e o tenente Pedro José Nunes, com a gente que já tinham reunido, e crescendo dia a dia estas forças, marchou a 27 para a villa de Jaguarão á frente de 180 homens.

Na madrugada de 28 surprehendia a força ao mando de Crescencio, que se recolheu ao quartel, onde resistiu. Capitulando Crescencio, foi-lhe permittido retirar-se para o Estado Oriental com os officiaes que o quizessem acompanhar, compromettendo-se a não tomar armas contra o governo legal.

Passou a fronteira no mesmo dia, ficando Silva Tavares já ali com mais de 280 homens, augmentando as suas forças rapidamente como o povo que se lhe reunia.

Dali passou para o Herval, onde chegou com perto de 300 homens militarizados, no dia 30 do mesmo mez.

Marchou no dia 3 de Outubro com direcção a S. Lourenço, no municipio de Pelotas, onde se faziam fortes reuniões para os rebeldes.

Passou o Arroio Grande no passo do Retiro e ahi se lhe encorporou o major Manoel Marques de Souza (depois Conde de Porto Alegre) com 42 homens.

Tendo este accettato a proposta de suspensão de armas por cinco dias que lhe fizera Florentino Antunes da Porciun-

cula, chefe rebelde e cunhado de Bento Gonçalves, forçoso foi esperar os tres dias que faltavam, não obstante a desapprovação que merecera a Silva Tavares tal condescendencia de seu amigo.

Findo o prazo estava já Florentino Antunes ³⁾ com mais de 600 homens, porem indisciplinados e mal armados, e a força legal constava de pouco mais de 300 homens. Atacados, foram completamente derrotados os rebeldes, deixando mortos no campo 40; dos legalistas morreram dois e foram feridos cinco.

Tendo deixado Silva Tavares no Herval e municipio de Jaguarão o major David Francisco Pereira e o tenente Serafim Ignacio dos Anjos com 30 homens procedendo a fortes reuniões, contramarchou para encorporar-se a elles.

No mesmo passo do Retiro encontrou-se com Antonio Netto no dia 15 desse mez. Este com mais de 800 homens tinha feito marchas forçadas desde Bagé, em busca de Silva Tavares. Encontrados ali com forças tão desiguaes, travaram fortes guerrilhas todo o dia, sem que nem um nem outro podesse transpor o passo.

Ao anoitecer Netto dividiu a sua gente, e mandou parte della atravessar outro passo que havia um pouco acima, no Arroio Grande.

Descoberto esse movimento, que tinha por fim obrigar Silva Tavares a abandonar o passo, do que lhe resultaria inevitavel derrota no dia seguinte, este dispersou á noite a força, marcando ponto de reunião no Herval, onde se achariam o major David e o tenente Serafim Ignacio dos Anjos com a gente que tinham reunido, e transpoz o S. Gonçalo na barra.

Não pôde conseguir essa encorporação, porque, tendo os rebeldes feito emigrar o general Barreto, para o municipio de Jaguarão, convergiram todas as suas forças procurando desbaratar a unica força legal que existia na provincia. Assim é que viu-se obrigado a emigrar para o Estado Oriental, com os homens que tinha, recolhendo-se á sua estancia de Taquary, esperando occasião de voltar á provincia.

Vindo da Côte o Dr. José de Arujo Ribeiro presidir a provincia, officiou a Silva Tavares, convidando-o para voltar a tomar parte na defeza da integridade do imperio. Não se fez elle esperar, voltando logo com a gente que comsigo conservava, sustentando-a á sua custa e montada em cavallada

³⁾ Estava na mesma força o coronel Manoel Antunes da Porcunculula, irmão de Florentino; variam as noticias de qual delles commandava a força, sendo ambos coroneis.

sua, apresentou-se no municipio de Jaguarão, reunindo ali quanto pôde, e incorporando outras reuniões dos municipios de Pelotas e de Piratiny, marchou com perto de 300 homens a reunir-se á força de Bento Manoel, o que effectuou no passo de D. Pedrito, onde estavam já reunidos o coronel Medeiros e outros chefes, formando um pequeno nucleo de exercito.

Foi entregue o commando da vanguarda a Silva Tavares, e no passo do Rosario, em Santa Maria, encontrando-se com a força de Corte Real, de mais de 600 homens, atacou-o, pondo-o em completa derrota, sem que do exercito lhe fosse preciso o menor auxilio. No campo do combate ficaram mortos e prisioneiros 180 homens, entre estes Corte Real. Da força legal só foram feridas seis praças.

Poucos dias depois ordenou-lhe Bento Manoel que voltasse aos municipios de Jaguarão, Piratiny, Pelotas, e até ao Rio Grande, activando as reuniões e operando convenientemente.

Em Junho de 1836 atravessou o S. Gonçalo no passo dos Canudos, e já se achava com perto de 400 homens acampado no Povo Novo, quando Netto e João Manoel de Lima atravessaram tambem o S. Gonçalo no passo dos Negros, com o fim de atacar a cidade do Rio Grande, que ainda se achava desprevenida de defesa.

Silva Tavares retirou-se para Cayubá, vagarosamente, chamando-lhes a attenção.

Para ali se dirigiram os rebeldes, travaram forte guerrilha no dia 13 de Junho, batendo-se todo o dia em retirada com direcção a Tahim, onde terminou a guerrilha já de noite, sendo feridos os alferes Serafim Caetano Alves Vieira, e mais tres praças legaes.

No dia seguinte continuou a retirada em guerrilha mais fraca, em direcção á fronteira do Chuy, até onde a levou, assim distrahindo o inimigo de seu ponto objectivo, emigrando em seguida para o Estado Oriental.

Os rebeldes contramarcharam para o Rio Grande, que já encontraram fortificado, e perdendo assim o fim de sua empreza, limitaram-se a sitiá-lo por poucos dias aquella cidade.

Silva Tavares no Estado Oriental foi intimado pela guarnição da fronteira para entregar as armas; oppoz-se a isso, e marchou. Não obstante ser diminuta, a força oriental perseguiu-o e elle teve de forçar as marchas para não comprometter-se em combate contra os orientaes.

Em marchas precipitadas, sem tempo para comer nem descansar, atravessando Olimar e Sebolaty, com mil difficuldades, no fim de cinco dias chegou á sua estancia em Tacuary.

Tendo mandado da estancia do Ramirez aviso a seu capataz, já encontrou ali 30 rezes mortas e toda a cavallhada da fazenda reunida. Chegou ali ao pôr do sol, descansou a força, comeram e tomaram cavallos em bom estado para marchar ás 3 horas da madrugada do dia seguinte, vindo no outro dia atravessar o Jaguarão no passo do Centurião e achou-se de novo na provincia com 300 homens.

No municipio de Jaguarão activou as suas reuniões para compensar o extravio que tinha tido com a precipitação da marcha atravez do Estado Oriental.

Reunidos ali seus agentes, elevou a sua força a 350 homens. Luctando contra todas as difficulddes no rigor do inverno e com muito poucos recursos, accelerou as operações, dirigindo-se para o Candiota em busca de Antonio Netto, que já se achava no municipio de Bagé tambem reunindo. Mandou descobrir-lhe a força por um agente de confiança, que o informou que pouco mais de 400 homens teria. Resolveu ir ao seu encontro, porque contava com 380 homens. Netto tambem já o procurava, combinado com o coronel oriental Calengo Sanes, que o devia auxiliar.

Na noite de 9 de Setembro atravessou esse coronel o rio Jaguarão-Grande, no passo do Salso, com mais de 200 homens preparados, com cavallhada para a peleja, que se travou no dia 10 nos campos do Seival. Persuadido Silva Tavares que teria á sua frente Netto com 400 homens, encontrou-se com mais de 600. Disposta a força em linha de combate, Silva Tavares entregou o commando da ala esquerda ao major David Francisco Pereira, occupando posição vantajosa, e não obstante o muito que lhe merecia este official, que tinha vindo ás suas ordens commandando um esquadrão, o tenente Pedro José Nunes, tido e havido pela primeira lança daquella época, mostrou-lhe o perigo que corriam aquelles combatentes que transpuzessem a canhada que tinham na frente com uma regular sanga.

Dirigiu elle o combate, commandando a ala direita, que, tendo favoravel terreno carregou com vantagem sobre o inimigo e fel-o recuar, levando-o de vencida. Nessa occasião uma bala cortou a cabeçada do freio do cavallo de Silva Tavares, que desfilou numa carreira vertiginosa, levando a confusão á sua gente.

O major David Pereira, vendo a vantagem da ala direita, despreza o perigo previsto, transpõe a canhada e a sanga, soffrendo nessa occasião a carga do inimigo com força dobrada e favorecida pelo terreno. E' esmagada a ala esquerda legal, levando-a em batida e contornando a ala direita pela retaguarda,

pertendia saldar! Outras occurrencias inda há de maior monta, e que por falta de tempo não examinei mas irei fazendo o que puder.

Aproveitado a occasião para rogar-lhe não deixe de instruir-me de noticias sobre o inimigo pois depende muito o acerto de alguns ou muitos actos do Governo o estar em dia de seus movimentos.

Não poupe ao

seu patricio muito afeiçãoado e amigo

Fontoura.

Bagé, 26 de Novembro de 1841.

Camarada e Amigo.

A vinda de varias pessoas da cidade de Pelotas e seus suburbios me asseverão que o Conde Gallego, entrando naquella cidade, unicamente para mostrar-se; na madrugada immediata, se retirara: esta noticia supponho veridica; mas como nada me haveis dito, segue em andamento a reunião determinada: porem conto que tomareis em consideração — caso o inimigo nada tente de prompto — o demorar ou não, essa reunião, no emtanto que deveis mandar acossar com energia os grupos que enfeslão a margem esquerda do Camacuam, antes que elles passem a esta parte e arreiem algumas cavalladas, e fação mais alguma victima! pois acabo de ter parte que Galvão de Freitas e outros se achão no Rincão do Freitas ou suas immediações emboscados: disto não tenho huma certeza mas o facto que por alli é o cobiculo de toda essa orda de malvados, e onde encontrão todo o apoio por serem a maior parte nossos inimigos. O Major Israel que aqui estava o fiz seguir ao mto. que recebi vossa carta afim de elle ir dar execução a vossas ordens. O Arranjo para J.^o Carlos já mandei para o Alegrete.

Sem mais disponde de vosso Amigo e Patricio

B. G. Silva.

28 de Janeiro de 1842.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Em resposta ao officio de V. Ex. datado d'ontem, cumpre-me informar a V. Ex.^a que pelos Livros da Contadoria consta dever o Estado ao Negociante João José Victorica a quantia de 917\$467; e posto que por contas liquidadas ultimamente em 18 de Maio de 1840 pelo Contador Ferrugem appareça um saldo a favor de Victorica de Rs. 4:677\$244, acha-se-lhe debitada a quantia de Rs. 3:759\$780 a qual se não pode saber de que he proveniente pelo extravio do Diario e outros Livros da Contadoria.

O Negociante João Pedro Ramirez não tem contas com o Estado, apenas foi o fiador da contracta celebrada entre Victorica e o Governo deste Estado.

Em 17 de Dezembro p. p. me foi ordenado pelo Ministerio da Fazenda mandasse dar da estancia do finado dissidente Marechal Sebastião Barreto ao mencionado Victorica oito mil rezes de toda qualidade, sendo quatro mil de conta do Governo e as outras quatro mil por conta do que deve o Estado ao Cidadão Domingos José d'Almeida, em 12 do corrente mez me foi novamente ordenado mandasse dar oito ou dez mil rezes se possivel fosse das Estancias do Carmo, Batovi e das do Pedroso, por conta do gado que o Governo tinha de entregar a Victorica; ficando sem effeito a ordem anterior.

Deos Guarde a V. Ex.^a Secretaria do Thesouro em Bagé, 28 de Janeiro de 1842.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Fazenda.

Manoel Miz da Silva Lemos.

Ill.^{mo} Sr.

31 de Janeiro de 1842.

Tendo o Cidadão Domingos José d'Almeida feito varios suprimentos ao Estado, como devem todos saber pelo assentamento do Thesouro e exigindo o seu pagamento em gados de criar, eu julgo attendivel sua pretensão, e rogo por isso a V.

Ex. se sirva assim ordenar, podendo lançar mão dos gados da Estancia da Musica que supponho propria para o effeito. D.^s G.^e a V. Ex.^a. Quartel General em Gangussú, 31 de janeiro de 1842.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Ministro da Fazenda.

Bento Glz. da Silva.

Cidadão General.

O Governo a quem foi presente o officio que em data de 6 do corrente me dirigisteis, approvando a medida por vós tomada relativamente a nomeação de hum collector interino em quanto que o effectivo se não apresenta bem como a arrecadação da herva matte pertencente aos dessidentes, vos authorisa tão bem a dareis aquellas providencias que de urgencia reclamavam todas as arrecadações de fazenda.

Quanto a herva matte lhe dareis o destino que julgardes mais conveniente, dispondo-a ou enviando-a a hum ponto seguro.

Deos vos Guarde Cidadão General.

Secretaria da Fazenda em Bagé, 15 de fevereiro de 1842.

Ao Cidadão General João Antonio da Silveira, Commandante do 1.^o Corpo do Exercito.

Antonio Vicente da Fontoura.

16 de Fevereiro de 1842.

Não aceitando o Ministerio da Fazenda para vir della infanciar que o ex-Ministro encanecido na carreira do crime tem espargido em quasi todos os negocios da fazenda publica não posso sem faltar á inteireza que devo ao posto que occupo na Sociedade Rio Grandense, sem mesmo trahir a Patria, a honra e a fé de meus concidadãos, deixar de considerar nullo e sem effeito o encampamento da Estancia da Musica, sobre que versa a petição e documentos de Leocadio Silveira Gomes a que com

muita propriedade chama o ex-Ministro em seu despacho f.^a 4 *encapar*, em vez de *encampar* porquanto conhecendo-se do termo do arrendamento da dita fazenda feito pelo finado irmão de d.^o Gomes e informação a f.^a 1.^o do Cidadão Inspector Geral do Thesouro, que abrigando-se o arrendatario a dar á vista a quantia de 4:000\$000 jamais o fez e sim lhe foi concedido esse encontro por *graça* do ex-Ministro, que rompendo o artigo 1.^o do Decreto de 12 de Janeiro de 1839 fez essa transação no Livro da divida publica! com o que não contente, e como já estava roto o referido artigo, invocando o nome do Governo, por elle tantas vezes profanado, ampliou essa graça, mandando entregar por conta dessa mesma divida ao dito Gomes por qualquer colectionaria a quantia de 1:200\$000 como consta da informação a fls. 12: Constituido assim o arbitro do Rio Grande affeito a dar e a tirar fortunas, sem tocar mais outro fim que aquelle que em seu coração parece ser animado pelo verdadeiro genio da destruição, prosegue na mesma senda e no despacho proferido no requerimento do petionario a f.^a 2 ha por desfeito o arrendamento dito e sem menos exame, sem menos attenção as formalidades prescriptas, manda satisfazer ao supplicante a quantia de 4:000\$000, em gados de corte, e touros, apezar de ser actualmente esse o primeiro recurso com que conta o Governo para a sustentação da lucta, desprezando fazer por em arrecadação as produções pelo referido Gomes offerecidas nessa transação porque em informação de 5 do corente me diz o mesmo ex-Ministro que na supradita estancia existem unicamente 8 a 10 mil rezes o que veio realisar o recibo a f.^a 12 do novo administrador Firmiano Cavalheiro d'Oliveira, que mostra não haver recebido mais do que a primeira totalidade entregue a dito Gomes a 14 de dezembro de 1839 e calando a falta dos dois escravos, falta que só podia ser relevada por hum Decreto do Cidadão Chefe da Nação agrava mais todos estes procedimentos mandando satisfazer ao capataz da Estancia dita a quantia de 593\$000, salarios vencidos desde 12 de dezembro de 39 athe a data da dezistencia.

Revendo pois todos estes feitos, se collige que ha um prejuizo contra a Fazenda Publica Nacional de Rs. 8:552\$672 o qual se indica na conta junta, por mim rubricada. Em vista do que determina o Governo que V. Ex. mande proceder a arrolamento da Estancia em questão pelo Juiz de Paz do Districto respectivo e que tornando-se difficil a contagem exacta do gado pela escassez de cavallos se faça como é pratica, e costume, avaliar por vizinhos entendidos e ao mesmo juiz de paz ordene que faça de tudo entrega ao administrador Fermino Cavalheiro d'Oliveira, exigindo em seguida do competente acto, o recibo do administrador, que enviará promptamente a V. S.^a para en-

tão se tratar da dezistencia pelo administrador da Casa do finado arrendatario requerida, mandando sustar todas as ordens em contrario.

Deos Guarde a V. S.

Secretaria da Fazenda em Bagé, 16 de fevereiro de 1842.

Ao Cidadão Inspector Geral do Thesouro.

Antonio Vicente da Fontoura.

Termo de Avaliação que se vae proceder em os Bens pertencentes á Fazenda denominada Muzica.

Aos vinte e tres dias do mez de fevereiro do anno de mil oitocentos e quarenta e dois em o districto de Ipacarahy em Fazenda da Muzica compareceu o Juiz de Paz deste mesmo Districto o Cidadão João Rodrigues Nunes com os Cidadãos Marcelino Correia da Silveira e Constantino José de Freitas e pelo Juiz de Paz lhes foi dito fazer sem dolo ou malicia avalluacam os Animaes Cavallares e Vaccuns pertencentes áquella Fazenda e sendo por elles ouvido disserão aver — regulando pelas marcações feitas desde o tempo da primeira Avaliação — Doze mil rezes de crear, e cento e sesenta Potras Capoens Novecentas Egoas, de cria de Potro, vinte e nove Egoas manças vinte Cavallos ditos. Duas mil Ovelhas, Duas Cesmarias de Campo com hum Estabelecimento de Casas, hum Cercado e Arvoredo, e Mangueiras, hua carreta em mau estado, Duas Mezas Grandes uzadas, hua dita pequena, oito tamboretos ditos, hum catre pequeno dito. Hum caixão pequeno, hua Gamela uzada, hua dita pequena dita, hua Porta uzada, Oito Paz de ferro ditas, quatro machados ditos. Doze Enchadas de Carpir, Cinco foices de ceifar ditas, duas ditas de roçar ditas, hua Panella grande em bom uzo, quatro ditas pequenas em máo estado, hua Talha de botar agoa em bom uzo, hua maquina de fazer Manteiga, hum colchão velho, trez Castiçais de bacia uzados, seis colheres de ferro uzadas, quatro ditas de pau, doze garrafas vazias, Dous Cocos de beber agoa em bom uzo, trez cavadeiras de ferro uzadas, trez alavancas de ferro ditas, tres tezouras de tosquiar em bom uzo, hum cerrote grande dito, dois formoens quebrados, seis lombilhos de coro eru velhos, hua Pedra de Amolar, hua planxa de cintar costura quebrada. Duas Duzias e oito taboas de forro novas, hum Escravo africano de nome Manoel idade septenta annos, hum dito dito de nome Domingos idade cincoenta e cinco annos, hum dito de nome Mateus idade cincoenta annos, E por nada mais ser visto.

Apresentado em o dito Juiz de mandar lavrar este Termo e fazer entrega dos ditos bens ao Cidadão Fermiano Cavalheiro de que passa recibo e assigna o Juiz e avalluadores e eu Caetano José da Costa Escrivão Interino que o escrevi

Nunes

*Constantino Je. de Freitas.
Marcelino Correia da Silva.*

Recebi tudo quanto Menciona heste termo e por ser verdade passo o presente, Fazenda da Muzica, 23 de fevereiro de 1842.

Fermiano Cavalheiro de Oliveira.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

23 de Fevereiro de 1842.

Pela certidão do termo de arrendamento junta verá V. Ex. que por hum Avizo do Ministerio da Fazenda forão dispensadas todas as formalidades d'arrematação pelo que se não passarão Letras, e mesmo não posso informar se a Arrematante do Campo D. Lucianna Maria de Jesus deu á vista os setenta patações que diz o Termo em rasão de se haver queimado os livros respectivos.

Deos Guarde a V. Ex. Secretaria do Thesouro em Bagé, 23 de fevereiro de 1842.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda.

Manoel Miz da Silva Lima.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

9 de Março de 1842.

Si no transcurso de trinta dias contados de 7 do passado em que V. Ex.^a se dignou accusar a recepção do que tive a honra de dirigir-lhe com data de 31 de janeiro ultimo a hoje pode adivinhar pelos documentos que nelle inclui, quanto desejava saber acerca da conta de Victorica posto que não tenham com esta relação alguma e fossem offerecidas a consideração de V. Ex.^a para fim diverso, rogo a V. Ex.^a mos devolva por me

serem indispensaveis para o ajuste de minhas contas particulares, unica cousa para que servem.

Deos Guarde a V. Ex.^a Bagé, 9 de Março de 1842.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Antonio Vicente da Fontoura, Ministro do Interior e Fazenda.

Domingos José d'Almeida.

12 de março de 1842.

O Cidadão segundo escriptuario da Secretaria do Interior servindo interinamente de official maior da Secretaria da Fazenda revendo a conta particular que apresentou o Cidadão Domingos José d'Almeida em 31 de janeiro de 1842, passa em seguimento desta por certidão o theor verbum ad verbum, de duas addições da mesma conta, em que carrega o referido Cidadão Almeida de premios vencidos no dinheiro que diz prestara ao Estado, a quantia de 9:334\$906, o que cumpra. Secretaria da Fazenda em Bagé, 12 de março de 1842.

Fontoura.

Em cumprimento á Portaria acima do Cidadão Ministro da Fazenda, certifico que as duas addições da conta a que se refere a mesma Portaria são do theor e maneira seguinte: — Premio da quantia adiantada ao Estado em mil oitocentos trinta e sete e verificada a vinte e seis de Maio de mil oito centos e quarenta, como da conta respectiva existente no thezouro — seis contos quatro centos vinte e hum mil setenta e oito reis, Dito do primeiro de maio de mil oitocentos e quarenta, ao primeiro de Dezembro de mil oitocentos quarenta e hum como da conta existente no Thezouro. Nove contos, digo dous contos nove centos treze mil oitocentos vinte e oito reis — Nove contos trescentos trinta e quatro mil novecentos e seis reis. Nada mais se continha em ditos dous artigos os quaes forão por mim fielmente copiados e juro debaixo de minha palavra de honra. Bagé aos doze dias do mez de Março de mil oitocentos quarenta e dous.

No impedimento do official Maior

O Escripuario

Manoel Pires d'Oliveira.

14 de abril de 1842.

Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra y Exterior D. José Mariano de Mattos.

Querido Amigo y Compadre.

Aprovecho la ocasion que se me ofrece para recordarme a su amistad, y valerme tambien de la misma para disculparme cerca de V. E. de no haberme sido possible el poder ir á despedir-me de V. E. el dia que me separe de su campo.

Segun lo que me han informado, los hago todavia a la costa de Pamaroti y no dudo que esteu alli todavia detenidas por algunos dias mas por causa de los males tiempos que ha habido, y en seguida por las crecientes que han de resultar, de modo que es de creer que en este mez no lleguen a Alegrete, lo que senteria sobre manera; mas con todo esto, no dudo que quando llegue a Alegrete que sera por fines de este mez sin falta; encuentre todos los papeles ja prontos; como me lo ha prometido V. E. quanto a las promessas que el Sr. Ministro Fontoura me ha hecho poco las acredito por que asta la fecha, quanto me ha prometido, a todo falto! . . . como espero demostrar selo a su tiempo; que nadie mas tiene la culpa que el de haber sido demorado e mor tales mezes en espera de la conclusion de um asunto que tanto debe interesar a todo lo que es Republicano e de la major sencillez para no encontrar tropieso ninguno en poner en mis manos los medios de ponerlos a exesucion.

Ja basta de molestarlo por mis repetidas masaderias le deseo felicidades y el pronto restablecimiento de mi comadre a quien dará V. E. mis finos recuerdos.

Me repito de V. E. aff.^{mo} y muy veras A. y SS. Sr.

B. S. M.

S. A. y Ve.^r

Gustavo Af.^o de Ruthy.

Tacuareñbo, 14 de Abril de 1842.

Alegrete, 18 de Dezembro de 1842.

Estimado amigo do Coração. Tendo á vista a sua ultima sem data respondo. Hontem empreguei-me no arranjo de seus negocios não só para se lhe mandar o que lhe deve o Thezouro, como o que supprio ao Presidente cuja ordem o amigo Luiz Barreto ficou de lhe enviar por este mesmo portador. M.^a m.^{er}, sua criada, me avisa ter-lhe V. S. suprido com quatro onças e

ser incansavel em offerecer-lhe seu prestimo: sobreponho sen-
cível a tão singulares favores vivamente lhes agradeço, dese-
jando ter occasião de me desferrar de divida tão primorosa.
Sempre que se tem offerecido portador para essa he com tanta
precipitação que não posso dar-lhe circumstanciadas noticias
desta, bem como agora mesmo que para não demorar o con-
ductor desta; tenho de as resumir narrando factos que lenta-
mente se vão descobrindo. O comportamento do Ministro da
Fazenda na Assembléa e de seus companheiros nella e fóra della
já não he enig.^a pois a não ser o primeiro dimitido, a esta hora
estaria assassinado o actual Presidente, alguns Deputados, e
outros deportados e elle na Presidencia; o que se sabe pelos con-
vites de antemão feitos a alguns officiaes, desarmamento dos
operarios do Trem, com quem não contava e cartuxamê em seu
poder e talica desenvolvida por elle e sua inepta minoria na
Camara hostile ao Governo que dirigia aquelle proprio Ministro
e que por isso surprehendia a todos que assistião as discussões
não iniciados nos seus misterios etc. etc. etc. Para V. S. fazer
ideia desta trama, eu apresento a minoria do Ministro, e a
maioria que sincera e de boa fé ha dedicado seus serviços ao
bem do Paiz: analise, e aquelles a quem esta mostrar, os pre-
cedentes de huns e de outros, e attribua qual o alvo a que se
proporção.

Minoria

Fontoura — Ministro
P.^e Chagas — idem
Pedroso — idem
França
Miz Coelho
Silvr.^a Lemos
Onofre Pires
Vicente Lucas

Maioria

P.^e Hildebrando
Silvano
Sá Brito
Alencastre
Mattos
Rib.^e Barreto
Ulhoa Cintra
Almeida
Amaral
José Carlos Pinto
Prado Lima
José Maria Pereira de G.
Jaques
Modesto Franco
José Alves de Moraes

A tudo isto acrescenta que propondo o Sr. Miz Coelho o chamamento dos supplentes existentes na Capital para reforçar o seu lado, e não tendo passado tal proposta por contraria á Lei que manda chamar os mais votados, elle Lucas, Fontoura, Onofre e Pedroso deixarão de vir á Camara pelo que não tem havido sessões sete dias uteis.

Emfim, eu estou convicto que alguns Deputados da Minoria, se achão nella de boa fé, mas confrontando o procedimento della com os factos que indiquei, revelados depois da queda de Fontoura, e com os veleidosos avisos do Rio, P.^{to} Alegre, e Montevideu de que o Governo do Brasil pretende vencer-nos pela seducção, a ilação a tirar-se he obvia, e por isso sendo de urgencia redobram de esforços os Patriotas, pode o meu amigo dirigir-lhes copia da presente para que se previnão contra intrigantes, calumniadores e seductores afim de evitarem o laço que nos armão para nos escravisarem.

Sem outro assumpto, continua a ser

Seu sincero e muito obrigado amigo

Domingos José d'Almeida.

Cidadão Deputado 1.^o Secretario.

Já vos não pode ser desconhecida a sensação que produziu no animo dos Rio-Grandenses a apparição do projecto que ferio de morte suas garantias e liberdade. Elle foi o pomo de discordia lançado entre os patriotas: suas consequencias são notorias. Eu o Alvo das intrigas e calumnias de dous de seus sustentadores, os senhores Deputados Almeida e Mattos, algũa coisa tinha a dizer a respeito. Sem recorrer a outros factos, que poderia indicar, citarei os meus officios de 15 de junho e 23 de agosto do anno pp.: o primeiro dirigido ao Deputado Mattos quando Ministro da Guerra, no qual como ministro, francamente me pronunciei contra seus intitulos tratados: o segundo dirigido ao Cidadão Chefe da Republica ACCUZANDO aberlamente o deputado Almeida por seus actos no ministerio. Estas peças derão os materiaes a explosão do volcão com que tentão fulminar-me. A copia que ajunto, de hũa carta ao deputado Almeida de 18 de dezembro pp. dirigida ao Capitão Pereira de Bagé e cuja leitura vos rogo de fazer para que se

veja claro até onde pode chegar o espirito de intriga e de calumnia, me deixa convencido de que não só tenho obrado com prudencia, deixando de assistir as seçoens, como de que não devo comparecer emquanto a experiencia não mostrar que o espirito de justiça e as vistas ao bem publico dirigem o lado predominante da casa. E para que saibam meus Constituintes que o bem da Sagrada Causa da Republica he quem me priva de cumprir meus deveres como deputado, peço-vos que assim o comoniqueis a Assembléa.

Ds. vos g.^o Alegr., 10 de Janr.^o de 1843.

Ao cid.^m Deputado 1.^o Secretario d'assemblea.

Antonio Vicente da Fontoura.

Amigo e Sr. Canabarro.

Sta. Anna do Livramento, 15 de Janeiro de 1845.

Hoje cheguei a este ponto, certo de que marcharia a encontrar-vos porem a noticia de que tinheis tomado para a retaguarda do inimigo pelo Estado Oriental e a inteira falta de cavallos que tenho, fez com que tomasse o expediente de mandar com esta o Zeferino, em companhia do tenente imperial Lemes e eu fico aqui esperando vossa contestação, ou encontrar-vos, caso seja verdade vossa marcha para Oriental. O barão devia ficar a 13 em Bagé e em contestação ao que de vossa parte lhe expuz para os Moreiras, conservando-vos por ali, Cunhas etc., emquanto se tratar dos assumptos da paz: elle barão se conservará pelos Pirais, quando muito te o Alonso; e por este mesmo Lemes vae ordem ao Bento Manoel para que se conserve por Alex. Ribeiro, não avançando mais que até este lugar. Isto porem deve ser breve e para isso excuso dizer-vos que não deveis demorar-vos muito porque alem de que assim o exige o barão, tão bem a rasão aconselha que negocios semelhantes não devem demorar-se afim de que não sejam pela intriga destruidos.

O barão afirma que não avançarão forças delles dos logares já citados mas previne tão bem que as nossas que estão fora e que tem de reunir-se que devem fazel-o com toda a cautella pois que poderiam ser batidos em seu transito. Em con-

sequencia do referido e para abreviar eu officiei ao Presidente Jardim e Ministro Lucas para que viessem logo a Ponche Verde onde vos encontrarião e as de minhas forças para deliberarem definitivamente sobre a conclusão da Paz; creio que alli estarão breve; e para isso he preciso que tão bem officieis ao General Bento Gonçalves chamando-o, cujos officios devem vir pelo portador e podeis mandar huma portaria para o tenente Juca Mariano hir levalos, acompanhando o dito Lemos athe Bagé. Si não vieres pronto, o que não he de esperar, me avisareis para reunir-me.

Sou vosso fiel amigo

Z.

PS. — Remetto-vos huma carta do Barão em contestação á vossa.

Comp.^e e Amigo.

Musica, 28 de Janeiro de 1845.

Chegado a 9 do corrente ao Exercito, como sabeis, expuz aos generaes o resultado de minha missão ao Rio de Janeiro, acrescentando que o Presidente Jardim, e Ministro Lucas estavam de accordo como o certificava a carta do ministro para Canabarro: depois de algumas perguntas a que respondi com singellessa, elles parecerão conformes, porem Netto sempre disse: — Em me conformo com a maioria, porem *a los blancos me voi*. Em seguida resolverão que me voltasse logo ao barão e lhe assegurasse que estavam de accordo com as proposicoens, mas que era necessario que elle barão destinasse um ponto de reunião, onde nossas forças juntas, ou pelo menos os chefes podessem livremente, levar a um termo a conclusão da guerra, suspendendo-se para o effeito as hostilidades unicamente nas circumvisinhanças do recinto da reunião. Volto ao barão com esta resposta; encontro-o chegando ao Quebraxo; faço-lhe a exposição, elle anue, e na mesmo dia torno para Canabarro trazendo em minha companhia um official imperial com officios ao Bento Manoel para que fizesse alto com a divisão de seu mando no campo do Alexandre Ribeiro, athe segunda ordem devendo o General Canabarro, e mais força nossa occupar o terreno que vae de Santa Anna, athe o Cunha em Ponche Verde;

A densidade da população do Estado era em media de 7,59 por kilometro² e a da bacia do Jacuhy era de 8,93.

Foi de 42.470 o numero de nascimentos annuaes nos municipios do Jacuhy ou sejam 14.478 mais que nos outros municipios, visto que o total do Estado foi de 70.132.

Para 22.426 obitos occorridos no Estado durante um anno, foram registrados 12.148 nos municipios do Jacuhy ou seja 2.770 a mais.

Estabelecendo-se, porém, uma proporção entre a população da bacia do Jacuhy com a do resto do Estado, se verifica que o numero de mortos nesse resto em vez de 9.378 como foi, devia ser de 8.877 ou em vez de 12.148 subiria a 12.718 ou mais 570 além dos que effectivamente occorreram naquella região, cuja salubridade estes dados põem em evidencia.

Organizamos tambem um quadro de alguns generos da producção agricola e por elle se verifica que na safra de 1922—1923 foram colhidos:

Estado: Milho 1.702.780. Feijão 136.320. Arroz 184.850.

Bacia do Jacuhy: Milho 1.201.060. Quasi $\frac{3}{4}$ da producção geral. Feijão 91.830. Quasi $\frac{3}{4}$ da producção geral. Arroz 153.980. $\frac{5}{6}$ da producção geral.

Os algrismos da producção representam toneladas.

Quanto á pecuaria fizemos sómente um estudo comparativo dos bovinos e suínos e verificámos que dos 9.935.260 bovinos existentes no Estado 3.453.760 pertenciam á bacia hydrographica do Jacuhy ou seja $\frac{1}{3}$ da população geral. Esta inferioridade decorre da circumstancia de não estarem ahi localizados os maiores centros de criação riograndense, e que contrabalança a distribuição da riqueza do Estado.

O numero de suínos existentes na referida bacia era de 4.622.600 ou seja de $\frac{2}{3}$ da população geral de 6.083.050.

A navegação do Jacuhy, nas aguas maximas, é franca até o passo de seu nome; nas aguas medias até o porto do Rio Pardo, por vapores e ao de Cachoeira, por lanchões, que nas aguas minimas aportam facilmente ao primeiro local referido.

Entre as bellezas que se deparam no curso do Jacuhy, a par de suas pinturescas margens e além das ilhas que o salpicam e que embalsamam o seu ambiente, se salientam suas rumorosas cachoeiras, especialmente as do seu curso médio, que são: Caveiras, Sete Ilhas, D. Marcos, Velloso, Comprida, Almas, Negra, Fandango, Nossa Senhora, Inferno e Carioca.

Suas principaes ilhas além do minusculo e encantador archipelago ao N. de Porto Alegre, são: Pau Vermelho, Grande, Paciencia, Fanfa, notavel esta, pelo combate ahi travado, em 4 de Setembro de 1836, entre as forças da legalidade commandadas por Bento Manoel Ribeiro e as farroupilhas dirigidas

pelo chefe da revolução Bento Gonçalves da Silva, que capitulou após heroica resistencia e que foi depois recolhido a uma fortaleza, por ter violado uma das principaes clausulas da capitulação.

A bacia hydrographica do Jacuhy é calculada em 139.490 klms² e o seu curso em cerca de 500 klms. Para este calculo o Jacuhy é considerado como nascente na Cochilha das Quinas e tendo a fóz no Guahyba a NE. de Porto Alegre.

O rio em apreço banha directamente as cidades de Cachoeira, Rio Pardo e as villas de Santo Amaro, S. Jeronymo e Triumpho e serve de divisa entre os municipios de Palmeira e Cruz Alta, pelo primeiro galho occidental e entre o ultimo municipio citado e o da Soledade, desde a embocadura do Jacuhyzinho até a confluencia e deste ponto para o S. separa Soledade de Julio de Castilhos e de Cachoeira e limita os municipios de S. Jeronymo e Porto Alegre com os de Santo Amaro e Triumpho.

Em longa investigação identificamos 86 affluentes para o Jacuhy, sendo 30 pela margem direita e 56 pela esquerda. Entre esses affluentes figuram rios de longo curso e navegaveis.

O Jacuhy em seu curso superior é encachoeirado, suas margens ahi são ornadas de mataria verde-negra, onde vicejam bellos exemplares de nossa flora. Na zona de compensação sua corrente é mais placida, seu leito mais largo e com maior profundidade e encerra ainda muitas quedas d'agua, sem interromperem de todo a navegação. De Rio Pardo para baixo, onde começa pronunciadamente a zona de deposito, o rio se faz preguiçoso, seu leito é menos profundo e principiam a apparecer as ilhotas, os baixios ou bancos de areia, formados com o material trazido da zona de erosão.

NASCENTES DO JACUHY

E' um ponto controvertido este, por não termos um criterio seguro, scientifico ou official para determinação da nascente principal dos rios.

Em quasi todos os livros didacticos, dictionarios e mappas geographicos, se menciona com sendo a nascente principal do Jacuhy, o galho que tem origem na encosta L. da cochilha das Quinas, nos campos da Estancia das Tesouras, no municipio da Palmeira, ao N. da cidade de Cruz Alta e que corre com o nome de Varejão até sua confluencia com o Pinheiro Marcado.

Para muitos estudiosos e conhecedores da geographia sul riograndese, especialmente os passo-fundenses, a principal nascente do Jacuhy é o galho que brota na cochilha do Povinho

da Entrada, proximo ao Matto Castelhana, no municipio de Passo Fundo, e que é geralmente conhecido por Jacuhyzinho.

Muitos o denominam Jacuhy Oriental e ao outro galho chamam Jacuhy Occidental.

Ha ainda quem despose a opinião de que o Jacuhy é a continuação ininterrupta do Vaccacahy Grande, sendo este, pois, a sua nascente principal.

Os que dão ao galho que desce da cochilha das Quinas as honras de nascente principal do maior rio do Estado sulino allegam o criterio anthropogeographico; os que reservam aquelle direito ao ramo que tem origem no municipio de Passo Fundo, se apoiam na circumstancia de ser esse galho mais volumoso e de maior extensão; os que opinam, finalmente, pelo Vaccacahy, se fundam no facto de ser este, dos tres galhos principaes, o unico que tem a direcção do tronco inferior do caudaloso rio.

Examinando esses tres criterios, verificamos:

1.º — Difficilimo, quasi impossivel, se não impossivel, é hoje despojar o galho que desce do municipio de Palmeira dos fôros de nascente principal do maior tributario da bacia oriental do Estado do Rio Grande do Sul.

A isso não se oppõem sómente denominações seculares, com profundas raizes em nossa tradição, mas tambem limites de municipios, de districtos e as demarcações constantes de antigas concessões de sesmarias.

Tudo isso, como sabemos, é uma das condições de grande peso para se eleger a nascente principal de um rio.

E' a condição anthropogeographica de que trata Geikie, em sua „Physical Geography“, dando-lhe grande importancia, ao ponto de entender que se deve considerar como nascente principal de um rio aquella que como tal é tida desde épocas remotas pelos habitantes da localidade.

E' um criterio arbitrario, que a verdade physica repelle, segundo a expressão de Vivien de Saint Martin, mas que em determinados casos se impõe e tem que ser aceito. E' o que acontece, como recorda o eminente geographo francez, com o Danubio e com o Mississipi.

Peschel, além do caso occorrido com o Danubio, do qual não é tido o Inn como nascente principal, lembra o do Rheno, cujo galho mais poderoso é o Arr. Isso decorre do facto de terem as tribus povoadoras das regiões banhadas pelos dous grandes rios, subido os galhos que hoje são tidos como nascentes principaes e aos quaes essas deram o nome do tronco inferior de cada um daquelles caudaes.

Carlo Porro em seu *Guida allo studio della geographia*

militar, diz que sendo difficil a determinação da nascente principal de um rio, no ponto em que diversos galhos se reúnem para tomarem a direcção do tronco inferior, a escolha deve ser convencional e attribuível ao uso local ou ás razões antropogeographicas.

Estas razões ou o uso local, entretanto, nem sempre são applicaveis. Poderá se tratar de um rio inexplorado, desconhecido, ou sem denominação, como entre nós mesmo aconteceu, com o rio da Duvida, em Matto Grosso, a cuja historia estão hoje ligados os nomes de Roosevelt e de Rondon.

A condição anthropogeographica póde gerar graves inconvenientes como os occorridos quando se procurava determinar a nascente principal do Iquiry, no Acre.

Tal condição, como se vê, além de ser arbitraria, não tem applicação em todos os casos.

E' mister, entretanto, que se adopte uma regra fundada em principios sempre applicaveis.

2.º — O criterio dos que defendem o direito do Jacuhy-sinho, é de grande peso, sendo ao mesmo tempo o mais logico, se attendermos á funcção do rio como collector de agua, visto que preenche duas condições principaes: é mais longo e mais volumoso que seu emulo.

Geikie quando opina pelo elemento historico, diz que este deve ser preferido ainda que de agua, menor que outros de sua vizinhança, o rio tenha sua origem em um simples olho porém que tenha sido considerado em épocas remotas pelos habitantes da localidade como a verdadeira nascente do rio.

O eminente autor salientando a circumstancia de que deve predominar a condição historica, posto que se trate do menor dos galhos elegiveis, deixa ver que a condição de maior peso é a que se prende á funcção principal do rio, sempre que a antropogeographica não deva decidir.

Attendendo á funcção essencial de um rio, é muito importante a condição de maior collector d'agua. Defende-a com brilhantismo o erudito geographo Padre Geraldo Pauwels, que apresenta a seguinte fórmula: $V \times E$, e assim justifica: „Esta fórmula (extensão vezes volume) possui a grande vantagem de tomar em consideração de facto não só o volume e extensão, mas tambem (em V) a sua largura e profundidade, e até o seu declive, o qual entra sob a sua funcção, a velocidade, no calculo do volume.“

A Carlo Porro não passou desapercibida a funcção essencial do rio e tanto assim é que nos falla em „ramo principal ou galho collector d'agua.“

3.º — Os que opinam pelo Vaccacahy como sendo a

4.º

São Livres e como taes reconhecidos todos os Captivos que servirão na Republica.

5.º

As Causas Civis não tendo nullidades escandalosas são validas bem como todas as licenças e dispensas ecclesiasticas.

6.º

E' garantida a segurança individual e de propriedade em toda a sua plenitude.

7.º

Tendo o Barão de organisar hum Corpo de linha receberá todos os officiaes para elle, dos Republicanos, sempre que assim voluntariamente o queirão.

8.º

Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e aquelles que estão fóra da Provincia serão reconduzidos a ella.

9.º

Não são reconhecidos em suas patentes os nossos Generaes, porem gosarão das imunidades dos demais Cidadãos designados.

10.º

O G. I. vae tratar definitivamente da Linha divisionaria com o Estado Oriental do Uruguay.

11.º

Os soldados da Republica pelos respectivos Commandantes relacionados ficão isentos do recrutamento de 1.ª Linha.

12.º

Os officiaes e soldados que pertencerão ao Exercito Imperial e se apresentarão ao serviço da Republica, são plenamente garantidos como os demais Republicanos.

Campo em Poncho Verde, 25 de Fevereiro de 1845.

(Assignado) *Antonio Vicente da Fontoura.*

III.^{mo} Sr.

Depois de haver sido victima da ambição de centenares de malvados, depois de haver luctado com mil difficuldades, que tem lançado no desempenho dos deveres, que forão confiados a commissão de que faço parte, a má fê do Governo, não posso e nem devo deixar de levar em confidencia, ao conhecimento de V. S.^a, para que seja ao da Commissão o occorrido nesta minha viagem a Porto Alegre, e principalmente nos quatro dias do pagamento, que denominarei — os quatro dias do inferno. —

Cheguei alli a 10 de janeiro do corrente anno, e a 11 apresentei-me ao Presidente da Provincia, que tratou-me com urbanidade, porem notei logo que respeito ao dinheiro que devia fazer-me entregar, ainda não estava prompto, e nem para saque havia ordem na Thezouraria, apezar d'elle mesmo (segundo me informarão) haver divulgado que o saque feito em Dezembro findo era para se me entregar tresentos e cincoenta contos de reis! E, pois que isto estava assim certo na Cidade, eu lhe observei que já era hum mal que se me antecipava, porque devião attribuir-me a demora da distribuição visto que a noticia se dizia dada por S. Ex.^a, elle respondeo que se desenganarião logo que elle mandasse a ordem para o saque.

Com effeito ella teve logar dahi a dias, porem a Thesouraria ahi esteve com huma polemica, que fez correr dias, só com o fundamento de obter dos passadores de dinheiros, para o Rio, mais hum agio a favor do Thesouro, esquecendo aquelle de seis por cento que lhe resultou a nova lei da moeda. No emtanto a 7 do corrente, desatou-se o nó gordio, e a oito dei principio ao recebimento, mandando-o fazer todos os dias uteis e pelo aviso que estampeei no Imparcial n. 246 marquei o dia 10 para principiar o pagamento, o que teve lugar e foi effectuado até 13 pelas 2 e meia da tarde.

Antes do recebimento havia chegado o Fidellis de São Gabriel, e na casa do Assis, donde estava alojado, aproveitou a concorrência que alli ha, para dirigir insultos a Commissão, e a Canabarro dizendo que este já havia feito entregar a si, por entremedio do mulato Anastacio onze mil patações, e que agora lhe constava que tinha mais a receber trinta mil por documentos verificados em nome de Francisco Maciel de Oliveira e que o Presidente da Commissão era o negociante mais forte de São Gabriel, em supposto nome dos filhos!

Esta infame mentira alarmou bastante, e chegou ao Presidente; eu, de quem não tinha elle todo o conhecimento, me julgava pouco sufficiente para fazel-o persuadir do contrario, e por isso, necessario foi impor de tudo ao Tenente Coronel José Antonio de Araujo Filgueiras, que havia sido companheiro

de viagem do Presidente, e seu muito amigo o qual satisfactoriamente o informou; mais desta trave que aquelle máo homem quiz lançar ao bem de seos proprios patricios, resultou que me fosse recommendado pelo Presidente a dito Filgueiras, e em consequencia pago por inteiro o documento de Jeronymo de Azambuja, de que resultou a elle ou a hum cunhado, segundo elle o disse, o enorme lucro de seis contos de reis, pois que pela metade foi feita a tal compra! Poucos dias depois de se haver retirado o Fidelis, chega o homem mais infame que tem produzido o Rio Grande — Bento Glz. da Silva — escoltado dos Sentenas e Cidades e em todas as reuniões e lugares publicos, e repetia o mesmo que antes — havia propalado o Fidelis, e tão ao pé da letra que parecia haver recebido desse alguma recommendação, acrescentando que eu que em taes coisas consentia, com prejuizo seo, e dos proprios meus outr'ora co-religionarios, era inda mais malvado, e que devia morrer que elle mesmo seria o primeiro a assassinar-me: De taes bravatas que servia impor ao Presidente? Se elle, timido e manhoso, nenhum grande acontecimento parece que o pode tirar do seu estacionamento! Porém, desapercebidos não devião passar tão grandes desaforos e por isso por entremedio do Coronel Marques, elle ficou de tudo sciente, e em resposta limitou-se dizer que Bento Gonçalves era o chupador mais sem vergonha, e que o que pretendia era dinheiro; e que para o fazer calar hia recomendar-me o pagamento de uns individuos que em lista lhe apresentou, o que fiz; — *mas elle continuava com a sua exigencia dos dez contos de reis que recebo do Conde, chamando a este de trahidor, por lhe haver dito que tal quantia era dada;* e a mim de malvado por haver cumprido a ordem do Conde, discontando-lhe no documento d'elle e que ora figura de dono João Alves Leite de Oliveira Salgado, que tão bem dispido de vergonha, havia endereçado uma carta de queixa ao Presidente, dizendo que eu por vingança lhe não queria pagar! Continuava Bento Gonçalves fazendo mover os animos contra mim e com principal afineco o dos oppositores á Pacificação e que só por tal motivo, são cruentos inimigos do Conde: hia isto tomando vulto, e por isso que lhe antepuz a influencia de Israel Soares de Paiva, que tomando parte mui activa, fez o Dr. Barcellos hir a Thezouraria receber por elle a quantia que lhe destinei a pagamento, com o que calarão a bocca.

A Vice-Presidencia deo-me bem cara a prompta medida que tomou, quando requeri a suspensão do recrutamento dos amnistiados carregando-me de recommendados, e positivamente a dois, para serem por inteiro pagos! Assim que he que por haver pugnado pelo cumprimento do que o Governo tratou, por haver mesmo feito com tal exigencia aos meus co-religio-

narios d'outr'ora hum grande bem, devo inda tem em premio humas censuras.

Tal he a cruenta posição em que collocou o fanatico amor que consagrava a esses restos do Ponche Verde a quem eu pertencia, e aonde via inda muitos por mim levados! E nem faltou para mais de empenhos carregar-me novas exigencias do Presidente, tal como o documento de Santos Pereira e José Antonio da Silva que sendo comprado por Luiz Palmeira pela metade e apezar de estar recomendado seu pagamento pelo Conde em beneficio do Cunha, filho do Marquez de. . . sempre eu havia resistido a satisfazel-o tendo em vista a uzura com que tal compra foi feita: porem foi elle pago pela Thesouraria a hum Capitão de artilharia, irmão do dito Palmeira, e a quem o Presidente desde quando presidio outr'ora esta Provincia havia tomado sobre sua protecção, mandando-o para o estudo.

Não pararão aqui as exigencias de S. Ex.^a e a carta que cobrio a de João Paulo, actual Ministro da Guerra, e que tudo vae junto nos documentos que incluo até o n. de 1 a 5 mostra em toda a evidencia a minha complicada posição, cheia de angustias, e capaz de fazer delirar a outro qualquer homem, que menos costumado a trabalhos e a revezes, e a injustiças, dos Cortezoens podesse inda crer em sua fementida linguagem! A ultima emfim de S. Ex. recommendando a Gustavo Cezar Vianna, empregado da Secretaria e que dizem ser seo filho natural em a qual diz S. Ex. ser o unico que me recommenda e isto depois de por escripto e verbalmente ter quasi ordenado o pagamento aos que tenho mencionado na presente exposição, me confirmou para sempre na desvantajosa ideia que já formava do que são os homens cizudos, e graves da Côte do Brasil!

Dado porem que fosse o ultimo recommendado, como não era elle terrivel! Sim porque não tendo documento algum seo, ou de seo parente, apresentou-se-me no dia 11 com hum maço de documentos alheios somando ao todo sessenta e tantos contos fortes?

Nesse dia, e na hora do pagamento em a qual elle se apresentou, eu não pude tolerar tanta infamia, e despeitoso lhe disse: — Sr. Gustavo, bom he que V. S.^a deixe isso para os ultimos dias, pois estão aqui muitos pretendentes, só de hum ou dois documentos ao mesmo passo que V. S.^a com esse seo protocolo, toma-me hum ou mais dias; elle retirou-se não mui contente, e sempre teve a conta huns quinze contos e tanto.

De chegada, eu havia sabido que em mãos de Assis, existião em documentos para cobrar, o valor de cento e tantos contos, de Bernardo Pires, sessenta e tantos de Hilario Ferrugem, trinta e tantos de Joaquim Antonio Pinto quarenta e do Juiz

As commemorações relativas á batalha do Passo do Rosario e o discurso do general Uriburu

O general Uriburu, com a facilidade que apenas se depara aos espiritos altamente cultos e flexiveis, cáe num erro que quando praticado de bôa fé demonstra insufficiencia das fontes de informação, quando resulta da idéa preconcebida de demonstrar uma these que nos é grata, constitue o sophisma que a logica de Port Royal denomina — do interesse

F. de PAULA CIDADE

(Capitão do Exercito, do curso de Estado-Maior.)

ALGUNS TRECHOS DO DISCURSO DO GENERAL

O general Uriburu, do Exercito argentino, é talvez o mais conhecido dos generaes do visinho paiz. As posições que pelos seus innegaveis meritos tem occupado em sua patria, fizeram com que para elle se voltassem as vistas de todos os circulos militares do continente.

Quando foram reunidos em excellentes livro didactico as conferencias que sobre as guerras de Napoleão foram feitas na Escola Superior de Guerra, de Buenos Aires, por Fritz, barão von der Goltz e Kinkelin, coube ao general Uriburu, escrever o elegante prefacio, cheio de conceitos judiciosos, que acompanhou aquelle trabalho.

Quando se fizeram na Republica Argentina as commemorações do centenario da batalha do Passo do Rosario, o exercito desse paiz fez-se representar pelo seu brilhante chefe, que proferiu junto á estatua de Alvear um longo discurso, que merece ser commentado, para restabelecimento da verdade historica e correspondente divulgação de estudos estrategicos.

Com estes commentarios, não pretendemos ensinar ao velho mestre de Buenos Aires o que certamente elle conhece de sobra: desejamos apenas proporcionar aos estudiosos de nosso paiz alguns motivos de boa meditação militar e evitar que passem em julgado certos conceitos, emitidos sómente para armar effeito junto ás massas populares.

Para que a conclusão seja verdadeira em qualquer syllogismo, é indispensavel que as premissas sejam verdadeiras, mas quem parte, por qualquer motivo, de uma premissa falsa, não póde deixar de chegar a uma conclusão errada, embóra o raciocinio esteja certo. O resto é sophisma.

O general Uriburu, com a facilidade que apenas se depara aos espiritos altamente cultos e flexiveis, cáe num erro que quando praticado de boa fé demonstra insufficiencia das fontes de informação, quando resulta da idéa preconcebida de demonstrar uma these que nos é grata, constitue o sophisma que a logica de Port Royal denomina — do interesse.

Vejamos alguns trechos do discurso do illustre chefe do exercito amigo, na impossibilidade de transcrevel-o todo.

„Hacen hoy cien años que los clarines del Ejército Republicano anunciaron victoria, y las sonoridades del éco, no obstante su lejanía, aun hacen vibrar el corazon de todos aquellos que se sienten soldados.“

Parece que os toques de clarim de 20 de fevereiro de 1827, não deviam ter sido ouvidos nem por muito tempo, nem muito alto, posto que uma tropa que não teve forças para partir no encalço de um atacante repellido não devia ter muito gosto de tocar corneta. . .

Affirma logo adiante o general Uriburu que Alvear recebeu, em setembro de 1826, um exercito que logo depois devia fazer face a um inimigo superior em numero e em outros elementos. Os historiadores mais imparciaes da Republica Argentina tem descoberto documentos que provam claramente que o exercicio platino orçava por 8.000 homens, ou mais. Em 20 de fevereiro, os nossos adversarios, segundo Baldrich, em sua obra tão parcial sob outros pontos de vista — *Historia de la guerra del Brasil*, assim discrimina o exercito de Alvear:

Infantaria argentina . . .	1.901	homens
Cavallaria	3.790	„
Tropas orientaes, mais de .	2.000	„
Parque, etc., mais de . . .	100	„
Somma	8.294	„

Estes dados foram colhidos pelo autor no Archivo Nacional, da Argentina.

Dizem os humilísimos, que não encontrarão na refutação, uma só ideia, huma só razão que podesse ao menos abonar os fins a que me propuz! Que habilidade para escrever! bem dizem elles que o terreno é difficulosissimo de se andar e tanto lhes pesa essa verdade, que deixando de tocar nos pontos cardeaes de minha correspondencia, tiverão ao menos a satanica vivesa de segurar-se a hum ponto que lá entenderão ser o mesmo vulneravel porque só me dizia respeito, e por ser o em que mais ligeiramente toquei, firmando ahí sua logica, se suppoem inexpugnaveis, porque na forma de sua briosa senda, se enganxarão nos insultos, nas calumnias, e athe nas cucas. . . !que lindo jenio lengo yo para suffrilos!

Não querem os humilísimos que eu fale! Oh, tenham paciencia, eu quero pôr tudo a limpo, preciso disso, e muito desejo que volte já o Sr. B., para pedir-lhe um attestado, em que diga si quando por conta da divida dos ex-rebeldes, lhes mandei entregar huns deis mil patacoensinhos de prata, ouve nisso alguma dependencia, ou desconto de porcentagem. . . finalmente quero saber do meu procedimento nesse emprego, e os humilísimos que forão como dizem testemunhas vão revelando mas desta vez afastem-se um pouco da mentira porque mesmo da distancia em que estou de S. S. heide coagilos a responsabilidade do que falgamente avançarem.

Tenham paciencia, Sres, inda lhes torno a repetir, que, quem diz a verdade está sempre allivo.

Santa Maria, 4 de Outubro de 1848.

A. V. da Fontoura.

Ill.^{mo} Sr. Antonio Manoel Correa da Camara.

Meu honrado e bom amigo. Certo agora de sua residencia nesse ponto, me pareceo não dever retardar os meios do embolso da somma, que, alem da Commissão de que foi encarregado em 1839, dispendeo e que eu não pude então mandar satisfazer por causa dos resumidos meios de que dispunha nessa epoca: por tanto, si julgar conveniente, mande apresentar a officiosa junta.

Em Pelotas, na minha, tem V. S. huma pobre casa que deve contar como sua e em qualquer parte com os serviços do

Seu antigo aff.^{so} e obr.^o amigo

Domingos José d'Almeida.

Bagé, 10 de abril de 1845.

(Resposta)

suas forças, manobrou pela linha interior, avançando pelo valle do rio Negro, para sair em Bagé e conservar separadas as duas forças do nosso exercito, das quaes uma estava em Sant'Anna e outra em Pelotas-Jaguarão.

A MARCHA DOS DOIS EXERCITOS

Ainda hoje não comprehendemos como se possa ter sympathias sinceras pela solução de marchar directamente sobre a nossa direita. A investida de Rivera contra Bento Manoel, no anno anterior, era um exemplo para ter á vista. No mesmo dia em que o atacante vadeava o rio Arapehy, Bento Manoel era avisado e collocava a tempo o grosso de suas tropas atraz do Quarahy, guardava os passos e intensificava o serviço de descoberta, para não ser desbordado por qualquer de seus flancos.

Certamente, o quartel general de Sant'Anna nunca se descuidou da direcção em que o inimigo poderia surgir mais facilmente, como os proprios acontecimentos o demonstraram. Nestas condições, como produzir-se a desejada surpresa? Não se dando a surpresa, como impedir que o inimigo illudisse ao combate e recuasse, retardando a marcha dos invasores em cada rio encontrado e chamando ao seu encontro as tropas de léste?

A marcha pelo vale do rio Negro é o melhor traço deixado pela argucia do general inimigo, pelo inesperado de sua progressão por trechos deserticos e agrestes. Só por ahi realmente era possivel que a surpresa se realizasse; só por ahi poderia ser alcançada a vantagem de ter sob as mãos, embora não o apanhasse quando d'elle esteve tão perto, o pequeno exercito imperial de Sant'Anna.

Obrigado a um ataque de ála, parece que seria preferivel cair sobre a nossa esquerda, pelos objectivos politicos e economicos promettidos por essa operação a um exercito que poderia mudar suas bases de Durasno para Mello e faltar-se, mais do que nunca, com a propriedade privada, consoante a mentalidade da época.

Neste caso, ainda que não fosse possivel retardar a marcha das tropas de Sant'Anna para leste, só uns quinze dias mais tarde poderiam os platinos contar com a intervenção dellas. Neste lapso de tempo, dado o armamento da época, a nossa

Sobrinho e Amigo Antunes.

Depois que seguistes me veio a mão a conta inclusa de João Alves de Oliveira Salgado com a carta do mesmo; como vejo que soffre um prejuizo enorme cobrando-se somente a conta que vos dei pela falta desta, espero que a apresenteis á Commissão para haver seu importe. Advirto-vos que esta importancia he moeda fraca. Sabeis que eu he que estou obr.º com meos bens a immediato embolço e conto que esses Sres. não permittirão que eu fique sem os poucos bens que me restão. Saude e felicidades vos deseja o vosso tio e amigo certo

Bento Gonçalves da Silva.

Prezado Compadre e Amigo.

Tapes, 18 de fevereiro de 1845.

Pela conta que junto lhe apresento verá a factura dos generos de seu pedido para suprimimento da Divizão a seo mando. Tenho em consequencia disto a rogar a meo Compadre que encarando com cizudeza minhas circumstancias fará com que quanto antes me veja embolçado desta quantia pois que não tendo eu nada com o Governo e sim com Vmce em razão de que debaixo de sua firma me propuz a fazer todos os sacrificios que me forão compativeis para o satisfazer por isso exijo seja amortisada essa conta para tão bem prehenxer meus deveres no pagamento a que estou sujeito etc.

Aqui sempre me achará para o que for do seu serviço na certeza de que sou seu parente muito obrigado.

João Alves Leite de Oliveira Salgado.

1844 — O Cidadão General Bento Gonçalves da Silva
a Joaquim Alves Leite de Oliveira Salgado.

42 Pessas de panno com 1644 vs. a 3\$200	5:160\$800
36 „ de Baeta com 3024 vs a 1\$600	4:838\$400
100 „ de Algodão com 2100 vs. a 400	840\$000
20 lb. de retros a 20	400\$000
200 duzias de Botoens amarelllos a 1280	256\$000
	11:495\$200

São Rs. 5:517\$696 moeda forte

Pereira.

Copia da conta de Bento Gonçalves da Silva N. 736.

General Bento Gonçalves da Silva. — Suprimento feito
por João Alves Leite de Oliveira Salgado como de sua conta.

São Gabriel, 30 de março de 1845.

Porto Alegre, 22 de julho de 1845.

Lançamento de pagamento das ordens sacadas pela com-
missão de exame da divida do extinto governo da Revolução,
sendo os valores moeda forte sobre a base de 960 reis cada
patacão prata.

Recibo N. 1 Dinheiro entregue ao Coronel Bento
Gonçalves da Silva por conta da ordem a
seu favor

seu favor		4:800\$000
2 —	Item a Miguel Jordão	6:812\$042
3 —	Item a João Ferreira de Assis & Cia. ..	3:250\$708
4 —	Item a Manoel José Pereira da Silva ...	3:717\$636
5 —	Item a João Francisco Ferraz	186\$960
6 —	Item a Urbano Silveira de Castro	203\$040
7 —	Item a Antonio José Pinto	429\$480
8 —	Item a Anastacio Antonio Vieira & Cia.	9:250\$232
9 —	Item a Anastacio Antonio Vieira	9:429\$454
10 —	Item a Zeferino Martinho da Cunha	411\$500

11 — Item a Rafael José Pinheiro	734\$578
12 — Item a Antonio Vicente da Fontoura ..	965\$471
13 — Item a Antonio José de Freitas	1:475\$795
14 — Item a Jeronimo Teixeira	451\$200
15 — Item a Fidelis Ignacio de Moraes	4:228\$496
16 — Item ao Coronel João Propicio Menna Barreto	1:934\$144
17 — Item a Vicente Francisco d'Oliveira	238\$183
18 — Item a Manoel Luiz da Silva	587\$655
19 — Item a Floriano José de Andrade	198\$799
20 — Item a Francisco José Mattoso	67\$680
21 — Item a D. Maria Rosa	64\$026
22 — Item a Bartholomeu Antonio do Canto..	678\$708
23 — Item a Manoel Fernandes da Silva	69\$380
24 — Item a José Prudencio dos Reis	5:236\$883
25 — Item a Antonio Caetano Pereira	3:058\$000
26 — Item a Izidoro Pereira da Silva	1:183\$648
27 — Item a José Gomes Porto	2:598\$624
28 — Item a Felisberto de Carvalho Ourique..	300\$800
29 — Item a Antonio Gonçalves Pereira Duarte	720\$000
30 — Item a Antonio Martins de Menezes ...	1:440\$000
31 — Item a José Pereira da Silva	5:822\$917
32 — Item a Noé Antonio Ramos	196\$620
33 — Item a Antonio de Faria Correa	462\$855
34 — Item a Manoel Gomes e Camargo	1:497\$232
35 — Item a Antonio Joaquim Barbosa	1:218\$240
36 — Item a Luiz Gambarra	180\$480
37 — Item a Frederico Niederauer	92\$384
38 — Item a João Niederauer	937\$491
39 — Item a José Iliodoro de Figueiredo	638\$553
40 — Item a Joaquim José Domingues	1:238\$450
40 — Item a Luiz Henrique de Carvalho	770\$250
42 — Item a Nicolau Becker & Cia.	649\$785
43 — Item a Pedro Cassel	96\$557
44 — Item a D. Candida Oliveira de Freitas ..	4:414\$760
45 — Item a Carlos de Salles	311\$800
46 — Item a Gonçalo Ferreira de Carvalho ..	188\$000
47 — Item a Ismael Soares	191\$309
48 — Item a Tristão da Cunha e Souza	192\$948
49 — Item a Jeronimo Teixeira de Almeida ..	589\$417
50 — Item a Antonio Pinto Corte Real	1:984\$893

10bro — 3 — 1845.

51 — Item a Tristão Marques Coelho	933\$840
52 — Item a Manoel Franco	729\$893
53 — Item a João Francisco de Castro	454\$960

54 — Item a José Bento Pereira	204\$544
55 — Item a João Baptista Goanilho	466\$240
56 — Item a Diogo Luchsinger	2:654\$654
57 — Item a Boaventura José de Azevedo	1:303\$682
58 — Item a Thomaz Ferreira do Valle	6:241\$600
59 — Item a Francisco de Barros Lima	391\$760
60 — Item a Francisco Pereira Fortes	740\$720
61 — Item a Manoel de Macedo Brum	4:799\$866
62 — Item a D. Joanna Maxado	1:729\$600
63 — Item a Delfino Gomes Porto	1:599\$698
64 — Item a José Maxado Fagundes	752\$308
65 — Item a Antonio Pereira Mafra	319\$628
66 — Item a José Alves de Moraes — por conta	480\$000
67 — Item a Evaristo Teixeira de Oliveira ...	480\$000
68 — Item a Constantino Pereira Henrique ...	76\$584
69 — Item a Apolinario de Souza Trindade ..	233\$220
70 — Item a Vva. de José da Cunha Maciel ..	61\$637
71 — Item a Domingos da Cruz Teixeira	93\$248
72 — Item a Joaquim José Broxado — por conta	960\$000
73 — Item a José Ignacio da Fonseca — por conta	480\$000
74 — Item a Eleutherio Silveira d'Avila	395\$397
75 — Item a José Luiz da Costa — por conta	240\$000
76 — Item a Domingos da Cruz Teixeira	622\$516
77 — Item a Mauricio Lopes	11\$280
78 — Item a Matheus José dos Santos — por conta	1:036\$800
79 — Item a Boaventura Soares	3:123\$508
80 — Item a Antonio Carvalho da Silva	376\$000
81 — Item a Antonio Pereira Fortes	2:467\$883
82 — Item a José Mariano d'Oliveira — por conta	162\$240
83 — Item a Luiz Manoel Teixeira — por conta	1:490\$100
84 — Item a D. Gaspar Iglesias	408\$487
85 — Item a Mathias José Coelho	408\$487
86 — Item a Seraphim Nunes da Silva	137\$861
87 — Item a Francisco da Rosa e Silva	881\$796
88 — Item a Francisco Silveira Camaquam — por conta	2:436\$927
89 — Item a Duarte José Martins	889\$983
90 — Item a Jacintho Guedes	249\$648
91 — Item a Manoel Rodrigues Bizarro	282\$000
92 — Item a Manoel José de Menezes	1:080\$096
93 — Item a Manoel da Costa Leite	6:570\$412
94 — Item a Patricio Paim de Andrade	602\$543
95 — Item a Mariano Alves Fagundes	54\$896

96 — Item a Eusebia Ilha	620\$400
97 — Item a Manoel Borges da Roza	188\$151
98 — Item a D. Francisca Barreto	3:127\$680
99 — Item a Mauricio Carlos de Moraes	288\$000
100 — Item a Jacintho Antonio Pinto	2:805\$248
101 — Item a José Fernandes Aguirre	1:880\$000
102 — Item a José de Oliveira Falcão	173\$111
103 — Item a Manoel Rodrigues Barbosa	720\$000
104 — Item a Venancio Antonio Pinto	144\$000
105 — Item a D. Anna Gonçalves Meirelles ...	144\$000
106 — Item a José de Bittencourt Cidade	1:186\$960
107 — Item a Francisco José de Souza Moura..	4:177\$172
108 — Item a Jeronymo Belarmino Coelho	212\$816
109 — Item a D. Zeferina Rodriguez Barbosa — por conta	192\$000
110 — Item a Feliciano da Costa Leite	2:483\$740
111 — Item a Alexandre da Costa Leite	2:731\$640
112 — Item a Manoel Antonio da Silva	336\$000
113 — Item a Manoel Antonio da Silva	372\$240
114 — Item a Rodrigo Felix Martins	892\$281
115 — Item a João Ralem	3:404\$740
116 — Item a Quintiliano Madruga	1:796\$000
117 — Item a Israel Pereira Madruga	67\$680
118 — Item a Manoel Pires da Rosa	1:204\$629
119 — Item a Manoel José Gomes de Freitas ..	432\$551
120 — Item a Francisco Fernandes da Silva ..	679\$808
121 — Item a D. Manoela Joaquina de Lara ...	721\$092
122 — Item a José Lauriano da Silva	188\$000
123 — Item a José Custodio da Silva	188\$000
124 — Item a Manoel Seis Dedos	2:120\$000
125 — Item a Antonio Luiz Ferraz & Cia.	288\$000
126 — Item a Luiz Vinholo	1:257\$600
127 — Item a D. Perpetua Maria de Jesus	134\$400
128 — Item a Luiz Antonio de Castro Braga ..	192\$000
129 — Item a Manoel Fernandes D'Ornellas	761\$800
130 — Item a Manoel Vaz Ferreira	240\$000
131 — Item a Jaco Gecahir	248\$160
132 — Item a Manoel Vieira da Cunha	248\$160
133 — Item a Clementino Luiz de Freitas	4:951\$680
134 — Item a José Ignacio de Lima	96\$000
135 — Item a João da Cunha Peçanha	815\$000
136 — Item a Pedro Leite Pedroso	48\$000
137 — Item a D. Potenciana Joaquina da Silva ..	284\$030
138 — Item a Thomaz José Pereira	301\$717
139 — Item a João Canho Rut	96\$000
140 — Item a João Harth	144\$000

141 — Item a Isidoro José de Barcellos	606\$300
142 — Item a Adolfo Mertulem	38\$400
143 — Item a Francisco Lemos de Faria	576\$000
144 — Item a Bernardo da Silva Machado	192\$000
145 — Item a Antonio Leite de Siqueira	182\$000
146 — Item a Luiz Rodrigues d'Oliveira	134\$400
147 — Item a Item a João Simplicio dos Santos	576\$000
148 — Item a Hermenegildo da Costa Torres...	240\$000
149 — Item a Francisco Ferreira da Silva	2:118\$200
150 — Item a Antonio Teixeira d'Oliveira	57\$600
151 — Item a Luiz Nacubene	1:440\$000
152 — Item a Antonio José Centeno	2:880\$000
153 — Item a José Rodrigues de Barcellos	341\$550
154 — Item a Manoel Moreira	1:311\$779
155 — Item a Pedro Mabilde	318\$209
156 — Item a Justo Manoel Cezar	1:604\$580
157 — Item na ordem de João Raymundo da Silva recebido por Manoel Carneiro Duarte e Rodrigo Felix Martins a quem pertencia	995\$197
158 — Item a Joaquim dos Santos Falcão	410\$748
159 — Item a João Vieira dos Santos	180\$480
160 — Item a Domingos Gomes Ribeiro	144\$000
161 — Item a Francisco Gonçalves da Silva ..	96\$000
162 — Item a Augusto José Gonçalves de Fi- gueiredo	576\$000
163 — Item a Leonardo da Costa Carvalho Ma- cedonia	1:027\$857
164 — Item a Manoel Correa Taborda	96\$000
165 — Item a Pacifico Ferreira Ramos	384\$000
166 — Item a Manoel José Diniz	120\$320
167 — Item a Firmino dos Santos Menezes	267\$991
168 — Item a Delfino Rodrigues de Freitas ...	1:351\$360
169 — Item a Manoel Dias Ferreira, recibos re- unidos	1:351\$360
170 — Item a Manoel Dias Ferreira, recibos re- unidos	3:008\$000
171 — Item a Francisco Noth	96\$000
172 — Item a Virgilio Henrique de Carvalho...	52\$242
173 — Item a Francisco Borges do Canto	47\$188
174 — Item a Marcos de Freitas Noronha	546\$103
175 — Item a Domingues Marques	288\$000
176 — Item a Manoel Gonçalves Barreiros	24\$074
177 — Item a Severino Silveira Goulart	240\$000
178 — Item a João Ribeiro	624\$000
179 — Item a José Maria Pereira Ribeiro	1:440\$000

180 — Item a Joaquim José da Silva Junior ..	57\$600
181 — Item a Thomaz Vieira da Rocha	60\$160
182 — Item a Antonio Netto	422\$400
183 — Item a Antonio de Azambuja Cidade ..	1:440\$000
184 — Item a Patricio José Ferreira de Carvalho	288\$000
185 — Item a Manoel Antonio da Costa	57\$600
186 — Item a D. Anna Joaquina Barbosa	480\$000
187 — Item a Reginaldo Silveira Ribeiro	288\$000
188 — Item a José Pinto d'Oliveira	576\$000
189 — Item a Luiz Antonio de Freitas	239\$338
190 — Item a Floriano Francisco de Medeiros ..	65\$718
191 — Item a Domingos José da Veiga	67\$906
192 — Item a Pacifico Gonçalves da Trindade..	96\$000
193 — Item a Francisco de Paula Barros	48\$000
194 — Item a Bento José da Silva	196\$301
195 — Item a Joaquim Ferreira dos Santos ...	9\$483
196 — Item a Pedro Francisco da Silva	75\$599
197 — Item a D. Maria Germana da Silva	192\$000
198 — Item a Fidelis José Bernardes	960\$000
199 — Item a Julio Cezar Centeno	960\$000
200 — Item a José Vaz Bragança	5:282\$414
201 — Item a Emidio Carlos de Moraes	28\$800
202 — Item a Antonio Boeno Rodrigues	570\$768
203 — Item a Liborio Nunes de Mello	63\$168
204 — Item a Bernardo Joaquim Mosq. ^a	1:056\$000
205 — Item a João Pereira da Silva	480\$000
206 — Item a Benito Agostinho Granha	96\$000
207 — Item a Manoel Antonio de Sampaio ...	43\$316
208 — Item a Antonio Joaquim de Souza	336\$000
209 — Item a Bernardo José Maxado Picada ..	94\$000
210 — Item a D. Maria Francisco de Menezes..	96\$000
211 — Item a Gonçalo Teixeira de Carvalho Filho	49\$745
212 — Item a Urbano José Villela	38\$400
213 — Item a Gomercindo Antonio de Mattos..	2:400\$000
214 — Item a Mattos & Irmãos	1:550\$000
215 — Item a Candido Pinto da Costa	1:209\$000
216 — Item a Bernardo Pinto da Costa	485\$000
217 — Item a Bazilio Gonçalves da Trindade ..	62\$000
218 — Item a Francisco Gutierrez	259\$200
219 — Item a Jesuino Garcez de Moraes	96\$000
220 — Item a Damião Damaceno Rosado	384\$000
221 — Item a Dr. Antonio José Martins Coelho	1:056\$000
222 — Item a D. Anna Maria d'Avilla	384\$000
223 — Item a Francisco Candido de Campos ..	1:677\$088
224 — Item a Israel de Paiva	15:401\$640
225 — Item a Eloi Alves da Silva	11\$280

226	— Item a José Joaquim Dornelles	144\$000
227	— Item a Felisberto José Antonio D'Avila..	96\$000
228	— Item a José Luiz Pereira da Silva	480\$000
229	— Item a D. Florianana Rosa de Pilar	480\$000
230	— Item a Capitão Antonio Barbosa da Silva	211\$200
231	— Item a João Silveira	288\$000
232	— Item a Manoel José Pires da Silveira ...	308\$160
233	— Item a Antonio José Trajano	288\$000
234	— Item a Bernardo José Fagundes	96\$000
235	— Item a Hermogenio Antonio Ah.	188\$000
236	— Item a Francisco Xavier Metello	480\$000
237	— Item a Albino Pinto Viegas	576\$000
238	— Item a Timotheo da Silva Boeno	192\$000
239	— Item a João Antonio de Jesus e Mello..	480\$000
240	— Item a D. Felicidade Ourique	96\$000
241	— Item a José Rodrigues Souto	192\$000
242	— Item a Bernardo dos Santos Praia	102\$427
243	— Item a Antonio Soares Coelho	740\$793
244	— Item a Bernardo Pires	1:130\$046
245	— Item a David José de Barcellos	192\$000
246	— Item a Antonio José Ferreira de Vasconcellos	96\$000
247	— Item a Elias José de Santa Anna	81\$600
248	— Item a Antonio Ferreira da Silva	192\$000
249	— Item a Porfirio Luiz Maxado	384\$000
250	— Item a Francisco Ferreira Jardim Brando	1:929\$600
251	— Item a João Antonio Ferreira d'Avila ...	576\$000
252	— Item a José Alves Coelho	387\$498
253	— Item a David Ribeiro da Silva	61\$440
254	— Item a Antonio Ribeiro	76\$800
255	— Item a Antonio Alves de Azambuja	1:038\$000
256	— Item a D. Juliana Maria de Freitas	50\$000
257	— Item a José Bernardes Fagundes	76\$800
258	— Item a José Antonio da Silva	4:292\$716
259	— Item a Domingos José de Almeida	4:016\$000
260	— Item a Alexandre Gonçalves do Valle ..	1:684\$713
261	— Item a Joaquim Marques de Souza	6:336\$000
262	— Item a D. Anna Joaquina da Silva Leão.	960\$00
263	— Item a Luiz Correa da Camara	38\$400
264	— Item a José de Lima Veiga	1:200\$000
265	— Item a Antonio Joaquim da Silva	576\$784
266	— Item a José dos Santos Soares	192\$000
267	— Item a Jeronimo Xavier de Azambuja ..	5:903\$840
268	— Item a Joaquim Marcínio Lobato Junior.	67\$200
269	— Item a Antonio da Cruz Jobin	144\$000
270	— Item a Severiano José da Costa	96\$000

271 — Item a Miguel Antonio Ferreira d'Avila..	192\$000
272 — Item a Silverio de Oliveira Berne	30\$180
273 — Item a Leonardo de Freitas	57\$600
274 — Item a Antonio Maxado d'Oliveira	240\$000
275 — Item a João Maxado dos Santos	96\$000
276 — Item a Narciso Lopes	270\$000
277 — Item a Francisco Maciel de Oliveira ...	384\$000
278 — Item a Malaquias José de Borba	720\$000
279 — Item a Justino Francisco de Oliveira ...	720\$000
280 — Item a Manoel Rosa dos Santos	282\$376
281 — Item a Duarte Rodrigues Paiva	295\$442
282 — Item a Eneas Apolinario Pereira de Moraes	70\$000
283 — Item a João da Costa Leite	2:690\$280
284 — Item a Manoel Alves de Ar.º Lima	45\$200
285 — Item a D. Josefa Maria Cezar	267\$562
286 — Item a D. Josefa Vicencia Maria	451\$200
287 — Item a José Alves Martins	144\$000
288 — Item a Laurindo José da Silva	288\$000
289 — Item a José Amaro Carneiro	285\$760
	284:485\$369
Dinheiro a viuvas	3:524\$450
	288:009\$819
Recebêo	293:840\$000
	5:830\$181

ORAÇÃO FUNEBRE DE ANTONIO VICENTE DA FONTOURA PELO Dr. JUVENCIO CARDOSO DA CUNHA

Medico da Cachoeira

Senhores! Chegamos ao pé dos altares de um Deos de paz e de misericórdia, para invocar a sua inefável clemencia a prol da eterna bemaventurança d'aquelle que cahio martyr no meio de nossos braços e que morreo perdoando aos que o assassinarão.

Vimos ao pé dos altares para pedir ao Senhor, conforto e alento em nossa desesperação, em nossas magoas, confiando de suas mãos justissimas a causa do que foi morto no seo

santo Templo, e que regou com sangue o sacro pavimento da sua caza.

Trouxemos preces e gemidos á caza do Senhor; trouxe-mos o coração dilacerado por uma dor sem cura, para offertar-lhe esse holocausto tremendo, depositando sobre suas santas aras todos os sentimentos mundanos que nos agitavão.

Ouvimos a palavra da Igreja erguer-se ao throno do Altissimo, invocando connosco a sua misericordia. Ouvimos suas preces misturar-se ás nossas, e sentimos o balsamo da oração coar-nos nas veias como um supremo e puro lenitivo.

Cheguemo-nos agora á eça sobre que descansão os restos do nosso malogrado amigo. Levantemos esse panno mortuario que... sobrecolhe de angustia, e devassemos nos misterios da urna o arcano da vida que cortavão em flor, e cuja falta cada vez mais viva lamentamos.

Não vos direi eu, Senhores, quem era meu irmão Fontoura; conheceste-lo todos; todos soubestes por experiencia propria o que havia de bom, de nobre, dirão mesmo de grande naquella alma bella e generosa. Viste-os sempre prompto em acudir ao infortunio alheio, em ajudar o pobre, em consolar o afflicto, em servir a Patria. Viste-lo filho exemplar descer á cova sem haver desmentido um instante sequer o respeito e a abnegação que esse sagrado titulo reclama; e pae e esposo, viste-o zelar a custa de sua vida as vidas que a vontade de Deos lhe havia confiado, e que o seo amor enastrasa de flores na estreita senda deste mundo.

Que mais precisava elle para que o amasseis? Que mais para que o venerasseis, vendo n'elle um dos caracteres mais puros, um dos vultos que honrarão nossa terra?

Porem, não o esqueçais; a esses titulos Fontoura reunia outros, que lhe erão exclusivos, que só elle tinha, e que guarda como uma reliquia a historia.

Fontoura pertencia áquella geração forte e robusta que emballarão no berço os canticos da Independencia, que abriu os olhos ao clarão terrifico da artilharia e que temperou o espirito naquella epoca de grandes lutas e de grandes coisas.

Enthusiasta da liberdade, o seu juvenil ardor via em D. Pedro 1.º o excelso apostolo dessa crença augusta. Amara no Principe liberal o rey philosopho, e o soldado franco, audaz e corajoso; e na Constituição que a sua formosa alma bafejara, uma arca santa, um palladio sublime, que todos devião respeitar como obra do patriotismo e da sabedoria.

Se o Principe cometia erros, a gloria do libertador ennobrecia-os; e nesses erros havia ainda um caracter tão varonil e nobre que mais erão para arrebatat as almas entusiastas, que para escandalisar o patriotismo. Não obstante, raiou o 7 de abril.

Triumpho glorioso de um principio politico e de um elemento social, a revolução de abril alistou para logo em suas bandeiras tudo quanto havia de generoso e joven, de patriota e bravo, porem não neguemos que muitos sentimentos respeitaveis, que muitas suceptibilidades dignas seguirão e consolidarão esse triumpho, encarando com a sua viciosa origem.

A Capital do Imperio tinha imposto a sua opinião ao Brasil sem consultal-o. Uma revolta local fizera uma revolução nacional; e do Principe que olhavamo como o fundador da nossa Independencia, fizera um proscripto, procurando ao longe não o descanso de seos desenganos, mas novos campos a novos sacrificios pelos seos principios.

A revolução de abril actuou em Fontoura como em muitos outros. Para fugir ao labeo de ingratos, fizemo-nos puritanos, embebimo-nos aos deveres do cidadão, nos direitos da Patria, nas exigencias duma justiça severa, e começou um antagonismo latente para com essa fracção de todo que nos fizera curvar á sua vontade.

D'ahi á revolução provincial.

Fontoura foi um dos que mais de coração se atirarão nella; e desde o dia em que se desfaldou ao vento a primeira bandeira Riograndense, Fontoura seguiu-a com a fé do neopleitoe, com a abnegação do martyr. As impressoens da sua mocidade nunca o abandonarão; severo em seus principios, sincero em suas opinioens, ninguem foi mais nem melhor republicano do que elle, ninguem fez mais pelo triumpho da cauza que adoptara. Digão-no senão o ataque do Passo do Rosario, o de; digão-no seos trabalhos administrativos, a longa serie de bons, de pacientes de compromettedores quanto innumerous serviços que prestaes na Colectoria local, em luta com a inercia de uns, com o patronato de muitos, com a delapidação de alguns, com a desordem, com a desorganisação de tudo e de todos, digão-no emfim os esforços herculeos que fez no ministerio quando em vespersas de infallivel naufragio, no meio de uma anarchia financeira sem exemplo, foi chamado para dar uma forma racional a esse chaos, e salvar a fortuna publica das garras dos abutres a quem a imprevidencia a tinha abandonado.

Essa prova, porem, foi solemne, o ministerio revelara a Fontoura a chaga que devorava a patria; mostrava-lhe a impossibilidade do exito, a improficuidade dos sacrificios que o pays fazia, e o perigo de manchar a gloria pura dessa revolução infausta abrindo do estrangeiro os caminhos da nossa terra natal. Pense cada um a magoa daquella alma.

Erão as illusões de toda uma vida que cumpria calcar, erão os sonhos de uma era historica que cumpria esquecer para ser na verdade um sacrificio maior do que todos os outros, porem por isso mesmo mais valioso.

Desde então Fontoura conspirou. Sim! Conspirou contra o sangue inutilmente derramado, contra a ruina da Provincia, contra a abnegação do character rio-grandense em insolitas.

Legenda dos dragões

Prologo de nm livro a publicar sobre
a Poesia e a Gloria do Rio Grande.

Figura bronzuada do Dragão
Dos terminos do Sul, na amplitude natal,
A viride extensão
Dos pagos immortaes. . .
O soldado — pastor, o poeta da acção,
Heroico e sonhador
Dos primeiros brazões
Do Rio-Grande. . .
Lyriço e nobre, o sangue azul
E o fardamento de ouro sobre azul. . .
O campeador
Do Regimento de eleição
Que se formou da flor
Da mocidade. . . forte
No orgulho sadio da cohorte
Nesta manhã da humanidade,
Como chamou Garibaldi,
A' mocidade desta natureza,
Unindo a sua sorte
Ao Rio-Grande feliz
Na primavera da evolução,
Unha e garra do Paiz
Nas difficeis occasiões!
Invictos Dragões do Rio-Grande,
Grande rio de amor,
Terra moça. . . de sól. . . E patria do tufão!
Terra aberta do Sul. . .
Onde o Dragão parece
O leão do Dante, o „lion che posa“

Vigilante de aspecto
 Tão differente do „gaúcho málo“
 Das comarcas do Prata,
 Erecto. . . a cavallo,
 Em cavallos monarchas. . .
 Ovantes patriarchas,
 No viso das coxilhas,
 Scenario das guerrilhas, dos pastoreios e trigaes. . .
 Invictos Dragões!
 Na distancia dos tempos coloniaes,
 Anteparo de rudes invasões,
 Nessas jornadas,
 Pelos pampas sem fim,
 Atropelladas de lutas. . .
 Batendo a terra larga
 Com o espanhol á ilharga
 A aguentar o repêcho castelhano
 Que o bandeirante não conheceu!
 Primeira força regular que appareceu
 Já segura de si e certa do seu meio
 Força de integração
 Força que veio
 Com a geração continentina. . .
 Já não era o açoriano e não era o lagunense,
 Nem o indio e o espanhol e o bandeirante
 E era tudo isso. . . O despontar do genio rio-grandense
 Nesse insigne instante,
 Era a alma continentina do gaucho
 Um phenomeno novo,
 O alvorecer de um Povo
 Formando-se a si proprio
 E formando o Rio-Grande,
 Das cinzas dos fogões
 Dos bivaques creoulos dos Dragões
 Em cujo peito de aço
 Ao aço limpo dos arados
 Luzindo pelo tempo e pelo espaço
 Madrugou o instincto nacional
 O pensamento creador da imagem ideal
 Do Rio-Grande. . .
 No entrechoque das forças sociaes
 E raciaes. . . De coxilha em coxilha,
 A trilha formidavel
 Defendendo e mantendo
 Do Bandeirante
 Nesta fronteira admiravel

Sob as galas do céu
 E a radiante festa dos pomares,
 Águias com azas de minuanos
 Respirando o mais puro dos ares
 Que sopra em dois oceanos:
 De coxilhas e de almas. . .
 Grandioso e temerário
 Relicário
 Da alma continentina
 A elaborar a disciplina
 Como a tendencia, militar e social,
 Do Povo Rio-Grandense,
 Por um liame de cooperações
 Sob a influencia da vida pastoril,
 Impavidos Dragões
 Transformados no Gaúcho,
 Filho mais moço do Brasil,
 E irmãos do Sertanejo
 No meneio da gleba e no lampejo
 Da vontade,
 O intremulo Gaúcho
 Que o luxo tem da liberdade
 Condicionada pela ordem, pela honra,
 Amante da familia, enamorado da terra e de si mesmo,
 Na idealidade de um Quixote consciente,
 Definitivamente,
 A equilibrar-se no seu fado
 Pois era natural que nascesse soldado o Rio-Grande.
 Cujá preparação
 Sociogênica é um termo essencia;
 Na America do Sul,
 Nesta porção meridional,
 De defesa e repulsa,
 De expansão do Dragão,
 De luta e de equilibrio!
 Ciblo e fanal, que se levanta e que illumina,
 Na irradiação continentina,
 A terra santa
 Do Rio-Grande
 O equilibrio do genio rio-grandense!
 Nas directivas sem egual
 De forças constructivas
 Da Nação,
 Onde se impõe o Rio-Grande que parece
 Na contribuição espiritual,
 Na função tutellar,

Na energia e na poesia do trabalho,
 Um Gigante que cresce:
 Ainda hoje vibrando os corações, ao estellario da Paz,
 A vibração congenita da Raça
 Na viva trama das lições
 De que se fez capaz o Corpo de Dragões
 De exemplos constructores de civismo
 Ao echo americano do cavalheirismo heroico
 E do respeito poetico á mulher,
 De que ha mistér com suave unção,
 A representação ideal,
 Legenda viva a decantar
 Na Poesia da Historia,
 Inconfundivel circulo de gloria
 Sublime escola de abnegações
 Que precisamos pôr em communhão!
 No começo
 Trinta e sete elles eram os Dragões,
 E no arremêço
 E no milagre desse apostolado
 Multiplicou-se o bom soldado
 De trinta a mil
 Muralhando o Brasil!
 O Dragão sem temor e sem jaça
 Que ergueu o symbolo da Raça
 Raça de numes e titans
 Cujá visão
 O Brigadeiro Silva Paes
 Pisando os areaes do littoral,
 Transposta a barra,
 Antecipou numa feliz inspiração
 De organizar o Regimento de Dragões
 E fundar o Rio-Grande!
 Corpo de cobertura em partidas ligeiras
 De attitudes marcantes e altaneiras
 Pela alegria virgem das coxilhas
 Na tactica já nossa das guerrilhas,
 Nas attribulações que padeceram,
 Nos seus amores, sonhos e esperanças
 De que nasceram
 Caros idealismos. . .
 Um dia, em Santa Tecla, lyrial
 Versão se fez de que o Dragão Raphael Pinto Bandeira
 Enamorou-se de uma prisioneira
 E o caudilho immortal
 Vio que „da espada, outra vez, a mulher triumphára“:

Maria Magdalena era o seu nome baptismal
Que a alma do heroe assim arrebatára
E o leito do noivado, então, nessa praça de guerra,
Elle o armou sobre o ponche, os arreios, a espada
Com que soubera defender no acampamento
A honra da sua amada
E a honra da sua terra,
Sagrando a Igreja o casamento
Essa união gracil de um Soldado — Dragão
Sob o tecto nupcial do cortinado azul do firmamento!
Romanesca união, espiritualizando
Reconditos primordios
Aos clavicordios da emoção da Terra moça
Em moldes incisivos de bravura,
Em motivos de amor,
 Expressão alta e pura
Da Epopea das Fronteiras!
Abnegados Brasileiros
Quando, em vibrantes clarinadas
O Rio-Grande amanhecia
No dealbar continentino
Do sentido legendario e na poesia
De um Povo — Paladino, aos fulgores marciaes,
Onde a Musa acariciou os proprios Generaes,
Os generosos Capitães,
Em claras prophecias de civismo,
Em linhas esculpturaes,
Pedindo o egregio hymno,
A orquestração
Das commemorações
Em metros livres
Como eram livres os Dragões
No seu lampêjo da vontade
E na mobilidade
Dos versos fortes e modernos fixando
Os traços eternos do Rio-Grande,
Nos seus éstos, impulsos, decisões,
Progrenie de belleza e patriotismo,
De talentos, virtudes, heroismo
Desde o commando de Thomaz Osorio
Coronel de Dragões e martyr do dever,
Mais do que o territorio,
A defender e manter,
Para o Brasil voltando a frente,
A'vido de horizonte,
Com Raphael Pinto Bandeira

E as legiões de outros invictos Dragões
Como José de Abreu, o marechal
Rival victorioso dos maiores
Caudilhos castelhanos,
E os Fontouras, Barretos e Charões, ufanos,
A salvar
As tradições
A lingua que falamos, os costumes, os usos,
E os principios communs
A' entrada da Patria!
A Patria do Dragão,
Que tem a fórma de um coração. . .
Na gloria e na poesia
Resóando a musica dos Pampas,
Musica da saude e da alegria,
Saúde physica e moral
Do Brasil!
Como os Dragões alados
Dos contos mythologicos das Mil
E Uma Noites, predestinados
A defender thesouros,
Os thesouros da sua vocação,
A vocação do Rio-Grande,
O destino de alma e o destino de sangue
Continentino
Da grande alma brasileira ás soltas
Pela livre atmosphera dos rincões,
Terra de bençãos e de redempções,
Na posição e nos assombros
De quem sustenta o Brasil inteiro sobre os hombros!
Fazem „pendant“ com as commoções de Garibaldi.
Unindo ao Rio-Grande a causa das Nações,
Em descripções de apotheose,
Sobre o valor extraordinario
Dos nossos esquadrões,
As memorias de Rivêra,
O destemido oriental, o gaúcho adversario
Dos Dragões, braço de Artigas, nã fronteira,
Quando escreveu, com insuspeição, esta verdade:
„Sinto a fatalidade
De me bater contra a cavallaria
Rio-Grandense,
A primeira do Continente!“
A' que pertence a dynastia
Dos Dragões, na eloquencia e na fama
Que Bazilio da Gama, o poeta pacifista,

Como é bem de ver, existe, ao serviço da causa do desenvolvimento social, uma das mais elevadas manifestações das relações ou formas da actividade, que, pela contemplação humana, corrige os hábitos da analyse fragmentaria e sem nos illudir, faz-nos sentir toda a verdade da apparencia como o effeito complexo e constante da realidade: é a Arte, na sua magnitude, devidamente applicada á educação de um povo. Philosophicamente, na esthesia que pretende realisar, ella consiste em uma representação ideal do que é, destinada a cultivar o nosso instincto da perfeição focalisando as consciencias, reforçando e engrandecendo o culto civico, em suggestões fortes, encantando, sem dispersões e estreitezas, com as energias de um intuito constructivo a vida humana, na condensação de uma synthese, pela satisfação dada aos nossos instinctos altruistas; isto é, de um modo, digno extasiando as intelligencias numa flamma irradiante e arrebatando e vinculando os corações, symbolicamente, sob a forma intensa, pois que o bello só pode ser o esplendor da verdade, na perpetuidade das bellezas humanas para o seu culto, si coadunar-se com a definição positiva da „gloria“ como consistente na „aptidão a produzir eternamente o bem“.

I

Creio que a effigie central de um monumento civico ao Rio Grande do Sul ha de, em recorte supremo, tombar sobre a nossa alma, do cimo de um altar ao heróe eterno, anonymo, impessoal, o nobre, o experimentado povo rio-grandense — de trabalhadores e patriotas que, soffrendo a lei da sua posição, se submetteu, historicamente á guerra, bem seleccionando as suas qualidades em combate e acampamento. Mas esse povo, valente, soffredor e cavalheiroso que deu á Patria os seus melhores filhos, impulsionados, por contra-golpe, pelas multidões, que elles conduziram, synthetisando e adquirindo a consciencia dos seus desejos profundos, esse Povo Gaucho, esse Povo Paladino — formou-se no aconchego aspero e doce dos lares do Rio Grande, lares modestos e sadios, que tiveram a Mulher rio-grandense, mãe, esposa e filha, como providencia moral. Ella que representa a imagem da Republica, num cimo de luz, protegerá o heróe futuro, a creança gaucha, com o sacrificio do seu amor aos sonhos que rolam no coração dos heróes, nesta terra de redempção e de benção!

Incomparavel symbolo esse que, celebrando a influencia redemptora dos antecedentes christãos, annuncia o predominio affectivo, na evolução brasileira, o bom genio de amor da nossa raça!

Pois si é verdade que no futuro será o nome da terra patria mudado pelo de terra „matria“, por isso que o amor por ella é o prolongamento do amor natural, não hesitará o artista eminente, emblemar as qualidades modestas e sadias, formadas, como digo, no aconchego dos lares rio-grandenses, pela effigie da mulher, com o melhor da nossa affectividade originaria e do nosso idealismo nativo. E' á conta dessas principaes características brasileiras, que podemos lançar cada movimento em nossa historia. „Spiritus flat ubi vult“. Seja qual for a patria a que pertença o historiador, seja qual for a epocha estudada por elle, o ponto de referencia do verdadeiro espirito historico é naturalmente universal, é o da fraternisação republicana, amando o homem acima das éras que se succedem e das doutrinas que passam com o senso do moralista, com a visão do poeta, com o criterio do sociologo, na função de educar a alma collectiva. E' pois, ao heroe-eterno, o Povo, formado nos lares do Rio Grande e historicamente seleccionado, de face voltada ao proprio espirito da nacionalidade, no élo que a prende ao espirito geral das sociedades americanas, é a essa effigie que a Mulher resume, que devemos sublimar, com veneração filial, domestica e civica, no verdadeiro patriotismo „o patriotismo-humano, porque esse culto cavalheiresco, para com a Mulher é o maior titulo de orgulho da nossa raça. Pois bem. Foi um ideal de raça, que o gaúcho brasileiro, defendeu nesta admiravel fronteira do extremo-sul, raça que, num „slancio“ sublime, deu ao mundo a arte grega, (raça mãe da esculptura), o imperio romano, a moral christã, a Renascença, as cruzadas, desvendando ao mundo o continente que habitamos, no impeto da Cavallaria do Mar; porque a formação do Ro Grande é um dos termos sociogenicos essenciaes, — de defesa, de repulsa, de expansão, de luta e de equilibrio, — na America do Sul, cujas sociedades experimentam, definitivamente, os seus regimens politicos reflectindo a preponderancia da civilisação do occidente.

Isto posto, creio que para condecorar um monumento á historia inconfundivel do Rio Grande, opulenta de actos e de vultos representativos, de scenas tocantes, de lances formidaveis, de lições generosas, poderão desafiar a inspiração do artista, de animo sereno, em largos paineis da grande alma brasileira dos rio-grandenses a alma collectiva que se affirma em nossa adolescencia de povo-paladino:

II

A allegoria ao animo forte do bandeirante que, sendo o agente economico e o traço de união racial que creou o Brasil, no testemunho do historiador allemão Handelman, permittiu, como é justo reconhecer ao alijar do Paraná o hespanhol, que o gaúcho se formasse a si proprio e que formasse o Rio Grande, consciente de si e do seu meio.

Obra puramente dos filhos do povo, o bandeirismo, arrojo que alcançou a chancellia internacional, garantido na letra de um tratado pela acção do avô dos diplomatas brasileiros, Alexandre de Gusmão, salvando, depois do bandeirante e do gaúcho, do dominio estrangeiro o Rio Grande (desajudado de Portugal) e Santa Catharina, na definição territorial do Brasil.

Ao delinear este trabalho, se me deparou, na imprensa do Rio de Janeiro, um artigo em que o publicista Oliveira Vianna, annuncia o sentido de um livro que quer publicar sobre as populações meridionaes do Brasil, emprestando aos bandeirantes, com interpretação materialista da historia, o movel, tão sómente, de se atirarem ao Deus dará, rumo ao sul, para arrebanhar gados e cavalhadas e prear indios até o Uruguay. Pergunto si foi isso apenas o impeto das bandeiras do qual nasceu o Brasil. Pergunto por aquellas palavras desses mesmos bandeirantes que alijando o hespanhol do Paraná, permittiram que o gaúcho brasileiro formasse o Rio Grande, ao declararem, dirigidos, em 1630, por Antonio Raposo Tavares, cahindo sobre a provincia de Guayra: — „Vimos expulsar-vos deste paiz, pois nos pertence, e não ao rei de Hespanha“.

Era o sentimento brasileiro que lhes brotára na alma de velhos paulistas, essa raça de gigantes, no testemunho de Saint-Hilaire, que repetiu no devassamento do coração do paiz e pelas campinas do sul, as façanhas ao Deus dará da cavallaria do mar dos avós portuguezes, immortalisados pelo cantor do poema ideal de Patria. Contemplemos, no tablado da historia, outros amplos horizontes Moraes.

III

A allegoria a esse despontar do genio continentino, a esse primeiro soldado rio-grandense que, respirando a livre atmosphera de pampa e cochilha neste povo seleccionado em combate e acampamento, defendeu a obra, mantida do bandeirante; soldado de occasião, campeador no trabalho das estancias representado pela fina flor dos indomaveis Dragões do Rio Pardo,

em cuja estirpe sobranceiam Raphael Pinto Bandeira e o martyr commandante desse regimento ou esse marechal José de Abreu, o rival victorioso dos maiores caudilhos hespanhoes do Prata, entre os principaes salvadores da nossa fronteira meridional na America Portuguesa.

Campeador que preparou a historia rio-grandense, sosinho, vigilante de aspectô, na suggestão do proscenio comparado ao exemplo grego de Hercules a esmagar, sem amparo de ninguem, no berço, a serpente ameaçadora da integridade territorial, atalaiando as lindes nacionaes, como força defensiva, o olhar voltado para o horizonte distante e o espaço castelhano, num cunho magestoso da acção integradora, decisiva, que a attitude invicta do gaúcho, collectivamente, imprimiu com revivescencias historicas, no branco marmore da coragem...

IV

A allegoria, em taes linhas esculpturaes do dragão de fardeta, de calções até os joelhos, botas de polimento, espadim ao lado e um capacete com pennacho, do qual saia o cabello comprido, amarrado por uma fita, sempre prompto „a combater como os cavalleiros medievaes e a morrer pelo seu Deus e a sua „Dama“, allegoria á multiplicação de heróes, com José Borges do Canto que, no apostolado de Patricio José da Camara, realizaram na expansão geographica do Rio Grande, a ultima obra dos dragões: a conquista missioneira, lá onde repontou esse genio continentino, alongando as linhas nacionaes, em milhares de kilometros quadrados.

V

A allegoria, portanto, ao sonho de poesia selvagem em scenario imponente, sonho de liberdade, que se mudou em seguida num ideal de patria, por intimo sentimento, necessario, que chamarei instincto de nacionalidade, phenomeno sociologico de enorme alcance politico, na fidelidade do Rio Grande á Patria, em formação, separado, como elle estava, do resto do paiz, pelo deserto até São Paulo e pelo espantalho da barra, mas defendendo, desde as jornadas coloniaes, mais do que o territorio, — a lingua, as tradições, os usos, os costumes communs, o ideal de raça!

Segundo cyclo das lendas do ouro na bacia do Uruguay

Conferencia realisada no Instituto Historico e Geographico
do Rio Grande do Sul, pelo P. Carlos Teschauer

O assumpto deste Cyclo é tanto mais interessante quanto faz parte da historia do antigo Rio Grande e da America do Sul.

Levantaram-se estas lendas ou fabulas a primeira vez em meados do seculo dezesete, passaram ao seculo dezoito e alcançaram o seculo dezenove.

Só este facto prova abundantemente a credulidade e a disposição para aceitar as fabulas — que existiam em redor do metal amarello, lendas estas que, pôde-se dizer, formavam o alimento intellectual, o prato predilecto de conversa dos diversos circulos sociaes daquelles tempos.

Foi sob o governo de D. Pedro Estevão de Avila e Henrique (1632-38) que se formou o boato de que os jesuitas occultavam no Alto-Uruguay opulentas minas de ouro e que não contentes com enriquecerem-se a si mesmos enviavam muito ouro para paizes estrangeiros. Não preciso lembrar que era grande crime occultar mina de ouro por privar ao rei dos quintos legaes a que tinha direito. O Conselho de Indias ligou tanta importancia a este boato que logo expediu ordem para que nas reduções não se tolerassem mais missionarios que não fossem de origem espanhola.

Veio dar grande força ao boato o testemunho de um indio. Contava elle que no paiz donde viera, possuiam os jesuitas ricas minas de ouro e falava com tanta convicção e coherencia que persuadiu muita gente. Chegou a affirmar que elle mesmo tinha achado tanto pó de ouro que bastava para encher um meio alqueire.

Accrescentou que para defesa das minas tinham erguido fortaleza guarneçada de gente com arma de fogo. Sua narração

era circunstanciada tão simples e ingenua a maneira com que respondia a todas as perguntas que até aquelles a que não merecia credito, começavam a duvidar. Deixou-se impressionar também o Governador, que informou o rei em sentido affirmativo.

Parece que esta especie de desacreditar os missionarios surgiu então pela primeira vez. Era tanto o empenho do governador em averiguar este caso que enviava um alcaide ordinario cada vez que saiam ou voltavam jangadas para examinar as alfaias e ornamentos ecclesiasticos dos padres que chegavam das Missões de Santa Fé ou de Buenos Aires. Soffriam esta vexação com religiosa resignação sem que pudessem os visitantes descobrir um só grão de ouro, seja em poder dos indios, seja na bolsa dos padres, seja no mais escondido recanto das embarcações; sendo impossivel encontrar o que não havia nem jámais houve.

Com estas e outras diligencias exquisitas, saiu, enfim, o governador do seu engano e adquiriu a formal certeza de que eram invenções dos inimigos dos missionarios aquellas sonhadas minas de ouro.

Conheceu agora que suas informações enviadas ao rei não tinham fundamento e declarou em um officio á côrte que eram falsas. Outrosim, teve a coragem e a força moral de retratar-se publicamente, confessando que o tinham enganado pessoas apaixonadas. Dóra em deante professava grande amizade aos jesuitas a cuja porta chegou a pedir-lhes perdão.¹⁾ Assim a propria autoridade encarregou-se de dissipar a trama urdida contra os missionarios.

Passados apenas dous lustros emergiu de novo o boato do ouro do rio Uruguay. Desta vez occasionou uma

Visita de D. Jacintho Láriz

ao Uruguay e Rio Grande. Tornavam turbulento o Governo de Láriz os litigios que sustentava com o prelado da igreja de Buenos Aires a quem a ancia de D. Láriz, de metter-se em negocios ecclesiasticos obrigou a fulminar as censuras para conter-lhe o arrojo, com que se arrogára o exorbitante direito de emittir decretos para que ninguem pudesse doar á igreja bens de raiz, annullando taes doações.

Os jesuitas mereciam-lhe tanto desaffecto que se indignava e até insultava a quem se atrevia a pôr os pés no collegio. Disse varias vezes que havia de fazer quanto mal pu-

¹⁾ Lozano, Conquista III cap. 16.

desse aos padres da Companhia de Jesus e peor era, diz Lozano, que as obras não desdiziam das palavras, executando-as em quantas occasiões se lhe offerecia.

Não se havendo por satisfeito com apartar os vizinhos de nossa communicacão e considerar inimigo a quem nos fizesse alguma boa obra, se esforçava por tornar suspeitos os jesuitas quanto á fidelidade ao Rel. A's jangadas que baixavam ao porto para conduzir ás missões o necessario para seu sustento, fazia tantas vexações que os missionarios se viam obrigados a privar-se daquelle recurso.

Aos tribunaes informava no sentido de desacreditar os jesuitas: em uma palavra, procedia em tudo como seu inimigo declarado. . .

Concebera este odio figadal aos jesuitas por não lhe approvarem os desmandos, mórmente os de ministro pouco fiél, mantendo relações secretas com os rebeldes de Portugal, admittindo os navios que vinham do Brasil e de Angola que com elle repartiam o lucro.

Voltando ao supradito boato do ouro: não é preciso advertir que era bem-vinda ao governador não menos que uma carta de D. Cárdenas em que este se referia ás minas como a um facto sobre que não pairava duvida.

Os delatores triumphavam, entre elles, o indio de nome Boaventura. D. Láriz resolveu ir pessoalmente ao Uruguay e ver por seus proprios olhos o verdadeiro estado das cousas. Embarcou-se com uma escolta de cincoenta soldados, levando comsigo o indio e fazendo-se acompanhar de D. Martin de Véra, que passava por mineiro habil e mui experimentado.

A cousa ia se tornando seria para o indio e ainda não tinham feito meio caminho, quando desapareceu o homem. Láriz, fosse qual fosse sua opinião a respeito da veracidade do fugitivo, seguiu viagem e entrou sem ser sentido nas reduções até que se achou nellas, e sem communicar aos missionarios o fim de sua expedição, começou a interrogar alguns neophitos recommendando-lhes silencio.

Mas o padre Dias Tanho, superior destas missões, que bem lhe sabia o intento, o supplicou a continuar a viagem e visitar todas as reduções, não em segredo mas publicamente; requereu, tambem, em nome do rei intimasse a d. Cárdenas para que este desse a prova de sua asserção na carta. Não pôde o governador recusar pedido tão justo e, depois de despachado, um proprio que levasse a d. Bernardino a intimação, entrou no Paraguay, onde logo sentiu grande agitação entre os neophitos cada vez que se apresentava á frente de seus soldados.

Indagando a razão, disseram-lhe que os neophitos conheciam bem o projecto do bispo do Paraguay de expulsar aos

seus missionarios, e, vendo-o entrar com exercito, não duvidaram que sua viagem não tinha outro fim senão dar execução áquelle projecto e que o padre que o acompanhava devia tomar posse de todas as igrejas. Ponderaram-lhe que ninguem podia responsabilisar-se pelo que succedesse da parte dos Guaranyes que estavam convencidos de que a mudança de seus missionarios não tinha outro motivo que o de privar-os de sua liberdade e si os não tranquilizassem promptamente quanto a este ponto, era inevitavel e certa a deserção das reduções.

Explicada assim a duvida do governador, este logo respondeu que estava longe de secundar os designios do bispo do Paraguay; e para dar-lhes a prova, incontinenti fez partir o seu capellão para Buenos Aires, sem permittir-lhe dizer missa em uma das reduções.

Foi quanto bastou para perderem os Guaranyes todo o receio; prestaram ao governador todas as honras devidas ao seu alto cargo e nenhum o impediu de proceder a todas as investigações, o fim principal da sua visita, antes proporcionando-lhe todas as commodidades e auxilios á sua disposição.

O governador começou a visita por declarar a seus soldados que, quem primeiro descobrisse uma mina de ouro ou obtivesse as desejadas noticias della seria promovido ao gráo de capitão, receberia o respectivo fardamento e uma gratificação de duzentos „felippes“.

Póde-se imaginar que a cincoenta soldados estimulados por taes promessas não escaparia o que tanto se procurava. Baldados todos os esforços, afinal um se apresentou com um indio, o qual dizia que sendo menino de cinco annos, fôra levado a uma mina de ouro e se offereceu a conduzir-o lá, pois lembrava-se perfeitamente do logar. Immediatamente enviou o governador ao mineiro D. Martinho, acompanhado do indio e de uma escolta de praças, para proceder ao exame do ouro.

Depois de uma viagem de alguns dias por caminhos quasi intransitaveis chegaram ao sitio indicado; mas nada acharam senão uma substancia brilhante que uma creança podia tomar por metal.

Si ainda uma sombra de duvida pairasse sobre o caso, nasceria do desaparecimento do indio Boaventura. Os missionarios que se aperceberam que não faltaria quem dissesse que elles o tinham feito desaparecer, não pouparam diligencias até que o descobriram.

Levado á presença do governador, offereceu-lhe este grandes recompensas, si lhe revelasse as minas que promettera. Negou, porém, agora o indio redondamente que jámais tivesse feito tal promessa nem dito palavra a este respeito. Suspeitando o Governador que o medo de offender os jesuitas tapasse

a Boaventura a bocca, prometteu-lhe solennemente sua alta protecção, tentando, porém, em vão todos os meios de persuasão. Mandou então empregar a tortura, recurso em que naquella época, nenhum governo escrupulisava. Mas não poudé arrancar-lhe mais que uma mentira, que nunca tinha falado em minas nem fortaleza, que devia estar ebrio.

— Embriaguez ou impostura, exclamou D. Láriz, ha de custar-te a vida! E condemnou-o a ser enforcado, sentença que á intercessão dos padres converteu-se em duzentos açoites. Esta foi a segunda vez que se examinou materia tão ruidosa.

Uma explicação do extranho proceder do indio Boaventura acha-se talvez nos seus antecedentes, que ainda não referi. Recebera cuidados e educação christã e estava de creado em um convento de Buenos Aires, quando um dia fugiu ás selvas para viver em uma tribu errante, como si nunca tivesse tido tintura de christianismo. No correr de suas aventuras veio a dar numa das reduções do Uruguay, onde se declarou christão e soube fazer o papel de hypocrita com tanta habilidade que adquiriu grande reputação de virtude e zelo das almas; mas quando menos suspeitavam, fugiu com uma mulher casada que seduzira. Perseguiram os fugitivos e Boaventura depois de açoitado na praça foi remettido para Buenos Aires. Lá declarou que os jesuitas o empregaram na lavra das suas minas e accrescentou que com outro indio combinára fugissem com o pó de ouro que pudessem carregar, mas que seu companheiro o atraçoára e que assim fôra açoitado e expulso.

Os missionarios se lisonjearam de que uma calumnia, de que tão mal se saíram seus autores, não lhes trouxesse mais outra consequencia de monta; mas era da natureza daquellas cujas primeiras impressões deixam vestigios que não pódem mais ser apagados pelas justificações as mais autenticas.

Assim veremos produzirem mais ruido do que nunca, multiplicarem-se, e estenderem-se os boatos e fabulas das minas de ouro, apezar das retratações mais solennes, apezar das declarações mais exactas e minuciosas, e em seguida passarem de um a outro hemispherio, de um seculo a outro seculo como factos, averiguados e indiscutiveis dos quaes duvidar não é mais licito e incompreensivel para muita gente como ainda se possa duvidar.

Auto do ouro fingido

Tres ou quatro annos depois da visita de D. Jacintho Láriz, e ainda no seu governo, levantou-se nova balela do ouro do Uruguay. Foi para mim uma surpresa encontral-a em documentos, que ha pouco ainda inéditos se tiraram das fun-

duras dos archivos; explica-se assim o silencio dos antigos historiadores.

Desta vez não são indios boçaes que figuram como descobridores de minas de ouro, mas graves militares e um ecclesiastico de alta categoria, alferes, capitães e generaes do exercito.

Existe um „Auto sobre el oro fingido“ de 10 de janeiro de 1651, emitido de Assumpção pelo visitador general e governador do Paraguay, d. André de Leon Garabito, onde se vê e lê que os capitães Melchior Casco de Mendoza, Christovan Ramirez, João Leal, João de Asarsa, Thomaz de Aristigueta, o alferes Garcia Banegas de Gusmão, os generaes Diogo de Yegros, Francisco Nunes Davalos pedem e requerem se lhes despache a licença e faculdade de com suas armas e á sua custa descobrirem á sua Magestade um novo Potosi, mais rico do que aquelle de que a Real Corôa gosa tão crescidos augmentos.²⁾

Naquella época falava-se muito sobre as minas de Potosi e a chegada de sua prata para pagamento dos soldos do exercito era um grande acontecimento, de antemão apregoado na praça e ruas da cidade. A's vezes passavam tres annos antes de chegar a prata; explica-se então que procurassem outro Potosi.

Parece que, a estes soldados, rolava nas veias ainda o sangue dos antigos conquistadores, só com uma differeça que no meiado do seculo dezesete esta linguagem se resente de uma nota de aventureiros que lembram os cavalheiros de industria de nosso tempo.

Pergunta-se em que paiz existe o tal novo Potosi para ser conquistado? Qual o inimigo a combater, qual o exercito a derrotar?

O citado documento esclarece nossas duvidas, dizendo que é nas reduções da Companhia de Jesus que se encontra esse novo Eldorado e que, como estes senhores propalaram por libellos, pelos tribunaes e o mundo, estes padres occultavam para seu proveito as ditas minas de ouro. Mas para que então as armas? Disso dá outro documento ³⁾ o necessario e inesperado esclarecimento. Nelle lemos que os ditos missionarios, accusados de não só occultarem nas regiões dos rios Paraná e Uruguay as minas mais ainda de as defenderem, de comprarem armas em cujo uso adextraram os guaranys, escolheram até um rei para o dito effeito. Este sem duvida devia ser quem recrutasse os itatines para o exercito do Uruguay, levantasse a fortaleza e a guarnecesse de artilharia, canhoneando os espa-

²⁾ Annexos a la Memoria sobre Question de Limites por Trelles, Buenos Aires 1867, pag. 64.

³⁾ Ibid. pag. 54.

nhoes, segundo a informação que o reverendo frei Jacintho de Jorquera, provincial que foi da sagrada religião de São Domingos fez á Audiencia Real do Chile.

Seja de passagem lembrado que o mytho do rei jesuitico no seculo dezoito nas Sete Missões, teve um predecessor no seculo dezesete, se me não engano até hoje desconhecido.

Voltando aos conquistadores do novo Potosi temos a dizer que o novo governador visitador geral d. André Garavito aceita-lhes com boa sombra o generoso offerecimento anima-os e offerece-lhes todo o auxilio necessario, garanlindo-o com a sua pessoa, para que ninguem os estorve nem hostilise. Notifica-lhes, porém, que dentro de vinte dias saísem pessoalmente ao descobrimento das minas, visto que andava aqui empenhado o credito dos religiosos da Companhia de Jesus. Por fim, ainda lhes promette um premio proporcionado a tão grande serviço, que iam prestar á corôa e á patria.

Quem duvidaria de que os nossos cavalheiros quanto antes saíssem á conquista do novo Potosi do Uruguay, para a qual o governo concedera não só seu consentimento, mas ainda sua cooperação e promessa de honras e premios? Mas os homens subitamente apparecem mudados. Passam-se os vinte dias marcados e mais de vinte semanas e nada empreendem.

Que motivo teriam para um proceder tão pouco coherente?

Seriam os receios dos exercitos e canhões do rei do Uruguay?

De outro documento de dezenove de julho, seis mezes mais tarde, collige-se que se excusaram de deixar a cidade. O governador agora lhes impõe a expedição, ameaçando-os com os castigos da lei, eximindo porém o general Diogo de Yegros desta obrigação pela satisfação que apresentou para o credito e em abono dos missionarios.

Pareciam os proprios descobridores tão pouco convencidos da existencia das minas do ouro que ainda depois de um mez não tinham dado um passo para a sua exploração, apesar da comminação do governador. Não deve, pois admirar que este procedesse contra os fingidos descobridores das chimericas minas que não eram senão injurias e calumnias levantadas aos missionarios da Companhia de Jesus.

„Devo declarar falsas, diz D. André Garabito ⁴⁾ e de nenhum valor as accusações e calumnias que disseram e affirmaram em seus escriptos. . . em particular naquelles que se referem á occultação das muitas riquezas e minas. . . levados da sua paixão espalhando-as em informações e outros instrumentos com tão grande prejuizo e desdouro dos ditos reli-

⁴⁾ Loc. cit. pag. 67.

giosos. . . Enchendo os ditos delatores o mundo e os tribunaes de vans promessas de descobrimento de um novo mundo de riquezas, maiores que as de Potosi. . .“

Em seguida, condemna-os a dar aos missionarios completa satisfação, ao desterro perpetuo e á multa de quinhentos pesos o general Francisco Nunes Davalos e os capitães Melchior Casco de Mendoza e Thomaz de Arestigueta. Os demais cúmplices, foram multados em menos.

Não se sujeitaram os réos a esta sentença do visitador geral, mas interpuzeram appellação; porém o tribunal appellado não deu provimento do recurso dos appellantes e manteve a sentença.

Em auto de dezoito de setembro manda outra vez que cumpram o teor da mesma e que dêem satisfação completa aos religiosos da Companhia e ás reduções e que se apresentem no carcere da cidade do Prata. Por outro de quatro de novembro (de 1651) vemos que não fizeram retratação das calumnias, mostrando-se contumazes e rebeldes aos mandatos da real justiça e que continuavam a repetir as mesmas calumnias. Logo depois foram presos.

Em seguida manda um decreto do visitador geral S. A. Garavito que os supraditos réos ao serem retirados da prisão em que se acham, para serem levados á barca, em que se têm de ir a cumprir seu desterro, sejam postos em publica praça e alli, em sua presença, se publique e se leia a dita sentença ao som de caixa e voz de pregoeiro, para que aqui valha esta diligencia de satisfação publica que os réos deviam fazer e dar segundo lhes manda para sua infamia em que têm incorrido como falsos delatores e se restitua aos ditos religiosos, mais plenamente sua boa fama e se reconheça sua innocencia.

Que se executou este decreto attesta outro documento, que resa assim:

„Na cidade da Assumpção a seis dias do mez „novembro de 1651“ annos em comprimento do decreto desta outra parte, na praça publica desta cidade, pegada ás casão do cabildo della, onde Francisco Nunes, Melchior Casco de Mendoza e Thomás de Arestigueta estão presos em um calabouço que por meio de grades de ferro dá saída á dita praça, publicou-se a sentença contida no dito decreto por bocca do negro Miguel em voz alta e com muito concurso de gente. A este acto assistiram o capitão João Fernando de Cordova, alcaide provincial, o mestre de campo Rodrigo de Rojas Andrade e Lazaro da Ortega Bellejo, alcaide de S. Hermandad e outras muitas, pessoas. . .“

Esta foi a terceira vez que se examinou materia tão ruidosa e que autentica e solennemente foi destruida a fabula do ouro reconhecida a innocencia dos missionarios.

A SENTENÇA DEFINITIVA

Parece incrível, mas é facto indubitavel: depois de poucos annos a lenda levantou outra vez a cabeça e com tanta apparencia de verdadeira que a Real Audiencia informou o Conselho das Indias que julgou andar bem avisado enviando um novo visitador á America do Sul.

Foi em 1657 ⁵⁾ que a d. Garay e Saavedra, governador do Paraguay, succedeu, no mesmo cargo, D. João Antonio Blasquez de Valverde. ⁶⁾

Este distincto membro da Real Audiencia de Charcas partiu, revestido dos mesmos titulos que d. André Garavito, mas com poderes mais amplos. Foi encarregado de examinar o estado das rendas da Corôa nas tres provincias de Tucuman, do Paraguay e do Rio da Prata, a caixa real em Buenos Aires, as missões dos jesuitas, o numero das reduções, quantos re-religiosos se empregavam nellas, o numero dos indios reduzidos e dos que deviam pagar impostos e sobretudo averiguar por si mesmo si existiam ou não minas de ouro na região do Uruguay.

O novo denunciante era um indio de nome Domingos, que se dava por tupi de nação, posto que houvesse nascido em Jaguarão, poucas leguas de Assumpção. Nunca deixara este logar senão para entrar ao serviço do capitão Christovão Ramirez de Fuenleal, que pouco depois o levou para Tucuman. Partidario declarado de d. Bernardino de Cárdenas, tinha este militar apprehendido circundar com visos de verdade a chimeria das minas com razão tão desacreditadas entre todas as pessoas sensatas e elle acreditava conseguil-a por meio do seu escravo.

Levou-o a Santiago sem manifestar o seu intento e depois de o ter bem instruido, deu-o de presente ao bispo d. Melchior Maldonado.

O motivo do seu silencio era o ter sido sentenciado por d. Garabito e declarado inhabil para exercer jamais emprego publico e multado em 300 florins de indemnisação que teve de prestar aos padres. Tudo quanto tivesse proferido tal homem contra os religiosos teria passado ao menos por mui suspeito.

Foi só bom tempo depois de entrar no serviço do seu novo dono que começou Domingos a representar o papel em que seu

⁵⁾ Charlevoix (lib. 12) e Southey erroneamente fazem apparecer no Paraguay o governador e visitador Blasques Valverde já em 1651. Cf. Lozano Cong. III cap. 13.

⁶⁾ Carta inedita de Escandon ao P. Gervasoni.

antigo dono o adextrára. Reproduziu-se a historia da primeira impostura. Espalhou o indio entre a gente que, perto da Conceição, uma das mais antigas reduções sobre a margem direita do rio Uruguay, vira tres ricas minas de ouro e chegou a apresentar uma planta que disse ter levantado nos proprios lugares. Não tardou em alvoroçar a cidade; o magistrado mandou buscal-o e submetteu-o a uma especie de interrogatorio. Sustentou tudo quanto tinha espalhado e o magistrado fel-o partir para a Audiencia Real de Charcas. Tambem lá interrogado, diversas vezes, persistiu em que não proferira nada, que não livesse visto com seus olhos. Então foi remettido ao visitador geral do Paraguay, d. Blasquez Valverde que foi com elle a Santiago. Apenas chegado, o visitador foi chamado a Córdova para tratar de um negocio urgente e proprio para lhe inspirar desconfiança de Domingos.

O secretario de d. Cárdenas, d. Gabriel de Cuellar, caíra gravemente doente em Córdova e estava desenganado dos medicos. Vendo-se no ponto de apparecer perante Deus, obrigaram-no os remorsos da consciencia a fazer aos jesuitas uma reparação judicial de tudo quanto cometera contra elles, quando estava ao serviço do bispo do Paraguay e mandou pedir a d. Blasquez Valverde fizesse o sacrificio de vir recebê-lo. O visitador partiu immediatamente e o enfermo lhe apresentou um escripto ⁷⁾ assignado por sua mão do qual tiro só o trecho que se refere a nosso assumpto.

Depois de affirmar que o meio das violencias do bispo d. Cárdenas o induzira a servir-lhe de secretario e de seu procurador geral contra os padres da Companhia de Jesus, continúa: Eu me sujeitei a fazer dizer, escrever e dispôr contra elles quanto queria o dito senhor bispo e o que é mais, a instigar a fazerem o mesmo muitos habitantes da cidade e tudo cegamente e sem examinarem si o que assignavam era verdadeiro ou falso, posto que eu fosse persuadido na minha consciencia que se imputavam a estes padres coisas que nunca praticaram e que tudo não era senão effeito da paixão do dito senhor: pois quanto se tem dito e escripto que eram infieis ao rei nosso senhor, que tinham usurpado minas, donde tiravam ouro para envial-o a paizes estrangeiros; que pretendiam subtrair esta provincia ao dominio de sua majestade; que eram hereticos, schismaticos, perturbadores do socego publico e prejudiciaes ao estado, tudo isso são mui grandes falsidades e eu desejava possuir uma voz assás forte para me fazer ouvir em todo o universo e para destruir as calumnias com que os tinha denegrido."

⁷⁾ O texto na sua integra apud Charlevoix, Hist. do Paraguay, liv. 42.

Esta solenne retractação de pessoa tão autorisada poude a Valverde dar um prognostico do exito das suas indagações. Para não demoral-o, partiu logo, levando em seu sequito o indio e quanto mais se achegavam do termo da viagem, mais se gabava este de descobrir as famosas minas de ouro. Mas não intentava com isto outra cousa senão tirar a Valverde toda suspeita, para não ser vigiado de perto. De facto, quando menos o pensavam, o homem tinha desaparecido.

Não faltou então quem dissesse que os jesuitas o haviam feito retirar-se e si o visitador não acreditava, não deixaram estas falsas de excitar-lhe alguma suspeita. O fugitivo tinha que evitar as reduções; mas como não conhecia esta região, que nunca antes pisára, a Providencia permittiu que desse na redução de Yapeyú, onde já havia noticia de sua fuga e o prenderam e conduziram á redução da Conceição onde o esperava o visitador. Interrogou-o este porque se escapára pela fuga, e como não quiz confessional-o, ameaçou-o com a tortura. Foi então que o infeliz se desmascarou.

Confessou-lhe tudo; que nunca puzera pé nas reduções, que não sabia lêr nem escrever, que lhe entregaram a dita planta, que fôra o capitão Fuenleal, seu amo, que, por suas ameaças, o compellira a fazer o papel de denunciador dos padres.

O visitador, não contente com este resultado da sua inquisição, quiz com a planta na mão e em companhia de experimentados mineiros examinar os proprios logares indicados no papel. Os peritos, depois de exactas e escrupulosas pesquisas, daclararam com juramento que, naquella região, não sómente não existiam minas de ouro, mas que o terreno nem era proprio para produzir semelhantes metaes.

Apenas esteve refutado e reduzido ao silencio o mytho das minas de ouro, quando emergiu outro de esconderem os padres uma mina de prata. Appareceu outro indio que entregara a um religioso residente em Assumpção um pedaço deste metal, affirmando que o encontrara na margem do Uruguay, onde os jesuitas lavravam uma mina.

Pouco tempo mais tarde prégando o mesmo religioso em uma igreja, cujo nome o dr. Jargue, que narra este facto, não declina, fez uma digressão sobre as minas que se dizia possuírem os padres da Companhia e, para provar que não falava sem fundamento, mostrou a seu auditorio o pedaço de prata que lhe offereceram. Até os menos prevenidos contra os jesuitas não sabiam que pensar ao vêr esta prova apparente, quando se descobriu ter sido a amostra arrancada do pedestal duma estatua da Virgem e se verificou que se assemelhava a muitas outras que tinham vindo das minas do Perú.

Este incidente, diz Charlevoix, não serviu pouco para fa-

zer compreender a d. Blasquez Valverde que os jesuitas tinham inimigos gratuitos em todas as classes da sociedade e de quanto estes eram capazes e sem demorar-se seguiu caminho de Assumpção.

Lá encontrou-o a noticia de que o capitão Christovão Ramires de Fuenleal, a triste causa da penosa viagem, fallecera depois de ter-se desdito de quanto dissera e fizera contra os jesuitas e ter-lhes pedido perdão.

Entregaram o original da retratação do capitão Fuenleal ao visitador que o ajuntou aos outros documentos juridicos que deviam entrar no processo verbal da visita. Em seguida, o visitador pronunciou a sua sentença, proclamando a innocencia dos jesuitas que haviam sido falsamente accusados de possuirem e aproveitarem minas de ouro e condemnando os autores desta calumnia. Tinha escapado á execução da sentença o capitão espanhol ao serviço de d. Cárdenas pela morte natural; seu escravo e agente, porém, foi reconduzido para Assumpção onde foi condemnado a ser açoitado, passando montado num burro pelas ruas da cidade e seguido por um official da policia que á voz alta publicou o crime, cerimonia esta que teria terminado só na forca, si o reitor do collegio o não tivesse livrado por sua intercessão, ponderando que o infeliz escravo fôra constrangido por seu amo a fazer tudo quanto fizera.

Esta foi a quarta vez que autentica e solennemente foi destruido o mytho do ouro e reconhecida a innocencia dos padres da Companhia de Jesus.

Eram imaginarias as minas de ouro e não tinham outro ser que na fantasia dos adversarios.

Cem annos de paz argentino-brasileira

(Conferencia realizada pelo dr. Leonardo Truda, no Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul)

A cem annos de distancia, o recuo do tempo nos permite vêr bem em toda a sua grandeza e appreender a significação de todos os detalhes desse monumento elevado á concordia e a solidariedade americanas, que é o pacto de paz de 27 de agosto de 1828. Nem mesmo os seus negociadores, diplomatas perspicazes e homens publicos de clara visão, nem mesmo elles proprios avaliaram, talvez, em toda sua extensão, o vulto da obra que realizavam. Muitos annos passaram sem que se lhe aquilatasse bem a importancia.

O fecho de um cyclo historico

Hoje, todos sabem o que vale a Convenção Preliminar do Rio de Janeiro. Não é o simples traslado de um pacto diplomatico. Não é apenas o acto que poz termo a uma guerra ingloria. Nem é só, tambem, — e seria muitissimo com isso — o abraço fraternal que sélla uma reconciliação. E' mais, é muito mais do que tudo isso: a celebração da paz de 1828 é o gesto definitivo que encerra todo um cyclo historico de quasi dous seculos de duração.

Talvez pudessemos buscar o germen inicial desse cyclo, naquella linha imaginaria de Tordezillas, com que o papa Alexandre VI, partilhava o Mundo Novo que a audacia de navegantes e conquistadores ia descobrindo aos olhos maravilhados das velhas nações, dividindo-o entre Portugal e Espanha. Talvez lhe pudessemos datar o ponto de partida das primeiras entradas com que os bandeirantes paulistas, espraiaando para o sul, faziam recuar o meridiano e alargavam em proveito das pos-

Religio vera est firmamentum reipublicae. Omni humanae societatis fundamentum evellit, quae religionem convellit.

Assim falava, não o saltimbanco Zarathustra, mas a bôca preclara de Platão.

Vejamos, pois, de que modo encaravam o pastoreio das almas os bellicosos pastores de Trinta e Cinco.

Vejamos que attitude mantiveram, em face do grande evento guerreiro e politico, os representantes da Igreja.

Vejamos como pensavam e agiam aquelles revolucionarios, em materia de religião.

Como todos sabem, a Guerra dos Farrapos teve inicio com o combate travado na ponte da Azenha, na noite de 19 de Setembro de 1835, entre revolucionarios ao mando de José Gomes de Vasconcellos Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto e legalistas obedientes ás ordens do Visconde de Camamú. Venceram aquelles, que no dia seguinte, 20, entraram triunfalmente na cidade, obrigando o Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga a fugir para o Rio Grande.

O afastamento dessa autoridade era, pelo menos na apparencia, o principal intuito da rebelião, a qual entregou interinamente o poder ao Vice-presidente Marciano Pereira Ribeiro.

Ao Governo Imperial, entretanto, competia prover á cerca da substituição de Fernandes Braga e nessa conformidade, para preencher a vaga aberta pela renuncia forçada daquelle, foi nomeado o Dr. José de Araujo Ribeiro, posteriormente agraciado com titulo de Visconde do Rio Grande.

Era Araujo Ribeiro um conterraneo de alto valor como o provam os cargos de relevo que exerceu na diplomacia, na administração e na politica e as obras que compoz, dentre as quaes se destaca *O fim da criação*, ensaio de filosofia, que teve um êxito mundial, sendo vertido para o inglez, o francez e o germanico.

Todavia, os Farrapos, que a principio aplaudiram a sua escolha para presidir a Provincia, encontraram, depois, razões bastantes para mudar de aviso.

E assim é que impugnaram a sua posse.

Tal deliberou a Assembléa Legislativa Provincial, eleita em virtude da lei de 12 de Agosto de 1834 e que pela primeira vez então se reunia

O CLÉRO E A REVOLUÇÃO

Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

Com quem andou o Cléro naquella emergência? Averiguaram os estudiosos que, com excepção apenas dos vigários de Pelotas, Piratiny e São Borja, todos os demais se identificaram discreta ou abertamente com a causa da revolução, tendo mesmo alguns delles intervindo de modo saliente na sua faze preparatoria e no seu ulterior desenvolvimento.

Na faze preparatoria, exerceu consideravel influencia o padre José Antonio Caldas, antigo deputado á primeira Assembléa Constituinte do Brasil. Condenado á morte como implicado na Confederação do Equador, evadiu-se da fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, emigrando para a Republica Argentina, onde alcançou o posto de capelão do Exercito. Transferiu-se, em seguida, para o Uruguay, sendo nomeado vigário em Mélo. Republicano extremado, de lá entrou em contacto com os liberaes rio-grandenses, notadamente com Bento Gonçalves, com quem urdiu os primeiros fios da trama revolucionaria.

Por esse motivo é que o presidente Braga, na sua *fala* de 20 de Abril de 1835, em que denuncia a conspiração á Assembléa Provincial, indica de modo expresso e pejorativo „o indigno padre José Antonio Caldas“, como um dos promotores do desassossego da provincia.

Declarado o movimento, apoiaram-no francamente os sacerdotes João de Santa Barbara, Antonio Pereira Ribeiro, Feliciano Rodrigues Prates, depois elevado á dignidade episcopal; Sebastião Pinto do Rego, que depois foi Bispo de São Paulo, João Temudo Cabral Diniz, Manoel Justino Garcez Moncada, Roberto Gonçalves, Antonio da Costa Guimarães, e varios outros menos conhecidos.“¹⁾

Na Assembléa que denegou a posse ao presidente Araujo Ribeiro, contra o voto apenas do deputado Bento Manoel Ribeiro, tinham assento nada menos de quatro ministros da Igreja. Eram elles os padres Juliano de Faria Lobato, Francisco das Chagas Martins Avila Souza, Fidencio José Ortiz e Tomé Luiz de Souza, sendo que este ultimo exercia cumulativamente com o seu mandato de representante do povo, as funcções de vice-presidente daquella histórica corporação, pelos legalistas da época denominada *conventiculo sedicioso*, taes as idéas radicaes que professava.

¹⁾ A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 934.

„Aconteceu — disse o deputado Alvares Machado, em pleno Parlamento Brasileiro — aconteceu que a melhor mocidade do Rio Grande do Sul, se deixou ilaquear pelas idéas de republicanismo e que as melhores familias da Provincia, a mocidade mais interessante, mais forte, mais corajosa, mais rica, do paiz, os proprietarios do interior, abraçaram a rebellião.“

„Pela campanha do Rio Grande — attesta igualmente Sá Britto, em sua *Memória* — achou a Revolução quasi unanime assentimento. As principaes familias, os homens mais abastados de seus bens, os mais valentes soldados, com raras excepções, adheriram todos ao movimento de 20 de Setembro, com enthusiasmo.“²⁾

„A electricidade revolucionaria abrangeu toda a Provincia“, confirma ainda Lobo de Barreto.³⁾

Ezequiel Vieira, depondo a proposito, certifica este facto com uma exclamação pitoresca: „Parece que cada capim é um republicano!“⁴⁾

E era assim mesmo. Quasi todo o povo se identificou com a revolução. E com o povo confraternizou, tambem, quasi todo o cléro.

Nem todos os representantes da Igreja, comtudo, denotaram o mesmo enthusiasmo pela revolução. Uns se limitaram a apoiar-la discretamente. Outros se conformaram apenas com ella. Outros arrostaram por ella todos os perigos, e outros, ainda, em nome dela, chegaram á pratica de verdadeiros desatinos.

O PADRE PEDRO DOS REIS

Perdura ainda a fama daquele violento e turbulento padre Pedro Joaquim dos Reis, que, nos dias seguintes ao vinte de Setembro, andou com um grupo de exaltados, pelas ruas de Porto Alegre, desfeiteando e agredindo os *caramurús*.

„Armado de uma palmatoria — informa Assis Brasil —

²⁾ A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 542.

³⁾ A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 542.

⁴⁾ A. Varella. — *Rev. Cispl.*, II., pg. 978.

nicava ao imperio que „estava compromettido a prover á segurança e á defeza da Provincia Oriental“ e que o faria por quantos meios estivessem a seu alcance. Succedendo a Las Heras, Bernardino Rivadavia tratava de provêr esses meios, tendo a auxiliar-o nessa missão, o entusiasmo com que o povo argentino entrava numa luta que se lhe apresentava a um tempo, como guerra de libertação e promessa de engrandecimento, pela ambicionada incorporação da Cisplatina ás Provincias Unidas.

Um contraste significativo

Em seus appellos ao povo, aquelle que se designou como o maior presidente civil da Argentina, proclamava que não estava em jogo apenas a independencia do Estado Oriental; tratava-se, principalmente de oppôr barreiras ás „pretenções invasoras do Brasil,“ que representam uma ameaça para todos os povos do Prata. „Esta linguagem — escreve Rocha Pombo — despertou o sentimento nacional em todas as provincias, mesmo naquellas que se tinham posto fóra da união platina. De toda parte correram patriotas a alistar-se no exercito republicano; governos, cabildos e populações emularam no entusiasmo com que acudiram aos reclamos do presidente Rivadavia: e dir-se-ia que a Nação tinha encontrado um derivativo para as suas lutas intestinas.“

Do nosso lado, o quadro que se offerece, apresenta bem o reverso da medalha. „O que mais impressiona aos responsaveis daquelle pleito — escreve o mesmo historiador — é a indifferença do publico. A propria intervenção dos argentinos a ninguém impressionou.“ Mais tarde, quando chegam noticias de revezes, o povo se emociona fundamente e rompe em alaridos vibrantes, mas são clamores contra o sacrificio inutil e inglorio, protestos de revolta contra os que arrastam o paiz áquella conjunctura deploravel. Só Pedro I e os seus aulicos se illudem ainda, acreditando num despertar do animo popular, espicaçado no seu orgulho nacional, para uma desforra vigorosa.

A Camara brasileira e o Imperador

A propria Camara, porém, se encarrega de desfazer essas illusões. Respondendo á Fala do Throno, de 1827, refere-se á guerra nestas phrases peremptorias que não deixam logar a duvidas: „A Camara dos Deputados, senhor, prestando sisuda contemplação á Fala que do Throno lhe foi dirigida, nos encarregou de transmittir a Vossa Magestade Imperial que, com

quanto reconheça ella que o direito de declarar a guerra e fazer a paz seja attribuição do governo, reconhece simultaneamente que a sabedoria e a justiça sempre devem presidir aos seus conselhos e regular os seus decretos para que nunca periguem a gloria, as esperanças e a felicidade da Nação."

Em outra oportunidade se manifestou, mais viva ainda, a aversão da Camara á guerra. Após a infeliz missão de Manoel Garcia, desapprovado pelo governo o convenio preliminar que este assignará no Rio de Janeiro, e quando parecia que as operações de guerra iam reactivar-se, tomando decisivo impulso, o governo imperial appellou para a Camara, para „que concedesse todo o auxilio necessario, afim de habilitar a administração a dirigir a guerra com mais vigor." Pedro I dera o exemplo, com que tentava estimular o espirito nacional, offerecendo para as despesas de guerra, um mez de sua dotação e metade de toda esta, como empréstimo, sem juros, enquanto durasse a guerra. Raros lhe secundaram o gesto. A Camara, tendo nomeado uma commissão para propor as medidas excepcionaes que conviesse adoptar acabou approvando o parecer dessa commissão de que a força já decretada era bastante. E narra Armitage que o Senado, „saíndo de seus limites constitucionaes, para autorizar o poder executivo a augmentar o exercito com mais tres mil homens, provocára a indignação dos deputados liberaes."

A marcha das operações militares

Emquanto esse era o panorama interno que offereciam os oppostos sentimentos populares nos paizes em luta, os successos militares se desenrolavam de forma a preparar o desfecho providencial, que os superiores destinos da America reclamavam, impedindo a cada um dos dous principaes contendores de realizar o particular proposito com que se empenhavam na luta. Não cabe detalhar aqui esses acontecimentos. Cem annos de debates e pesquisas já os esclareceram sufficientemente. Sabemos bem, todos hoje, o que realmente valeu a batalha do passo do Rosario, o maior feito de armas da longa campanha. Saudada por uma das partes, como uma grande e completa victoria, Ituzaingó foi, entretanto, no seu desenvolvimento, no seu desfecho, mas sobretudo nas suas consequencias, uma batalha indecisa.

„O positivo é — escreve o autor dos „Apuntes para la Historia de la Republica Oriental del Uruguay" — que as partes brasileiras, redigidas poucas horas depois da batalha, não respiram nem medo, nem fanfarronada; que os argentinos não os perseguiram como faria um vencedor ao vêr fugir o inimigo em precipitada fuga; que a segunda divisão brasileira,

forte apenas de 2000 homens, pôde retirar-se, pondo em salvo seus feridos, a artilharia tomada de novo, os carros de munições e a cavallada, á vista do inimigo victorioso; que a expliação dada por Alvear para não perseguir a seus adversarios, a saber, o cansaço dos cavallos dos republicanos, militava do mesmo modo em favor dos imperiaes os quaes com cavallos e homens cansados se retiraram em ordem, e foram tomar posições esperando de novo ao exercito republicano; e, por fim, que uma retirada como a de Ituzaingó conta-se entre os feitos de armas dos povos, como a de Carabolo em Costa-Firme, que é o orgulho dos militares espanhóes nesta sua ultima campanha em tempo de Bolivar, e a admiração dos proprios patriotas venezuelanos."

Como quer que se encare, porém, o feito, a honra de nossas armas ali ficára salva. Impopular embora a guerra, batiam-se as nossas forças e sobretudo os contingentes rio-grandenses que na batalha do passo do Rosario tiveram tão saliente participação, com o denodo e a bravura tradicionaes da raça. O proprio general Alvear, mais tarde, na exposição que apresentou respondendo á accusação que em mensagem do governo de seu paiz, com data de 14 de setembro de 1827, se lhe formulou, referia-se á infantaria brasileira em termos altamente honrosos, affirmando que estava bem commandada e que era necessario reconhecer „em homenagem á verdade“, que „mostrára ter uma instrucção muito brilhante e uma serenidade que lhe faz honra.“ Quanto á cavallaria rio-grandense, a propria gongorica parte do combate, redigida pelo general Mancilla, chefe do estado maior argentino, claramente attesta o seu esforço e o seu valor, que resalta aqui e ali, na narrativa dos varios episodios.

A impotencia dos belligerantes

Innegaveis, comtudo, as vantagens que obtinham em terra as armas argentinas e uruguayas, a ellas não correspondia, entretanto, nenhum resultado decisivo e nem de longe se vislumbra, nellas a possibilidade de impôr ao Imperio a terminação da luta. Entrementes, o bloqueio das costas platinas pela esquadra brasileira causava ás Provincias Unidas, damnos consideraveis. Após Ituzaingó, e logo depois do desastre da expedição á Patagonia, a esquadra brasileira impede uma sortida da frota sob o commando de Brown, forçando-a ao combate de Monte Santiago, em que a divisão argentina é destróçada, rendendo-se uma de suas náos, enquanto outra era incendiada pela tripulação e duas outras conseguiam salvar-se pela fuga, levando, uma dellas, o almirante ferido.

Arrastando-se, desse modo, a luta, de tal maneira ia o

cansaço dominando os contendores e taes eram as difficuldades internas que a um e outro assoberbavam, que Rivadavia aceitou, afinal, o conselho da diplomacia britannica, enviando ao Rio, a promover a paz, o ministro d. Manoel José Garcia, que fôra sempre contrario á guerra. O fracasso da missão foi clamoroso. O plenipotenciario assignára um convenio que, deixando ao Brasil a Cisplatina, testemunhava, ao mesmo tempo, a intransigencia de Pedro I e a convicção em que o emissario estava da impossibilidade do seu paiz impôr a decisão da guerra pelas armas. Tornado a Buenos Aires, vira a sua actuação condemnada pelo governo de Rivadavia, e rejeitado radicalmente o convenio, o que deveria representar para o character arrebatado do primeiro imperador, uma affronta pessoal. De um lado e doutro, pois, o desastrado desfecho da missão Garcia devia irritar os animos e reaccender as animosidades. Já vimos, porém, como a Camara brasileira respondeu ao appello do imperador para que a guerra pudesse ser conduzida com maior vigor. E nesse momento, realmente, a Camara interpretava a vontade nacional, francamente inclinada para a paz.

A Argentina, por sua vez, ante a attitude que os chefes uruguayos haviam assumido, comprehendera, afinal, que a incorporação do Estado Oriental ás Provincias Unidas seria, apenas, o prolongamento interminal da luta, voltadas contra estas as armas que primeiro se haviam insurgido contra o Imperio. Habilmente, os caudilhos orientaes haviam sabido captar o apoio do governo de Buenos Aires; não consentiriam nunca em entregar-se-lhe definitivamente. Desde esse momento, a independencia do Uruguay era uma idéa victoriosa.

A victoria de um principio

Ella dominava as negociações que, sob os auspicios da Inglaterra e a vivos conselhos desta, se reiniciaram em breve. Foram laboriosas as „demarches“. Momentos houve em que todo o esforço para restabelecer a paz pareceu perdido. A intervenção de lord Ponsonby, a par das negociações, conhecendo-lhe as difficuldades, consultado frequentemente pelos plenipotenciarios argentinos, conseguia limar as asperezas e repôr em marcha a discussão que empacára. Um desses incidentes surgiu a proposito da evacuação do nosso territorio de Missões, que Rivera invadira. Exigiam-na os delegados brasileiros, immediata. Os argentinos queriam condicional-a á evacuação da Cisplatina pelas nossas tropas. Intransigentes os representantes do imperador, acabaram por ceder os delegados da Republica. E Vicente Quesada, autor que não nos é nada affecto e raramente sabe manter-se imparcial quando

se refere ao Brasil, assim explica o episodio: „O Brasil não estava vencido, as camaras haviam votado sem restricção (vi-mos antes que não fôra assim) os recursos que fossem necessá-rios para continuar a guerra, caso fracassassem as negocia-ções. Podia o governo argentino contar com iguaes elementos pecuniarios? E' preciso não esquecer: o bloqueio era uma hostilidade que paralytava o commercio e affectava o crédito exterior do paiz; teria sido muito difficil um emprestimo e summamente oneroso usar e abusar do credito interior. A paz, se era conveniente para o imperio, era necessaria para a Republica. Os plenipotenciarios o sabiam e agiram com tino e prudencia.“

Essas palavras do insuspeito autor argentino definem bem a situação. Impotentes os contendores para alcançar um triumpho decisivo, terminava a guerra por empate. Não havia vencidos nem vencedores. O insigne historiador argentino, Ramon J. Carcano, diz, ao contrario, que „na convenção preliminar da paz, cada uma das partes signatarias foi vencedora: triumpharam a Argentina, o Brasil e o Uruguay, como succede em todas as soluções simples, onde a gravitação das forças e interesses communs, distribuindo satisfações reciprocas, produz a resultante definitiva e acertada.“ Mas justo, porém, nos parece affirmar que havia realmente um vencedor: vencia a idéa da liberdade, vencia o direito dos povos americanos á independencia mais completa, triumphava o principio de que cada povo deve ser amplamente senhor de seus destinos.

O nascimento da Republica do Uruguay

Com esse espirito se firmou, afinal, a convenção preliminar de 27 de agosto de 1828 em que o imperador do Brasil declara a Provincia Cisplatina separada do territorio do imperio, „para que possa constituir-se em Estado livre e independente de toda e qualquer Nação, debaixo da forma de governo que julgar mais conveniente a seus interesses, necessidades e recursos“, e, por sua vez, o governo da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata „concorda, em declarar, pela sua parte, a independencia da mesma provincia e em que se constitua em Estado livre e independente, na forma declarada no artigo antecedente.“

Estava fechado o cyclo historico de que a fundação da Colonia do Sacramento fôra o primeiro marco tangivel. „Punha-se o algodão entre dous crystaes como baluarte de paz duradoura.“ Creava-se um estado intermedio, o qual — consoante André Lamas — separava e garantia as fronteiras abertas, melhor do que poderiam fazel-o os mais robustos limites

naturaes." Nascia para a vida independente a nobre Republica Oriental do Uruguay que, depois de duras experiencias em carne propria, vencendo-se afinal, a si mesma, dominando o tumulto de suas proprias paixões, acabaria por se transformar no que é hoje, admiravel laboratorio de experiencias politicas e sociaes, modelo magnifico de democracias, onde os direitos do cidadão encontram garantias nas mais adiantadas realizações, nas mais bellas conquistas do espirito liberal.

Os primeiros passos da idéa americanista

O preambulo da Convenção Preliminar, affirmando o desejo das altas partes contratantes „de estabelecer sobre principios solidos e duradouros a boa intelligencia, harmonia e amizade que deve existir entre Nações visinhas, chamadas pelos seus interesses a viver unidas por laços de perpetua alliança," proclamava a victoria do novo sentido americanista, sobre a tradição dos odios seculares e o preconceito dynastico. Já no decorrer das negociações, na reunião inicial dos plenipotenciarios, os delegados brasileiros haviam declarado que „separados, por sua posição, do continente europeu, nenhuma politica convinha tanto aos governos americanos como a da união pelos laços de amizade eterna que, respeitando os laços, relações e amizade do velho mundo, os collocasse na attitude de grandeza e grão de prosperidade para que os convidava a natureza."

Eram os primeiros, vacillantes passos da idéa pan-americanista. Já os exprimira a Nação brasileira, antes mesmo da sua independencia e precedendo de muito o monroismo. Pinto Guedes lembrára, em 1919, a formação de uma Liga Americana, cujo plano encerrava um verdadeiro programma de politica pan-americana. E, primeira entre as nações do continente, o Brasil manifestava a sua adhesão á declaração de Monroe, cincoenta e nove dias após a sua promulgação, mas alargando-lhe o espirito com a proposição de „uma alliança relativamente a conservar e fomentar a liberdade das potencias americanas."

Um episodio suggestivo

Não se podiam, pois, pôr em duvida os sentimentos reaes e profundos do povo brasileiro para com as nações irmãs. Os maiores dentre os argentinos vivos daquelles tempos, iam ter em breve uma prova luminosa disso. A' assignatura da paz, seguira-se na visinha Republica, um periodo tormentoso de lutas fraticidas, de perturbações violentas que culminaram na dictadura ignominiosa de Rosas. Então, quando muitos dentre os mais notaveis politicos, estadistas e militares argen-

tinhas tiveram de tomar o caminho do exílio, foi o Brasil que lhes abriu fraternalmente suas portas.

Bernardino Rivadavia, o grande animador da guerra Cisplatina, acolheu-se ao Rio de Janeiro; na capital do Brasil se refugiou, também, para ali permanecer longamente, o general Paz que terçara armas com o exercito imperial. E foi o Brasil, ainda, o seguro asylo de Sarmiento, Marmol, Mitre, Alberdi, Gutierrez e centenas de outros. Já não restava sombra dos odios de outrora. Sarmiento narra um episodio dessa época, que não me posso furtar ao prazer de reproduzir aqui, como se encontra referido num estudo de Vedia y Mitre:

„Um dia, recebeu o general Paz, um envelope anonymo, contendo dous contos de réis, de um valor então approximado a mil pesos nacionaes argentinos. Nos mezes seguintes, repetiram-se remessas da mesma natureza. O general convocou, então, para um verdadeiro conselho de guerra, os seus amigos. Que fazer ante essa dádiva opportuna e generosa de um autor desconhecido? Desconhecido?! Todos suspeitavam de uma mesma pessoa, de um mesmo nobre espirito, de um mesmo grande coração. Todos os emigrados eram demasiado pobres para permittir-se esses desprendimentos. Era, não podia ser outro, o proprio Imperador d. Pedro de Alcantara que incapaz de offender a probidade do nobre general, procurava esse meio indirecto de proteger e ajudar a quem, em summa, era seu hospede.“

Uma affirmação vigorosa de fraternidade

Nesse momento, sim, o imperador encarava realmente a alma nacional. Dahi a pouco, os sentimentos que dictavam esse gesto da mais nobre solidariedade, iam traduzir-se numa manifestação mais positiva de que participaria, com sacrificio cruento, todo o paiz. Proporcionaria o ensejo, a campanha contra o dictador que humilhava e torturava o povo irmão.

„Que reclamou o Imperador do Brasil dos argentinos — valho-me ainda, aqui, das palavras de Vedia y Mitre — para entregar quatro mil homens e armas e dinheiro aos azares da guerra, na campanha contra Rosas? Nada. Quando os peitos estão inflamados de ideal, quando se sente com generosidade, não se age com calculo. O Imperador, o Imperio, as forças vivas do Brasil — conclue o eminente escriptor platino — entregaram, assim sem vacillação, sua collaboração intelligente para o restabelecimento da paz argentina, para a organização nacional, para a implantação da Republica.“

O Brasil tomára armas novamente; tropas suas pisavam sólo argentino. Mas não iam combater contra o povo argen-

tino; iam estender-lhe a mão, iam lutar por elle e pela sua liberdade, sem a mira de nenhum proveito, com o mais absoluto desprendimento, para sellar na communhão do sangue derramado o pacto infrangível de fraternidade.

A missão da America

Bemdito o sacrificio que então houvemos de fazer, pelos frutos que o tempo fez germinar! Por muito tempo a semente pareceu caida em terreno sáfaro. De quando em quando, entre os dous povos, surgia uma nuvem. Acordavam-se os écos distantes das remotas prevenções, como um tardio refluxo dos odios que duraram dous seculos. Na historia dos povos, como na natureza, no furor dos elementos, mesmo depois de amainadas as grandes tempestades, as ondas veem, por algum tempo, atirar os ultimos golpes de sua furia impotente contra os rochedos da costa ou desfazer-se em espuma na areia das praias.

Cem annos são um momento na vida das Nações. Mas bastaram para mostrar que, para esta parte da America, a época dos tufões passou. Quando alguma nuvem reponta no horizonte, sabemos que após a sua passagem rapida o sol brilhará com mais intenso fulgor. E todo o temor se esvae, ante a segurança que nos dá um seculo de paz, intensamente desejada e mantida, duma parte e doutra, com profunda sinceridade, ante a certeza que temos da grandeza crescente das duas nações, que exclue toda tentação e toda inveja, ante a communhão mil vezes reafirmada de ideaes, de aspirações, de sentimentos.

Argentina e Brasil possuem, hoje, em altissimo gráo aquillo que se pode chamar o sentido do destino da America. Sabem que em contraposição ao „domicilio do despotismo“, que se ergue do outro lado do Atlantico, como alguém lhe chamou, vivemos aqui no „hemispherio da liberdade“. E sabemos, argentinos e brasileiros, que é missão da America, conforme o pensamento generoso de Wilson, fundar uma ordem nova „onde o homem livre possa esquecer as angustias e assegurar o cumprimento de todas as esperanças do mundo.“ Por isso, a paz que tem cem annos, a paz que hoje celebramos aqui, deve durar, para honra das duas Nações e para gloria de seus filhos, pelos seculos dos seculos.

Tobias da Silva

Um episodio naval da Guerra dos Farrapos

Conferencia lida em sessão do Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Sul pelo sr. Mansueto Bernardi

O municipio de São José do Norte é dos menos férteis do Rio Grande do Sul.

Apertado, comprimido, entre a Lagôa dos Patos e o Atlantico, verdadeira faixa peninsular árida e arenosa, constantemente batida pelas ondas e pelos ventos, que lhe revolvem as dunas e medões em perpétuo movimento, a sua producção, por força da propria fatalidade geographica e geologica, que nessa angustura, e excessiva secura, o condicionou, é relativamente escassa e muito plebéa, cifrando-se, em sua maior parte, aos bois e ás cebolas, aos alhos e ás melancias.

Para compensal-o, entretanto, dessa verdadeiramente franciscana pobreza economica, a Providencia parece haver timbrado em cumular-o de numerosos, legitimos e esplendidos valores moraes, justificando sobejamente a villa, que lhe serve de séde, o titulo de Muito Heroica, com que foi agraciada em 1841.

Em verdade, com louros de São José do Norte são entretecidas as melhores corôas da gloria naval do nosso Estado.

Baste, para comprovar o asserto, citar o nome daquelle rude e valente lobo do mar que foi Joaquim Marques Lisboa, mais conhecido pelo seu titulo hierarquico e nobiliario de Almirante e Marquez de Tamandaré, cujo valor ultrapassou os limites da patria e se impoz nos proprios paizes estrangeiros e cujos feitos assombraram durante mais de meio seculo o con-

tinente americano, culminando na passagem de Tonelero, durante a guerra contra Rosas.

Só o facto de haver sido o berço natalicio do Almirante Tamandaré bastaria para justificar a existencia de São José do Norte no concerto dos municipios gaúchos.

Mas quem diz São José do Norte não diz apenas Almirante Tamandaré. Diz tambem Marcilio Dias, pois sobre aquellas mesmas areias movediças, sobre aquellas mesmas dunas alvacentes nasceu, pelos annos de 1843 a 1844, o marujo heroico e desempenado que tão alto ergueu o nome do Brasil, na batalha naval de Riachuelo, durante a guerra do Paraguay.

Aos nomes desses dois heróes autenticos, a esses dois modelos redivivos de valor da nossa gente cumpre acrescentar, sem mais delongas, o do farrapo Tobias da Silva, a cujos feitos quasi nunca ninguem alude, nos bancos escolares e nas cerimonias civicas, mas que, nada obstante, é um dos nossos vultos historicos mais representativos, mais admiraveis e mais bellos. E' uma figura verdadeiramente digna de cinzel. E tem aspectos de uma grandeza biblica a façanha que praticou, o holocausto a que se offereceu, perdendo a vida, por amor da bandeira que defendia.

Dois grandes nomes da historia geral me acodem á mente, sempre que penso em Tobias da Silva: o do israelita rei Saul e o do artilheiro italiano, Pedro Micca.

Do pundonor excessivo, do indomavel orgulho do primeiro fala-nos com eloquente simplicidade o Velho Testamento, no capitulo 31.º do livro primeiro dos „Reis“:

„Os filisteus pelejavam contra os israelitas: e á vista dos filisteus fugiram os israelitas, e morreram muitos delles no monte de Gelboé.

2. E os filisteus investiram com Saul, e com seus filhos, e mataram a Jonatas, e Abinadad, e Melquisua, filhos de Saul.

3. E todo o peso do combate caiu sobre Saul: e alcançaram-no os frecheiros e estes o feriram mui gravemente.

4. E disse Saul para o seu escudeiro: Desembainha a tua espada, e atravessa-me com ella, para que não venham estes incircuncidados e me tirem a vida, escarnecendo de mim. Mas o seu escudeiro o não quiz fazer, porque se apoderou delle um excessivo terror: tomou pois Saul a sua espada e deixou-se cair sobre ella.

5. O que vendo o seu escudeiro, que Saul era morto, lançou-se também elle mesmo sobre a sua espada e morreu ao pé d'elle.

6. Morreu pois Saul, e os seus tres filhos, e o seu escudeiro, e todos os que se achavam junto á sua pessoa naquelle dia."

Da mesma rija enfiatura do primeiro rei dos judeus é também o heróe italiano Pedro Micca.

Durante a guerra da Successão de Espanha, a cidade de Turim, capital do Piemonte, foi atacada e sitiada pelos exercitos francezes de Luis XIV, o Grande, sob o commando do Duque de Orleans.

Oppunha-se ás forças do Rei-Sol a Liga Austro-Piemonteza, a qual confiou a defesa da praça ao Duque Victorio Amedeo de Savoia e ao Conde Daun.

Eram, os atacantes cincoenta mil e doze mil os defensores.

Durante tres mezes a fio, um constante diluvio de fogo e ferro castigou a cidade taurina, sem abrir uma unica brecha nas muralhas e bastiões da defeza. Homens e mulheres, velhos e crianças, todos combatiam, com todas as armas ao seu alcance, resistindo sempre á pressão cada vez mais forte dos sitiantes.

Ninguem esmorecia, ninguem cedia, sinão á morte e á exaustão.

Na noite de 29 de Agosto, entretanto, um troço de granadeiros francezes penetrava nos fóssos da cidade e já investia contra o portão de uma galeria, que dava acesso ao coração da praça.

Vencido esse obstaculo, aberto esse caminho, nada mais deteria a onda furiosa dos assaltantes. Os defensores estarceram.

Foi quando o artilheiro Pedro Micca, votando-se espontaneamente á morte inevitavel, de facho aceso desceu rapido ao subterraneo, ateando ali fogo a uma das minas, que com horrendo estrondo explodiu, sepultando-o sob destroços, com todos os assaltantes.

Exaltados por esse gesto de heroismo, os sitiados proseguiram, irreductiveis, na defesa, até que, sobrevivendo recursos, conseguiram romper o cerco e em campo raso derrotaram afinal completamente o inimigo.

A grandiosa basilica de Superga, erecta num dos montes que dominam a cidade cisalpina, commemora ainda hoje a victoria austro-italiana de que foi artifice maior, um simples artilheiro, á memoria do qual rende ainda hoje a Italia um verdadeiro culto civico celebrando-lhe o gesto e citando-lhe a cada passo o nome como um exemplo.

No Rio Grande, quem fala em Tobias da Silva? Que palavras lhe exaltam o feito? Que bronze, que marmore, que pedra lhe atesta o nome?

Nada obstante, o farrapo não é menor que o piemontês. E por uma simples coincidencia, ambos se sacrificam por amor da propria bandeira, e ambos ainda morrem numa explosão de apothéose.

Corria o anno de 1836. Os revolucionarios de Vinte de Setembro dominavam na capital e no resto de quasi toda a provincia. O presidente imperial Araujo Ribeiro, tendo tomado posse do seu cargo perante a camara municipal do Rio Grande organisava naquella cidade o seu governo e a resistencia. Para se contrapor ás forças dos Farrapos, congregou todos os elementos de terra e mar que lhe foi possivel, inclusive uma flotilha composta de hiaes armados em guerra, das canhoneiras „Oceano“ e „São Pedro“ e daquella famosa barca denominada „Liberal“, armada em 1834 graças a Domingos José de Almeida e que foi, segundo afirmam alguns, o primeiro barco a vapor que existiu no Brasil.

Nas aguas do rio Jaguarão e da Lagôa Mirim estacionava desde outubro de 1835 o cutter de guerra „Minuano“, sob o commando de Tobias da Silva, farrapo ardoroso, natural de São José do Norte, onde, a se dar credito a um informe de Mucio Teixeira, nasceu no anno de 1802.

Tobias da Silva, filho de F. Silva, pertencia á estirpe dos Santos Roballo, de que descendem as familias Bononi, Lara, Filgueiras e Gomes Porto Alegre, notaveis pela sua intelligencia e pugnacidade, como o certificam, entre muios outros exemplos, o commandante da celebre canhoneira „Marajo“ e os tres irmãos Apelles, Aquilles e Apollinario Porto Alegre, sabio dos mais illustres este ultimo, que no volume das „Bromélias“ com inteira justiça lembra e exalta a grandeza do seu parente.

Em Jaguarão, onde estacionava, teve Tobias da Silva ensejo de revelar mais de uma feita a tempera de aço, em que era forjado o seu character.

Tendo-lhe, certa vez, desertado um marinheiro, que se

refugiara na banda oriental, reclamou Tobias a sua entrega ás autoridades uruguayas. Desattendido, numa lancha tripulada para o effeito operou um desembarque no paiz visinho, varejando com os seus commandados os navios mercantes surtos no porto de San Servando, a bordo de um dos quaes lhe constava estar o marinheiro remisso.

Não o encontrando, voltou calmamente ao Brasil, não sem provocar, no mez seguinte, uma visita de represalia de parte dos orientaes.

Um lanchão tripulado por trinta soldados atacou, com effeito, o cutter „Minuano“ na volta do Triguito, sendo recebido a pé firme pelos farrapos que, depois de renhida troca de fuzilaria a tiros de peça, lograram repellir os assaltantes.

Tobias da Silva ficou ferido na acção, embora sem nenhuma gravidade.

Restabelecido, reassumira ha pouco o seu posto, quando recebeu de Araujo Ribeiro ordem de recolher-se e incorporar-se á flotilha reunida no porto do Rio Grande.

Partidario da revolução, Tobias desobedeceu á ordem do delegado imperial e, fazendo-se de vela, ganhou a Lagôa Mirim, com destino a esta capital.

Vinham a bordo da pequena embarcação farropilha, alem de sua tripulação a mulher e os filhos do commandante e um destacamento de 13 soldados de cavallaria de linha, sob as ordens do capitão Bastos.

Velejou feliz o „Minuano“ até a barra do São Gonçalo. Transpoz, em seguda, sem incidente, o Sangradouro, quando, ao defrontar a povoação de Canudos, hoje Santa Isabel, no municipio de Arroio Grande, ás 11½ horas da noite de 27 de fevereiro, lhe surgiu pela prôa a canhoneira „Oceano“, com uma guarnição de 37 praças, sob o commando do 1.º tenente Manoel Joaquim de Souza Junqueira, a qual, por ordem de Araujo Ribeiro, ia apreender o barco revoltoso.

Aproximando-se com o aparato hostil, foi recebida com um tiro de peça pelo „Minuano“, em cujo mastareu tremulava garboso o pavilhão tricolor.

A canhoneira respondeu ao fogo, travando-se logo aceso duello de metralha e fuzilaria, durante quasi uma hora.

Como em certa altura do combate, no cutter „Minuano“

a fuzilaria esmorecesse, devido á escassez de munições, de bordo da canhoneira imperial intimaram á rendição.

O destacamento de cavallaria de linha, desafeito a combater sobre as aguas, capitulou, sendo feito prisioneiro. A marujada, porém, respondeu com novos tiros á intimação, reacendendo-se a peleja.

O tenente Souza Junqueira ordenou então a abordagem do barco rebelde. E já se lhe aproximavam os imperiaes, ante-gozando a victoria, quando uma explosão terrivel desmantelou o „Minuano“, convulsionando as aguas, partindo os ferros, lascando o madeirame, espraçalhando os corpos dos tripulantes.

Para não render-se ao inimigo mais forte, para não arrear a bandeira que defendia, sem embargo da esposa e filhos que o acompanhavam, não hesitou um unico instante o capitão farrapo em atear fogo ao paiol da polvora, provocando a explosão que o havia de matar com todos os seus.

Dentro da noite escura, sobre o rio retinto de sangue, um clarão vivo de incendio ficou illuminado a scena de epopéa.

E vencidos de assombro, os proprios vencedores se commoveram nos seus corações. E quedaram parados, os olhos abertos para verem melhor a belleza das chammas. . .

A belleza horrivel daquellas chammas. . .

A expedição do general Rivera contra Bento Manoel em maio de 1826

(Souza Docca)

Sob esse titulo o tenente-coronel Juan Beverina, que é tido, com justiça, como um dos mais brilhantes escriptores militares que constituem a luzida pleiade de intellectuaes argentinos, que versam esses assumptos, publicou um artigo em „La Nacion“, de 23 de maio ultimo.

Pouco diz o erudito historiador no que respeita extrictamente ao titulo de seu trabalho. Procura, entretanto, dizer a verdade e revela um espirito de justiça superior ao de seu collega de farda Amadeo Baldrich, que tambem escreve, a seu modo porém, sobre assumptos historicos.

Cremos ter sido a falta de documentos que impediu o autor de chegar a uma conclusão positiva sobre a attitude de Rivera nessa expedição, e houvesse, por isso recorrido, depois de attribuir, acertadamente, a uma ordem do general Martin Rodriguez, a retirada daquelle caudilho, a informações vagas, tendenciosas, que transcreveu de „Duas Grandes Intrigas“.

O que consta dessas informações é verdadeiro em essencia, mas a fórma por que ali se faz a exposição das occorrencias desperta malicias, dá margem a sophismas.

A historia não deve ser feita dessa maneira e sim de modo claro, positivo, authenticico.

Silenciou, o tenente-coronel Beverina, sobre actos indispensaveis para um juizo imparcial no assumpto e que muito compromettem a lealdade do general Martin Rodriguez, embora fossem elles gerados pela intenção de bem servir sua patria. Não se defende uma causa nobre, com expedientes que a consciencia possa repellir. A doutrina de Machiavel, póde ser commoda e

facil, mas não é honesta. Os sagrados interesses da patria, não devem assentar sobre allicerces impuros.

Expoz, ainda o nosso illustre camarada argentino, obscuramente a conducta do coronel Bento Manoel Ribeiro.

Possuimos copiosa documentação, que projecta intensa luz no horizonte daquelles acontecimentos, dos quaes vamos, assim esclarecidos, fazer uma descripção.

Em seguida ao desbarato de Sarandy, o coronel Bento Manoel com sua brigada, por ordem do barão de Cerro Largo, então commandante das Armas do Rio Grande do Sul, no Rincão de Catalan, proximo á margem direita do arroio deste nome e a montante da confluencia do actual Juan Manoel Ribeiro se concentrou, cedo. Segundo mappa assignado por aquelle coronel, a referida brigada contava, em 31 de janeiro de 1826, incluidos doentes e destacados, 1.140 homens, assim distribuidos:

20.º	Regimento de Cavalaria da 2.ª Linha . .	270
22.º	" " " " " " " . .	9
23.º	" " " " " " " . .	364
24.º	" " " " " " " . .	234
25.º	" " " " " " " . .	98
	Companhia de Guerrilhas	40
	Companhia de Lanceiros	96
	Estado Maior da Brigada	29
		1.140

Essa força não tinha a missão offensiva que lhe empresta Baldrich, nem a que lhe attribuiu o governo argentino. Destinava-se, exclusivamente, á cobertura.

Quando o general Francisco de Paula Massena Rosado assumiu, em fevereiro de 1826, o commando das Armas, ao contrario do que o vem affirmando, ali conservou, com o mesmo objectivo, aquella brigada, então reduzida a 800 homens.¹⁾

Achando-se o exercito existente na Provincia do Rio Grande do Sul, desorganizado, sem instrucção, desarmado, sem meios de transportes em geral, sem fardamento, o novo commandante das Armas só pensava iniciar as operações na entrada da Primavera.²⁾

¹⁾ Officio de 8—3—1826, do brigadeiro Rozado ao presidente da Provincia.

²⁾ Officio de Rozado ao ministro da guerra, em 14—4—1826.

Apprehensivo com o estado do exercito sob seu commando e temendo um ataque do inimigo, tratou, o general Rozado, de protelar isso, recorrendo a um expediente pouco honroso, mas em voga na época, de lançar a cizania entre os contrarios, com a promessa de grandes e futuras recompensas e com o suborno immediato pelo dinheiro. Valeu-se, para o effeito, no primeiro caso, de sua amizade com Ricardo Lopez Jordão, com quem entrou em communicações offerecendo elementos para uma revolução contra Léon Solas, por quem aquelle se julgava expoliado do cargo de governador de Entre-Rios.³⁾ O suborno foi feito por intermedio do commandante da fronteira de Jaguarão. No officio em que Rozado communicava aquellas manobras ao presidente do Rio Grande do Sul, disse: "Da mesma forma ao coronel Bento Gonçalves, entrego dinheiro e muitos Proclamas, para introduzir na Cisplatina."

O presidente rio-grandense não annuiu á intriga e a denunciou ao governo imperial, com parcialidade, filha, sem duvida, da futil, ominosa e impatriotica questão, que mantinha accessa com aquelle general.

O estado do exercito platino não era, na occasião, muito mais lizongeiro do que o do nosso, no que respeita ao ponto de vista material e muito peor sob o aspecto moral, visto que era composto de „forzados y reclutas“.⁴⁾ E como sobre-carga a isso, as desobediencias sestrosas de Lavalleja, em eterna competencia com Rivera. Ambos visavam a libertação do Estado Oriental da tutela argentina, mas, um e outro, nutrindo vehementes e insofreaveis desejos de mando supremo.

Em dezembro de 1825 ordenou o governo argentino ao general Martin Rodriguez que iniciasse as operações de guerra, seguindo para o Estado Oriental. Essa ordem não foi cumprida, allegando o general em chefe que suspendera o „movimento, tanto pela difficuldade de o realizar, se o Ex.^{mo} Governo não se digna vencer um crecido numero de inconvenientes que o general apontou em diversas occasiões, como pelas causas agora adduzidas, as quaes convencem á evidencia, que o exercito não se acha em attitude de abrir as hostilidades, porque não teve tempo nem recursos para organizar-se; e porque presentemente não tem fundo algum não só para custear os gastos de um tal movimento, como nem ao menos para comprar cavallos ou pagar a divida para com os soldados.“⁵⁾

3) Officio de Rozado ao presidente da Provincia, de 8—3—1825.

4) Officio de Martin Rodriguez ao ministro da guerra, datado do Arroio Molino, de 16—12—1825.

5) Ibidem.

O governo reiterou a ordem. O general em longo officio de 8 de janeiro de 1826, communicou: „De qualquer modo, sr. Ministro, a attitude do exercito, em nada variou, depois da nota n. 96 que, como outras anteriores, pintava o quadro deploravel que o mesmo offerece. As razões que o general teve para suspender o movimento á Banda Oriental subsistem ainda e têm adquirido desde então maior força. O general sente vivamente, que o P. E. N. se tenha surprehendido com a apresentação de razões tão poderosas, visto que ellas o deviam fazer-lhe conhecer a impossibilidade de mover-se. Agora mesmo, sr. Ministro, o general queria pôr-se em movimento, mas como faze-lo? O sr. Ministro, e por conseguinte o governo, sabe tão bem como o general, que o exercito não tem recursos. De onde virão estes se o governo não os envia? E' cousa admiravel, sr. Ministro, que sequeira exigir que se emprehenda uma obra, que ha de occasionar grandes gastos quando se sabe á evidencia que não existe um unico maravedi disponivel.“

Accrescentou depois de varias considerações, que ia cumprir a ordem do governo, ficando, porém, sua responsabilidade salva, em vista do que expuzera e expunha, e terminou com estas considerações alarmanes: „O general se sente vivamente commovido ao considerar a posição em que se encontra, ainda que sua honra e opinião estejam a coberto de responsabilidades visto haver recorrido em tempo á autoridade de onde devia emanar o remedio para tantos males, mas se horroriza do que póde soffrer a patria e muito mais quando pelo posto que occupa, sua imaginação lhe diz, sem cessar, que está, talvez, destinado a ser o instrumento, posto que innocente.

O general que em sua communicação n. 96 fez renuncia formal do commando deste exercito, insiste de novo, fundado nas mesmas causas, em que o P. E. N. se digne nomear outro general que o succeda em um posto tão difficil e que não póde desempenhar de um modo correspondente, carecendo de auxilios necessarios.“

O governo prometteu substituto, em termos duros e mandou activar as operações. Para cumprir essa ordem o general Martin Rodriguez tratou de concentrar o exercito sob seu commando, com o fim de melhor aparelha-lo para sua missão. Temendo, porém, um ataque do inimigo, procurou isso retardar, fomentando a desordem no Rio Grande do Sul. Com esse proposito se dirigiu ao coronel Bento Manoel Ribeiro, em 8 de fevereiro de 1826, incitando-o a proclamar a independencia daquella provincia, dizendo-lhe que o „governo da Republica ao tomar armas para sustentar seus incontestaveis direitos, prevê, cheio de dôr, os males que resultarão de um movimento

Rios e montes, feras e florestas
 Pejadas de traição, longas estradas,
 Abruptos alcantis, urzes, arestas,
 A lacerarem carnes fatigadas,
 Aguas malsans e fomes e molestas
 Regiões, e dias quentes, e noitadas
 De agrestes invernias, tudo vence
 Quem, por dar-se a Jesus, não se pertence.

Foi, comprova-o a Historia, um infatigavel salvador de
 almas, vocação que nelle bem cedo se revelára.

As disposições de Roque Gonzalez para a virtude

Nascido em Assumpção e ligado pelo cunhadio ao insigne
 governador Hernandarias de Saavedra, ainda em creança se
 lhe patentearam as mais bellas disposições para a virtude.

Com a admiração de quantos o viam, manteve-se por
 completo alheio aos vicios que o cercavam, guardando com
 zelo e piedade os seus sentidos, naquella sociedade cuja des-
 envoltura de costumes nada tinha que invejar á Roma do
 Baixo Imperio. E tal foi a fama de sua santidade que havendo
 abraçado a carreira ecclesiastica, no dia em que pela vez pri-
 meira, celebrou o santo sacrificio da missa, quizeram seus pa-
 trícios fizesse-o empunhando uma palma, como symbolo da
 completa victoria sobre o inimigo que a tantos outros trazia sob
 seu jugo e, quiçá, como prenuncio da gloria do martyrio que
 lhe estava reservado.

Foi vontade do bispo do Paraguay aproveitar tão nobre
 engenho e, por isso, nomeou-o vigario geral do bispado, lugar
 de tantos appetecido, mas que o humilde servo de Christo não
 acceitou, preferindo a difficil e ingrata incumbencia de cate-
 chese dos indios, a que se entregou com amor e zelo pela sal-
 vação das almas.

A Companhia de Jesus, na America, „humana, persuasiva,
 evangelisadora“, no justo conceito de Euclides da Cunha, gra-
 ças principalmente ao vulto extraordinario de Anchieta, attrahia
 quantos se apaixonavam pelo novo ideal da salvação dos indios
 e ás suas portas foi bater Roque Gonzalez, na insaciavel sêde
 de lhes prégar o christianismo.

Ainda era noviço e já lhe entregam a arriscada e difficilima empreza, até então nunca tentada de christianizar os ferozes guaycurús. Os successos obtidos, as victorias conquistadas, nessa lida temeraria, geram-lhe maiores trabalhos, redobrados sacrificios e a direcção da redução de S. Ignacio-Guassú, a primeira que se fundou dentre as celebres missões do Paraguay, vae lhe pôr á prova, mais uma vez, os seus decantados meritos de catechista prudente e zeloso.

Surge, então, na sociedade incipiente, a eterna contenda entre trabalhadores e patrões, que na linguagem da época, eram chamados „encomenderos“; embryão da questão social de nossos dias, mas Roque Gonzalez, inspirado nos ensinamentos evangelicos, tudo soluciona, com prudencia e equidade, exigindo a justiça no salario, de accôrdo com os principios que, dois seculos após, Leão XIII havia de proclamar, em linguagem erudita, ao orbe christão, na celeberrima *De Rerum Novarum*.

Fundação de reduções

Não conseguia, entretanto, Roque Gonzalez amortecer a ardente chamma do zelo apostolico que o devorava. E, aos trabalhos realizados, accrescentava novas tarefas. Penetra nas comarcas dos indios do Alto Paraná, quasi até ao Iguassú, ao norte e Corrientes, ao sul e, com risco da propria vida entre indios bravios, recebe a consolação divina de fundar a redução de Santanna, seguida das de Itati e tapúa.

Mas o seu amor pelo proximo não conhece limites. O seu grande desejo, a sua aspiração suprema de evangelizar os indios do Uruguay, onde queria

„Pescar almas p'ra o Christo
Com um anzol! — a cruz!“

após grandes fadigas começou a ser satisfeita com o estabelecimento da redução da Immaculada Conceição, chave daquelle territorio e primeiro nucleo de muitissimas outras reduções, fundadas a seguir.

Sete annos mais tarde, toda a margem do Uruguay estava cheia de reduções, graças á actividade omnimoda e energica desse obreiro infatigavel.

interesseira do apostata Potirava, inimigo rancoroso dos padres, lhe pintou, em negras e vivas cores, o descrédito em que cairia a sua grande divindade, ante a doutrina de Deus uni-trino da moral christã e ante a condemnação formal e categorica da polygamia por elle professada, contra as leis da propria natureza.

Instigados assim, habilmente, pelo apostata, a soberba diabolica e a luxuria bestial, que a abrazavam o coração de Nheçum, transformaram tambem as disposições do forte chefe contra os missionarios, cujo exterminio decretou, expedindo, por isso, mensageiros a Caaro, com a ordem da execução de Roque Gonzalez e Affonso Rodrigues.

Ahi se achavam os incansaveis missionarios, tranquillamente occupados na faina de encaminhar pelas veredas do céo a nova christandade, sem suspeitar que de tão perto já os rondava a morte.

Havia, apenas, quinze dias, que se iniciára a redução. Tudo ali eram ainda lidas e labutas. Roque Gonzalez, elle proprio, fizera não só o traçado da povoação, mas ainda estava a desempenhar o papel de engenheiro, de constructor, de pedreiro, carpinteiro e até de simples carregador de material, para que tudo andasse depressa.

O sino, companheiro inseparavel do homem, que lhe remarca todas as grandes etapas da vida, destinado a convocar os catechumenos á doutrina e os fieis aos officios divinos, já havia chegado á redução. Uma trave ramificada ao alto, numa especie de forquilha, o aguardava, pois lhe deveria pendder de um barrote transversal.

O martyrio

E, quando o santo martyr, após resada a missa, onde ainda tinha resado a Deus pelo seu gentio amado, se inclinava para atar o badalo ao sino, Maragôa, escravo ingrato e apaniguado do cacique, erguendo o braço, descarrega-lhe sobre a cabeça, a pesada „macana“, prostrando-o sem sentidos.

E aquella terra, tantas vezes molhada com o suor de seu trabalho, sagrou-a elle, áquelle instante, com o seu sangue generoso.

A turba enfurecida solidarizou-se no monstruoso assassinio, moendo, com golpes incessantes, a face e a cabeça do insigne varão, cujo crime unico foi o de ter praticado a cari-

objectivo, em 5 de maio. Cinco dias depois, aquelle general julgou conveniente reforçar-a com mais 500 homens e 3 peças de artilharia, que seguiram immediatamente sob as ordens de seu chefe de Estado Maior — o general Bento Martinez.

A Rivera foi ordenado „intentar uma surpresa sobre a divisão de Bento Manoel ou atacal-a se esperasse pelo combate. O general Rivera tem ordem de não se internar na fronteira inimiga e de se retirar ao seu actual acantonamento (em Laureles) caso não possa lograr os objectos desta operação.“¹²⁾

Na manhã de 16 Rivera com seu destacamento passou o Arapehy, no Passo do Magrullo. Na noite desse mesmo dia era Bento Manoel avisado dessa occurrencia, que immediatamente levou ao conhecimento do general Rozado e ordenou em seguida ao capitão Antonio Muniz Mariano que fosse retirar as partidas postadas em observação no Passo das Pedras e no de Belem, o que foi realizado com felicidade.¹³⁾

A 17, pela manhã, Bento Manoel fez sair uma partida de observação, que encontrou a vanguarda de Rivera nas pontas do Catalan. Informado disso o coronel brasileiro mandou sua bagagem para S. Diogo e seguiu com sua brigada para a margem direita do Quarahy, passando este rio no Passo do Ricardinho. Ainda na manhã de 17, ordenou a uma praça de sua confiança que se apresentasse a Rivera, como desertor da força brasileira e que depois de se informar dos elementos do inimigo e de sua direcção, fugisse. Essa praça executou com arrojo e felicidade sua difficil missão: ás 10 horas da noite, do mesmo dia, informava ao seu chefe que a força inimiga era, segundo seu calculo, de cerca de 1.500 homens e que tinha em vista atacar o acampamento brasileiro no Quarahy. Duas horas depois, se apresentava a Bento Manoel, evadido do inimigo, o capitão Lourenço Antonio Garcez de Moraes, que se achava prisioneiro desde o combate de Sarandy. Suas informações confirmaram as da praça referida. A 18 toda a força de Rivera baixou até o Catalan. Retirou em sua frente a partida brasileira de observação, fazendo-lhe guerrilha.¹⁴⁾ „No dia 19,“ diz Bento Manoel, „marchou o inimigo para Quarahim, mesmo defronte ao meu acampamento, e ali se conservou até agora, tem mandado algumas forças a este lado do Quarahim como a desafiar e fazer guerrilhas, mas as minhas partidas vêm re-

¹²⁾ Officio de Martin Rodriguez ao governador argentino de 6—5—1826.

¹³⁾ Officio de Bento Manoel ao presidente da Provincia, datado de 21—5—1826, do acampamento volante na Estancia do Velho Padilha.

¹⁴⁾ Ibidem.

tirando-se, chamando-os, e elles logo voltão e deste lado do Quarahim só occupam aquellas cochilhas mais proximas ao Passo onde estão.¹⁵⁾

A 20 o commandante das Armas informou ao presidente da Provincia da invasão do inimigo e declarou que este ao ser descoberto por patrulhas da 2.^a brigada, nas pontas do Catalan, „seguiu á barra desse arroio, de onde se passou ao Quarahim em lentas marchas, não se podendo por emquanto perceber qual é a sua intenção. A 2.^a Brigada que de Catalan passou para mais segurança a acampar-se no lado direito do Quarahim, não tendo forças para obstar a invasão dos rebeldes, e o seu proseguimento pelo nosso territorio, descampou dalli á approximação do inimigo, e como este continua com a sua incursão, achando-se hoje no arroio Sarandy, vae aquella brigada seguindo seus lentos movimentos, e assim atraindo-o mais ao interior da Provincia, para ser mais seguro e vantajoso o golpe de mão que se pretende dar.“

Ainda a 20 Fructuoso Rivera officiou a Bento Manoel, reclamando a liberdade do capitão Garcez, que elle dizia ter sido preso pelos brasileiros, quando marchava á frente de sua vanguarda, em missão pacifica, qual a de acalmar as familias rio-grandenses. Como fundamento dessa reclamação fallava em direito das gentes e allegava que o dito capitão sendo prisioneiro dos platinos „havia obtido permissão para cuidar de seus interesses, mediante cinco mil pesos de fiança de seu comportamento.“ Declarou tambem que o exercito da Republica Argentina respeitava escrupulosamente a pessoa e a propriedade dos brasileiros. Foi portador desse officio o capitão José Maria Cortínez, que levava ainda a incumbencia especial de cumprimentar, pessoalmente, o chefe brasileiro, em nome do oriental.

O galhardo coronel brasileiro com a nobre altivez e franqueza que o caracterisava, respondeu: „O coronel commandante da 2.^a Brigada do Exercito Imperial, responde a comunicação do Ill.^{mo} Sr. D. Fructuoso Rivera, ex-brigadeiro do mesmo exercito, datada de 20 do corrente. O honrado capitão Antonio Garcez comprando sua liberdade, como outros innumerables militares brasileiros, que tiveram a desgraça de cair prisioneiros em poder dos argentinos, parece podiam seguir o destino que lhes conviesse, portanto não havia motivo para o mencionado capitão ser preso pelos seus companheiros; o coronel que subscrive estranha qual seja o direito que tem o Ill.^{mo} D. Fructuoso Rivera de o reclamar. Ao que respeita hom

¹⁵⁾ Ibidem.

tratamento dos habitantes brasileiros, ainda se veem cinzas dos incendios! Orphãos chorão o assassinio de seus paes, commettidos pelas tropas intituladas patriotas, sempre movidas por essa Republica decantada. O coronel que subscreve agradece ao Ill.^{mo} D. Fructuoso Rivera o cumprimento mandado fazer pelo sr. capitão José Maria Cortinez e se vê privado de retribuir por igual forma, mandando um official ao seu campo, porque o Ill.^{mo} Sr. D. Fructuoso Rivera costuma fazer prisioneiros os officiaes que vão em fé de amizade como aconteceu com o tenente-coronel José Rodrigues Barbosa, nas immedições de Mercedes."

Essa correspondencia foi remettida por Bento Manoel ao presidente da Provincia, em officio datado de 22 de maio, de seu „Campo Volante na frente do inimigo."

A 23, houve um choque das patrulhas de Rivera com as de Bento Manoel. O brasileiros tiveram ahi dois mortos e não doze, e dois feridos: um tenente e um soldado. Pertenciam esses quatro homens ao 23.^o Regimento de Cavallaria de 2.^a linha. Os feridos ficaram em poder do inimigo. Este não obstante a perda de oito mortos, ficou senhor do campo, em consequencia da protecção que immediatamente recebeu, segundo se lê no officio que Bento Manoel dirigiu ao presidente da Provincia, em 2 de junho de 1826, de seu acampamento volante, nas pontas do Sarandy.

Accrescentou nesse documento o chefe imperial: „O inimigo depois de occupar Quarahim e Catalan doze ou mais dias, retirou-se para a costa do Arapehy, abaixo do Rincão de Mata Perros, deixando uma vanguarda de 200 homens que ainda hontem guarneciam o Quarahim. Parece incrível que dois mil homens incompletos, estivessem tantos dias á barba de um exercito e voltem sem ser batidos!

Esta mesma noite podia amanhecer á retaguarda dos 200 homens e agarrar a todos e retomar-lhe os dois feridos que estão em Catalan, mas receio transtornar os planos do Ex.^{mo} Sr. General das Armas e mesmo tenho ordem positiva de não atacar, por isso espero pelas suas deliberações."

Em officios subsequentes, isto é, de 8, 10 e 11 do referido mez de junho, Bento Manoel exproba com grande revolta a inacção do general Paula Rozado: Não atacando o inimigo, quando d'elle esteve proximo; não acceitando depois o offerecimento do referido coronel, para bater partidas de Rivera que andavam pelo Arapehy e ordenando-lhe, finalmente, em termos desabridos, que abandonasse o acampamento de Quarahy e fosse estacionar nas pontas do Ibirapuitan Chico. Reiterando essa determinação, disse Rozado em officio de 8 de junho:

„Convem que V. S. se retire para o ponto que no meu officio de hoje lhe indiquei, abandonando o Quarahim, deixe simplesmente espiões bem pagos, e não arrisque mais um só homem, da sua brigada, poupando ao mesmo tempo a cavallhada, que nos ha de ser de primeira utilidade para a abertura da nova campanha, ou para se acaso o inimigo tornar a invadir.“

O presidente do Rio Grande do Sul com o entendimento e os olhos turbados, pelo fogo e pelo fumo de uma miseravel questão, não ligou a devida importancia á invasão de Rivera, vendo-a por um prisma differente do principal objectivo desse ataque. E, tomando como real seu ponto de vista, se engolfou mais uma vez em recriminações contra Rozado. São de seu officio n.º 27, de 28 de maio de 1826, estas considerações: „Reflexionando com madureza na quelle officio,¹⁶⁾ e considerando qual o interesse dos rebeldes, parece-me inteiramente fóra de duvida que o verdadeiro fim de seus projectos é invadir a fronteira do Rio Grande, dar um saque na villa deste nome, e se os meios lhe proporcionarem, avançar até S. Francisco de Paula de Pelotas, lugar da Provincia o mais provido de numerario, escravatura, e outras riquezas, tentativa que não deverá estender-se alem de um golpe de mão, e que desgraçadamente a meu ver é facil de realizar, indo adeante o plano annuciado pelo Governador das Armas em mandar marchar as tropas Expedicionarias para as proximidades de Catalan, ponto da Fronteira de Rio Pardo ameaçado sagazmente por Fructuoso, á testa da diminuta força de 1.500 homens, que só pode ter por objectivo uma falsa invasão afim de mascarar a verdadeira e illudir o credulo general que (segundo se diz) já começou a cair na corriola, desguarnecendo a esquerda da linha, e deixando unicamente a 6.ª Brigada para a defesa da Fronteira do Rio Grande, que além de fraca acha-se collocada a distancia de não prevenir o plano que imagino dos rebeldes.“

Do exposto se verifica:

a) Que Rivera não deu liberdade a prisioneiro algum, para avisar Bento Manoel de sua approximação;

b) que o chefe brasileiro desde 16, tinha informações diarias dos movimentos do oriente;

c) que entre esses dois commandantes nenhuma communição houve, desde o dia da invasão até 19;

¹⁶⁾ Referia-se ao officio de Rozado, communicando-lhe a invasão do inimigo.

O caracter do proto-martyr do Rio Grande do Sul

(Lido na sessão commemorativa do tricentenário da morte do P. Roque
González de Santa Cruz, realizada no Theatro S. Pedro,
na noite de 22 de novembro p. p.)

A mocidade de Roque Gonzalez cahio na era dos celebres conquistadores. A seu generoso coração e ardente fantasia convidariam com suas seducções as façanhas heroicas, hoje, para nós, quasi sobrehumanas, em que os conquistadores, seus contemporaneos, rivalisavam; porém, longe de invejar-lhes os afaços da fama, resolveu envergar a humilde roupeta da Companhia de Jesus, para que levasse sem outras armas que a cruz do Salvador, a feliz effeito o que nunca teriam conseguido aquelles legendarios heroes da conquista.

Unindo a uma eloquencia nativa uma familiaridade não commum com a difficil lingua guarany, juntando as qualidades ingenitas de um caracter de ferro, moderado pela suavidade e affabilidade de trato, o brilho de uma virtude a toda prova, o padre Roque era fadado como poucos para as grandes empresas da celebrisada missão do Paraguay.

Em principios de 1617, o provincial P. Onhate encarregou-o d'uma expedição ao Alto Paraná, que ainda estava para descobrir, com o duplo fim de achar os sitios mais aptos para novas fundações — questão sempre tida em conta de importantissima — e de indagar simultaneamente da indole e disposição daquellas tribus indigenas.

Avançando já bastante ao norte, os proprios neophitos seus companheiros mostraram-se transidos de tanto receio dos habitantes daquella região que recusaram terminantemente acompanhar o intrepido explorador; e não sem razão. Cedendo as aguas do Paraná á quilha do apostolo, negaram-lhe passagem os selvagens de ambas as margens ameaçando com feros esgares pôr a pique ou destroçar a fraca embarcação.

Tabacambi, morobixaba poderoso de um povo ribeirinho

a que impuzera seu nome, mandou convocar 200 guerreiros e enviou-lhe um sobrinho, ao qual instruíra na arte de enganar. Para ganhar tempo e não deixar fugir a quem já considerava presa sua, ordenou-lhe detivesse o estrangeiro com o pretexto de que não fôra prevenido de sua vinda.

Não escapou ao missionario a astucia do morobixaba; mas, oppondo dissimulação á dissimulação mandou dizer ao chefe indio que agradecia a attenciosa urbanidade e esperava ordens de entrar. Effectivamente foram dadas quando Tabacambi tinha reunida sua milicia para a recepção.

Collocou em duas alas seus guerreiros armados de arco e flexa e adornados com vistosas plumagens de avestruz, unico enfeite admittido, quer em festa, quer em guerra.

Extendiam-se desde a povoação até á margem do rio, deixando no meio uma larga e comprida rua, onde havia de passar o missionario, aos olhos dos selvagens, já sacrificados á paixão do chefe. Este appareceu em seu traje particular, insignias de seu dominio; uma camisa larga que lhe pendia dos hombros até os talões, uma especie de diadema de plumas e por sceptro um varapau comprido, em que se apoiava.

Passou do seu palacio ou antes tugurio pelo meio dos seus subditos até á margem do Paraná, donde sahio o P. Roque. Saudaram-se mutuamente com intenções bem diversas: o padre com a sinceridade de varão apostolico, Tabacambi, porém, com dissimulação só esperando o momento proprio para dar o signal de acommetter com barbara ousadia.

Chegados á casa do morobixaba, começou este a pôr em obra seus dislates, proferindo phrases bombastivas e ocas de sentido, quando o missionario, revestindo-se de santa intrepidez com autoridade apostolica, interrompeu o loquaz orador mais ou menos com estas palavras:

„A ti, Tabacambi, convém ouvir-me, como o ministro do Todo Poderoso, cujo embaixador eu sou, para te annunciar sua palavra que debes ouvir com reverencia e executar com promptidão.“

Estavam presentes os guerreiros de Tabacambi; armados, mas sem animo de manejar as armas que empunhavam e admirados do santo arrojo do P. Roque, da resignação e paciencia do seu chefe; esperavam em vão o signal combinado.

Ninguém ousou interromper o discurso do missionario e, quando concluíra, declararam-se muitos em seu favor e supplicaram-no que os não desamparasse. Prometteu visitá-los, mas, por enquanto, disse — chamava-o o dever aos demais povos para annunciar-lhes a boa nova. Tabacambi e seu sobrinho quizeram oppor-se a isso, mas o padre fel-os calar. Ninguém fez mais opposição.

Sahiú o missionario do porto em demanda da terra de Acancuri, tão antigo apostata como mau e perfido christão. Confiando na protecção de Deus ousou entrar e, si não conseguiu converter o chefe, este lhe franqueou a passagem rio acima.

Vendo o P. Roque tão pouco dispostos os indios daquellas regiões, resolveu regressar, convencido que, antes de pregar-lhes o evangelhourgia ganhar-lhes as sympathias com toda a sorte de beneficios.

Toda essa tão difficultosa como perigosa expedição effectuou-a em um mez, conseguindo o glorioso apostolo em tão pouco tempo o que nenhum dos valorosos capitães, que se celebravam do velho e do novo mundo, alcançou em mais de sessenta annos. O imperterrito missionario explorou o Alto Paraná e abriu-o á navegação desde Itapúa até os celebres saltos de Guayra, entre 24° e 29° de lat. meridional

Não sabemos que admirar mais, si o apostolico denodo deste grande varão e o dominio que exercia sobre os selvagens, ou se a rapidez com que venceu as distancias e innumerous obstaculos, amparado pela protecção divina que a tudo presidiu.

* *

Ainda estava quasi intacta a vasta região do Alto Uruguay, testemunha das tentativas infructiferas dos conquistadores do corrente e passado seculo, para sujeitar á dominação hespanhola essa terra incognita

O triumpho que debalde intentaram pelas armas havia de alcançal-o a cruz; e os primeiros louros roxeados do proprio sangue, colheria quem sempre a trazia nas mãos e até, com feliz prognostico, no proprio appellido: Roque de „Santa Cruz“.

Diminuto era o numero dos missionarios mas o provincial, reconhecendo a alta importacia de se abrirem tão vastas regiões á pregação do evangelho, consentiu em que fosse o seu conquistador sacro ás terras do Rio Grande do Sul.

„Entregam a V. Rev., — disse-lhe elle, a Companhia e esta Provincia a empreza mais gloriosa e suprema de que dispõe o nosso Instituto, que é a conversão da gentildade e de tantas almas que se acham nas regiões do Rio Grande. O mais necessario é que V. Rev. conceba um espirito apostolico, com que deseje abraçar no amor de Deus todas estas almas, padecer muitos trabalhos e até, si fosse necessario, derramar o sangue por ellas como genuino filho do noso Padre e da Companhia. E, como para tão ardua empreza fallecem as forças humanas, toda a confiança deve V. Rev. pôr no auxilio divino, pedindo a N. Senhor a benção para esta conversão com continuos sa-

crifícios e gemidos ao céu, como se praticará também em toda a provincia."

Apenas recebera esta gloriosa destinação, entrou o P. Roque a tratar dos preparativos immediatos da expedição, jejuns, orações e penitencias; foi esta a matalotagem com que se preveniu para attrahir a graça divina sobre os corações dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul.

"Raiou, escreve Guevara, o dia 25 de outubro de 1619, dia felicissimo para o Rio Grande, adornou-se com a maior pompa que a pobreza lhe permittia, a igreja de Itapúa, deu-se um repique para chamar a gente á missa; disse-a o P Roque, offerecendo-se a si em sacrificio pela conversão das tribus gentias, recebeu a communhão um menino que devia acompanhá-lo na sua apostolica excursão; disseram-se outras missas e cantaram-se ladainhas de todos os Santos para o bom exito da empreza que todos se promettiam da divina clemencia e do patrocinio de Maria Santissima, cuja devota imagem o missionario trazia comsigo e chamava „a Conquistadora“.

A' intercessão da Virgem attribuiu todos os triumphos na conversão do Rio Grande do Sul. Assim vemos como esta nossa terra é devedora de N.^a Senhora e os filhos do Rio Grande reconhecidos lhe deram com justiça o nome de „Terra da Mãe de Deus“, de que é testemunha ainda uma povoação conhecida pelo nome de Tupaceretan no norte do Estado e que quer dizer „Terra da mãe de Deus“.

Depois de passar por diversas peripecias julgou o missionario vindo o tempo de entrar no Rio Grande. Mas, apenas divulgou-se o seu intento, oppuzeram-se os riograndenses, suspeitando quizesse abrir caminho aos hespanhões; pois se espalhára a calumnia que o P. Roque era emissario do governo hespanhol para preparar a sujeição e escravidão do Rio Grande.

Uma noite ouviram-se á beira do rio, entre alarido formidavel, gritos de ameaça contra a vida do missionario. As trevas da noite lhe permittiam fugir para Conceição, onde os companheiros o aconselharam a adiar a expedição para tempo mais favoravel.

Começou então para o activo missionario um longo exercicio de paciência, esperando, como de atalaia, com os olhos fitos na margem oriental do Uruguay, quasi sete annos o momento propicio para iniciar o trabalho apostolico e civilizador em terras do Rio Grande do Sul.

Na congregação provincial de 1626 foi pelo provincial, P. Nicolau Duran, declarado superior regional das missões do Paraná e Uruguay. O novo cargo, como si o obrigasse á actividade mais intensa não lhe parecia consentir que deferisse mais a execução do plano que havia annos o trazia preocupado.

Feitas renovadas indagações e verificando que foram removidos os maiores impedimentos, atravessou o rio e guiado por um catechumeno alcançou a foz do Piratiny. Avançando mais duas leguas para o Interior, achou-se em local que lhe pareceu proprio para uma redução.

Soube logo ganhar as sympathias dos guaranys e, no dia da Invenção da S. Cruz do mesmo anno de 1626, arvorou o symbolo da redempção e tomou posse a que deu o nome de S. Nicolau.

Foi neste logar e neste dia que se disse a primeira missa no Rio Grande do Sul.

Logo aos primeiros dias passára por dous gravissimos perigos de vida, aos quaes felizmente escapou. Caminhando de noite por uma selva, desencadeou-se medonho temporal e, á luz dos coriscos, viu dous tigres, a cujas fauces mal teve tempo de subtrahir-se. O outro ameaçou na choça de indio que traiçoeiramente o acabaria a golpe de macana, si Deus não tivesse estorvado o malevolo e criminoso intento.

Como vimos o P. Roque era homem de ferro e de uma intrepidez que não recuava dos perigos mais graves. Seria incompleto o retrato de sua personalidade si calassemos uma das mais preciosas qualidades do seu character: era, para dizel-o com uma palavra, um coração de ouro ou de uma caridade a toda prova.

Não só da grei, mas de cada ovelha cuidava este bom pastor. Abundando as cobras venenosas foram em um anno mordidas não menos de doze pessoas. Um indio ficou a seis legoas de distancia da redução completamente paralizado, de sorte que seus companheiros não podendo trazel-o, resolveram deixal-o no matto e só depois de dois ou tres dias avisaram o P. Roque.

Logo parti, escreve numa carta, com toda a pressa possivel para vel-o, ainda que sem esperanza de encontral-o vivo, porque seus companheiros disseram que a vibora que o tinha mordido era mui venenosa e, além disso, havia muitos tigres que o podiam ter devorado. Apesar de tudo eu resolvi ir vel-o ainda que com o dito receio de não encontral-o mais em vida.

„Chegando ao logar onde o tinham deixado, duplicou-se minha pena e receio, porque vi na visinhança muitos corvos que, pensava, se teriam cevado no corpo morto; cheguei e achei-o estendido no chão, nú e cheio de cinza, com que nas ancias do soffrimento se tinha manchado; pois os companheiros lhe tinham accendido uma fogueira ao retirar-se; a bocca e o nariz estavam cheios de cinza e capim. Vi que se não mexia e chamando-o não respondia; tive-o por morto, ainda que o coração me dissesse que não o estava.

„Mandeí vir agua, lavei-lhe a bocca, o nariz e os olhos que tinha cerrados de sangue que o veneno fizera brotar. Pareceu-me que olhava para mim; e elle começou a respirar e assim que abriu os olhos e me reconheceu, animou-se tanto que parecia ter visto um anjo do céu; disse-me que queria confessar-se. Fel-o muito bem e, apenas acabei de dar-lhe a absolvição, deu sua alma ao Senhor e eu fiquei com a maior consolação que jamais me parece tenho tido em minha vida, por testemunhar caso tão singular da providencia de N. Senhor para com suas creaturas. Enterrei-o com o auxilio dos indios que levava e colloquei uma cruz sobre seu tumulo e voltei mui contente para a redução.”

* * *

Outro traço do seu character: era um espirito pratico, tão necessario em occasiões e situações varias ao que preside a creações novas, como p. ex., ao fundador de uma cidade, ou áquelle que rasga novos horizontes, e que não se deixa levar pela imaginação ou por falsas apparencias, mas encara as cousas pelo seu lado positivo e em tudo procede sensata e convenientemente, sabendo bem em que terreno pisa. Assim era o nosso heroe, o P. Roque Gonzalez.

Quando visitei as Sete Missões, ainda não tinha noticia do P. Roque. Estudando e comparando as reduções, quanto ás ruínas o permittiam, percebi que aqui presidira um grande e pratico espirito, e consultando a historia e investigando os documentos, achei que era o do nosso apostolo.

O admiravel systema de administração das reduções, tão adaptado ás uzuaes condições originaes, dá testemunho deste espirito pratico. Para os indios desprovidos de qualquer cultura era segundo a opinião de todos os missionarios, necessario o castigo corporal. Mas nenhum sabia nem ousava introduzil-o. O P. Roque achou a maneira acertada, de sorte que os selvicolas consideravam este meio de educação não como um mal, mas como um signal de benevolencia e amor da parte dos missionarios. E, quando acontecia que um ou outro não recebia castigo, queixava-se de que não gostavam d'elle; com tanto carinho costumavam ser tratados. O proprio Gomes Freire, t'stemunha de semelhante scena, não pôde bastante admiral-a.

* * *

Uma das cousas mais difficeis a realizar era a instrucção nos mysterios da nossa santa religião. Para aquelles selvicolas não bastava uma simples catechese, as doutrinas e santas verdades deviam ser representadas de uma maneira que captivassem os sentidos. E o P. Roque, por muito pratico, era mestre

nesta matéria. Mesmo as ocasiões de festas deviam servir de instrução. Assim, na semana santa, depois de prégar sobre a santa paixão de N. S., mandou representar os instrumentos com que foi atormentado.

Vestidos de batina diversos meninos de nove a dez annos, cada um levava um instrumento. O primeiro tinha as cordas com que foi atado Jesus e, com voz de quem lamenta, dizia em guarany e canto compassado:

„Esta é a sóga com que se deixou atar o Senhor.“

Vinha logo o segundo, o qual, levando uma figura de mão e cantando, dizia:

„Eis ahi a mão com que esbofeteou um cruel soldado o rosto de Jesus e por nossos peccados soffreu o Redemptor.“

Passaram mais ou menos trinta meninos cada um com um instrumento este com os azoragues, aquelle com a corôa de espinhos, aquell'outro com os pregos, tudo em admiravel silencio do povo.

Quão fundas raizes tinha lançado a devoção á s. paixão de Christo, pode-se ver no seguinte facto:

„Ainda em 1864 em S. Borja, quando ahi se achou o nosso segundo bispo diocesano, D. Sebastião Dias Lorangeira, de veneranda memoria, cantava-se a paixão da maneira dos meninos que mencionamos. Acharam bellissimo este canto.

Grande celebridade tem alcançado a „Procissão“ na festa de „Corpus Christi“, para a qual os Guaranyes se preparavam com esmero. Dias antes tinham saído ao matto e acarretando arvores e grande quantidade de ramalhada verde. Com cannas e madeiras pintadas formavam duas paredes parallellas e convenientemente distanciadas por todo o tracto que tinha de percorrer a procissão. A trechos se levantavam arcos triumphaes e, ás vezes, cupulas de dez metros de alto.

Toda esta armação revestia-se de ramos verdes e flores, estando cada arco entregue ao cuidado de um tuxava, que com os seus clientes á porfia adornava o seu. Tinham procurado caçar e trazer vivo quantos animaes silvestres podiam ter á mão: papagaios, avestruzes, siriemas, pacas, antas, tatús, tamanduás e até as mais ferozes feras. Atados aquelles arcos os representantes da fauna brasileira serviam de tapetes e colgaduras que abrilhantavam a festa.

O solo estava alcatifado de flores e ervas odoríferas. As plantas e sementes que deviam servir para suas sementeiras as dispunham em pequenos altares e, ás vezes, em esteiras na rua, para que passasse sobre ellas o sacerdote que levava o SS. Sacramento.

Todos esses objectos, animaes, plantas, sementes, queriam que estivessem no caminho onde passava Jesus Christo em

pessoa para que fosse reconhecido como rei e senhor de quantas creaturas havia na terra; as sementes, para que as abençoasse e prosperassem os fructos que dellas haviam de colher.

Restringindo-nos a poucas advertencias, dizemos com o dr. Yargue:

„O mais precioso desta procissão é a summa devoção que nella se observa. . . Toda esta multidão se move com tanto silencio, que não ha pessoa, nem ainda moça que fale uma palavra, nem faça acção pouco digna da presença de Christo sacramentado.“

A fragancia de tanta devoção penetrou até á Europa, merecendo do Papa Bento XIV este invulgar louvor:

„Muito mais felizes que os gregos (que nem tem procissão de „Corpus Christi“) são os christãos do Paraguay (que era então o nome do Rio Grande) e não haverá quem ao ler sua piedade na festa e procissão de Corpo de Christo, não se sinta commovido com intimo e suave affecto de consolação.“

Que esta festa foi celebrada desde os annos da fundação e que, com outros costumes, teve por auctor ao nosso P. Roque, vê-se do que escreveu já o seu provincial P. Diogo de Torres, testemunha ocular:

„A fé e a devoção que teem ao Santissimo Sacramento é mui particular. . . Os tuxavas e seus indios adornavam-na (a praça) á porfia e com piedosa rivalidade com muitos arcos e outras cousas para ver, guarneendo as paredes, em vez de ser com tapete e pannos de ouro, com quantas minudencias obtem de suas colheitas e muitos animaes e caça do campo, papagaios, avestruzes, guirguinchos, fazendo até servir os peixes do rio a seu Creador e ao brilho da festa.“

O esplendor do culto, aliás tão adequado á natureza humana que pelo visivel exprime o mais precioso culto interior a seu Creador, era uma condição necessaria para catechisar os indios, aos quaes, dotados de pouca força abstractiva, era necessario falar-lhes aos sentidos com imagens bem vivas para que se lhes abrissem os olhos do espirito.

O P. Roque, descobridor, civilizador e apostolo do Rio Grande era um caracter imperterrito, coração de ouro, eminentemente pratico, qualidades estas que um dia serão coroadas pelo halo da santidade.

**Parecer da Comissão de Historia, da qual foi relator
o sr. João Maia, sobre a admissão do dr. Jorge Salis
Goulart como socio correspondente**

„Era quasi um adolescente ainda, quando fez imprimir o volume „Auroras e Poemas“, em 1919, no qual um poeta de alta inspiração, sem prejuizo da obediencia e consagrados canones, inconfundivelmente se affirmava. A seguir estreou-se no romance, com „A Vertigem“, em que autorizada critica vislumbrou irrecusaveis dotes estheticos, sem preterição da observancia de irrevogaveis principios da moral na exposição do thema. „Alma viva do Rio Grande“ é outro volume de poesias, ungido de edificante civismo, vibrante de hymnos á terra natalicia. Editou ainda „Chuva de rosas“, elogiada sem reservas pela critica, e „Confissões“, prosa.

Cumpré constatar, entretanto, que toda a sua bagagem litteraria, aliás valendo como credenciaes para accesso a uma poltrona academica — dado que a pretendesse — não legitimaria, por si só, o ingresso de Salis Goulart no quadro dos socios do Instituto Historico, attendendo a natureza desse gremio.

Em bôa hora, porém, para o Instituto, o engenho polymorpho do jovem escriptor rumou para novo quadrante. Vemol-o, pela vez primeira, nessa directriz, ao traçar o prefacio de seu brilhante livro de versos „Colheitas de ouro“ em que ao irreprimido anccio pelo evento de novas fórmãs expressio-naes para a arte brasileira, destinadas a emancipal-a de obsoletos e archaicos processos europeus, o talentoso homem de letras allia promissora tendencia para exame e explanação de assumptos do character sociologico.

E foi proseguindo nessa rota, que o espirito de Salis Goulart, evoluindo da litteratura de ficção, esphera em que aliás se librara em altos remigios, penetrou resolutamente nos dominios da sociologia, escrevendo substanciosos

artigos, quer para revistas estrangeiras, quer para folhas nacionaes. Sua definitiva affirmação, porém, no genero, reside no apparecimento, em 1927, de seu livro „A formação do Rio Grande do Sul“.

Com tal autoria, Salis Goulart ascende triumphante ao Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, a quem cumpre, sem mais detença, abrir-lhe as portas de par em par, afim de que elle venha collaborar, com os seus membros, na obra ingente da reconstituição dos gloriosos fastos rio-grandenses e do estudo do amplo e formoso scenario em que elles épicamente se desdobraram. Trata-se, effectivamente, de uma obra versante sobre geographia social, geographia da historia, psychologia social e sociologica, applicadas ao Rio Grande do Sul sob o ponto de vista dos mais adiantados methodos, na enunciação dos quaes Salis Goulart se revela um erudito.

Sobre mostrar-se um conhecedor invulgar da bibliographia elucidativa das cousas do Rio Grande do Sul, sob multiplos aspectos, na sua obra Salis Goulart evidencia conhecer os sociologos de maior notoriedade mundial, não para subscrever-lhes servilmente asseverações e corollarios, mas para refutal-os, quando discorde e sob injuncções de um seguro criterio proprio, requisito que assás o eleva no criterio de quem o lê. Ha entre os diversos capitulos que o livro enfeixa destacaremos, pela clareza do enunciado e vigor synthetico da exposição, os que obedecem, respectivamente, aos titulos „Synthese politica da sociologia rio-grandense“ e „O problema das raças“.

Taes, de relance formulados, os motivos do parecer da Comissão de Historia plenamente favoravel á proposta do dr. Jorge Salis Goulart para socio correspondente do Instituto.“

Actas das sessões do Instituto no anno de 1928

Acta da 28.^a sessão ordinaria

Aos seis dias do mez de maio de mil novecentos vinte e oito, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os Sres. Florencio de Abreu, Francisco Rodolfo Simch, Adroaldo Mesquita da Costa, Armando Dias de Azevedo, Carlos Teschauer, Affonso Guerreiro Lima, Mansueto Bernardi, João Maia, Francisco de Leonardo Truda e Eduardo Duarte, bem como um elevado numero de convidados, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constou do seguinte: officio do senhor Nabor Moura de Azevedo offerecendo ao Instituto, em nome da excellentissima viuva do senhor Orlando Coelho da Silva, onze documentos de valor historico, entre os quaes se encontram cartas particulares de Julio de Castilhos; idem do nosso consocio senhor Amaro Baptista, thesoureiro do Instituto desde a sua fundação, renunciando o seu cargo por motivo de transferencia de residencia. Nesse officio o senhor presidente mandou agradecer a esse distincto consocio os bons serviços que prestou ao Instituto, e nomeou para substituil-o, o senhor Affonso Guerreiro Lima. *Memoranda* dos bancos Nacional do Commercio e Provincia accusando a communicacão da mudança havida na thesouraria; officio da Bibliotheca Publica de Recife pedindo remessa da revista; proposta que faz o senhor Antéro Gonçalves de Almeida da venda de cinco fasciculos da revista do Instituto Historico que existiu nesta cidade em 1860. Esses fasciculos foram adquiridos pela quantia de vinte e cinco mil reis, depois de avaliação feita pelos senhores Armando Azevedo, Mansueto Bernardi e Eduardo Duarte. Circular da Sociedade Capistrano de Abreu, do Rio de Janeiro, pedindo

divulgação dos themas e regulamento dos premios que, por concurso, a mesma sociedade distribuirá no corrente anno; carta do Centro de Sciencias e Artes, de Campinas, agradecendo a remessa da revista. O senhor presidente manda proceder á leitura de um officio recebido dos Senhores Fernando Luiz Ozorio, Alcides Maya, Joaquim Luiz Ozorio, Mansueto Bernardi, Francisco de Leonardo Truda e Eduardo Duarte, no qual se propõe a admissão do senhor doutor Jorge Salis Goulart para socio correspondente do Instituto. Esta proposta estava acompanhada dos pareceres das Comissões de historia e admissão de socios, favoraveis á admissão do proposto. O senhor presidente declara que tendo sido satisfeita todas as exigencias regulamentares, ia proceder ao processo da eleição, o que, feito, verificou-se ter sido eleito por unanimidade de votos para socio correspondente do Instituto o senhor doutor Jorge Salis Goulart, autor do livro „A Formação do Rio Grande do Sul“, recentemente publicado. O senhor presidente depois de proclamar a eleição do novo consocio, deu a palavra ao senhor Adroaldo Mesquita da Costa, orador do Instituto, para ler a ephemeride do dia, o que foi feito. Passou-se em seguida á ordem do dia, que era a leitura da conferencia do nosso confrade senhor Carlos Teschauer, a quem foi dada a palavra. O nosso consocio declarou não poder, devido ao seu estado de saude, fazer a leitura do seu trabalho e pediu ao senhor presidente que designasse, para fazel-a, um dos nossos confrades. Convidado o senhor Adroaldo e acceitando o encargo, passou este a fazer a leitura do bello estudo em que o senhor Teschauer versa „O segundo cyclo das lendas do ouro na bacia do Uruguay“. A conferencia do nosso consocio agradou muito e foi vivamente applaudida, pois nella revelou o seu autor vasta erudição e o seu carinho de paciente pesquisador das cousas do passado. Após a leitura desse trabalho o senhor Armando Dias de Azevedo propoz, sendo approvado unanimemente, que se lançasse em acta um voto de pesar pelo fallecimento dos nossos consocios general Manoel Theophilo Barreto Vianna, Augusto Daisson e major Miguel Pereira, e ao doutor Octavio Rocha, que ao Instituto prestou sempre valioso apoio. E nada mais havendo a tratar, o senhor presidente encerrou a sessão depois de agradecer aos presentes a sua comparencia. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 29.^a sessão ordinaria

Aos vinte e sete dias do mez de agosto de mil novecentos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, ás vinte horas, presentes os senhores Florencio de Abreu, João Maia, Francisco Rodolfo Simch, Armando Dias de Azevedo, Mansueto Bernardi, Adroaldo Mesquita da Costa, Affonso Guerreiro Lima, Carlos Teschauer, Francisco de Leonardo Truda e Eduardo Duarte, bem como elevado numero de pessoas gradas, entre as quaes os Ex.^{mos} Sres. Dr. Oswaldo Aranha, secretario do Interior, representando o Ex.^{mo} Sr. Presidente do Estado, drs. Firmino Paim e João Moreira, respectivamente secretarios da Fazenda e das Obras Publicas, o rev.^{mo} sr. Arcebispo Metropolitano, o ex.^{mo} sr. major Alberto Bins, intendente municipal, e grande numero de ex.^{mas} Familias, o sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constou de diversas communicações referentes á revista. O senhor presidente participa aos senhores socios que o processo de admissão no seio do Instituto dos senhores Horacio Arredondo, hijo, e capitão Francisco de Paula Cidade, acha-se prompto e que vae mandar proceder á lêitura dos respectivos pareceres. O segundo secretario faz a leitura e o senhor presidente submete á votação a proposta de admissão dos novos consocios, verificando-se que os referidos senhores foram eleitos por unanimidade de votos. O senhor presidente proclama eleitos socios correspondentes do Instituto os senhores Horacio Arredondo, hijo, residente em Montevidéo, e capitão Francisco de Paula Cidade, residente no Rio de Janeiro. O senhor presidente declara, em seguida, que convocára a presente sessão com o fim especial de commemorar a data centenaria da convenção preliminar de paz entre o Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata, havendo designado o senhor Francisco de Leonardo Truda para fazer uma conferencia sobre o magno acontecimento. Sendo-lhe concedida a palavra, o senhor Leonardo Truda occupa a attenção dos presentes durante quarenta e cinco minutos lendo o seu excellente trabalho, recebendo, ao terminal-o, uma salva de palmas e muitas felicitações. Depois de agradecer aos presentes o seu comparecimento á sessão, notadamente as altas autoridades e os consules argentino e uruguayo, senhores Umberto Bidone e Antonio di Pasca, e ex.^{mas} Familias, o senhor presidente encerra a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevo e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 12.^a sessão de directoria

Aos doze dias do mez de setembro de mil novecentos e vinte e oito, ás vinte horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os senhores Florencio de Abreu, João Maia, Affonso Guerreiro Lima, Mansueto Bernardi, Armando Dias de Azevedo, e Eduardo Duarte, o senhor Florencio de Abreu assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior passou-se á leitura do expediente, que constou de um officio do nosso consocio senhor José Paulo Ribeiro communicando a sua retirada do Instituto. Allega o senhor José Paulo, como justificativa do seu acto, a precariedade de sua saude, ser um vencido da vida, combalido pela enfermidade e pela pressão dos annos, sentindo o seu mal aggravado pela natureza de que se reveste. O senhor presidente faz algumas considerações sobre a pessoa do senhor José Paulo, os serviços por elle prestados ao Instituto, resolvendo-se que o nome do nosso consocio não será eliminado da matricula, onde continuará a figurar independentemente de qualquer contribuição pecuniaria. A proposito o senhor Mansueto Bernardi pede a palavra e lembra a necessidade de ser cancellada nos Estatutos a obrigatoriedade da contribuição pecuniaria imposta aos membros do Instituto. Não é justo, diz o orador, que tendo o associado a obrigação do trabalho intellectual, notadamente no que se refere á publicação da nossa revista, ainda seja obrigado ás quotas mensaes. Ademais, ajunta o orador, todas as associações deste genero isentam os membros de taes contribuições. O senhor presidente tomando em consideração as razões expendidas pelo orador, disse que a materia proposta era das attribuições de assemblea geral e que em tempo opportuno, seria objecto de deliberação. O senhor presidente annuncia em seguida que approximando-se a data de vinte de setembro, commemorativa do anniversario da revolução farroupilha, designava para aquelle dia a realisação de uma sessão ordinaria, ficando o senhor Mansueto Bernardi encarregado da conferencia. Da mesma maneira designava o senhor Adroaldo Mesquita para conferencista da sessão a realisar-se em 15 de novembro proximo, dia que marcará o tricentenario do martyrio de Roque Gonzalez de Santa Cruz, o primeiro apostolo da civilisação do Rio Grande do Sul. O senhor Armando de Azevedo, bibliothecario, faz ver que os nossos armarios são insufficientes para conter os livros que temos adquirido ultimamente e apresenta um projecto de novos armarios. O senhor presidente autorisa a encommenda de treis desses armarios na casa Gerdau. E nada mais havendo

a tratar o senhor presidente encerrou a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevo e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 30.^a sessão ordinaria

Aos vinte dias do mez de setembro de mil novecentos e vinte e oito, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, Adroaldo Mesquita da Costa, Mansueto Bernardi, Francisco de Leonardo Truda, Roque Callage, Armando Dias de Azevedo, Affonso Guerreiro Lima e Eduardo Duarte, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constou do seguinte officio do senhor doutor Octavio Roxo, juiz districtal do municipio de Erechim, offerecendo ao Instituto uma carta autographa de Julio de Castilhos; idem dos senhores doutores João Fernandes Moreira e Firmino Paim Filho, agradecendo a offerta de exemplares da revista; circular do senhor doutor Luiz Freitas de Castro comunicando ter tomado posse do cargo de director geral da Instrucção Publica do Estado; cartas dos senhores Horacio Arredondo, hijo, e capitão Francisco de Paula Cidade, agradecendo a sua eleição para membros correspondentes do Instituto. O senhor presidente declara ter convocado a presente sessão dando como ordem do dia a commemoração da data de vinte de setembro, para o que havia préviamente designado o senhor Mansueto Bernardi para fazer uma conferencia sobre o assumpto. Antes, porém, o senhor Adroaldo Mesquita ia proceder á leitura da ephemeride do dia, o que foi feito. Dada a palavra ao senhor Mansueto Bernardi, fez este consocio a leitura do seu excellente trabalho a que deu o titulo — O farrapo Tobias da Silva (Episodio naval da Guerra dos Farrapos). A conferencia do illustre confrade agradou sobremodo á grande assistencia, tendo, ao terminal-a, recebido calorosos applausos. O senhor presidente agradece a todos os presentes o seu comparecimento, notadamente o senhor doutor Oswaldo Aranha, digno secretario do Interior, representando, ao mesmo tempo, sua excellencia o senhor doutor presidente do Estado. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario a subscrevo e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 31.^a sessão ordinaria

Aos quinze dias do mez de novembro de mil novecentos e vinte e oito, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, Alcides Maya, Francisco de Leonardo Truda, Affonso Guerreiro Lima, Mansueto Bernardi, Armando Dias de Azevedo, Carlos Teschauer, Adroaldo Mesquita da Costa, João Maia e Eduardo Duarte, bem como elevado numero de assistentes, entre os quaes o senhor doutor Luiz Vergara, representando sua excellencia o senhor presidente do Estado, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior e não havendo expediente, o senhor presidente disse que a presente sessão tinha sido convocada com o fim de homenagear a memoria do padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, o proto-matyr do christianismo no Rio Grande do Sul, na data tricentenaria da sua morte, para o que havia com antecedencia designado o Sr. Adroaldo Mesquita da Costa, para orador, a quem ia conceder a palavra. Dada a palavra ao digno confrade, este depois de fazer a leitura da ephemeride do dia passou a ler a sua conferencia, longo e interessante trabalho escripto com fidelidade historica, em que estuda a vida e obras do padre Roque Gonzalez de Santa Cruz. O estudo do senhor Adroaldo agradou sobremodo, tendo recebido da assistencia, ao terminal-o, fartos applausos. Antes de encerrar a sessão o senhor presidente declarou cumprir o grato dever de agradecer o comparecimento do representante do presidente do Estado, das senhoras e cavalheiros presentes; e que a commemoração assumia dois aspectos distinctos, o primeiro de modo transitorio, que era a sessão no momento a se encerrar, e o segundo, de modo permanente, que era a reedição da obra do nosso consocio Carlos Teschauer relativa ao padre Roque Gonzalez, tecendo merecidos elgios ao referido trabalho. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo, Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevo e assigno. Florencio de Abreu.

INDICE DO VOLUME

	Pag.
Um rio-grandense notavel	3
Capistrano de Abreu, pelo padre Carlos Teschauer S. J.	9
O barão de Mauá, conferencia do dr. Gabriel Terra	13
Apontamentos para a Historia da Revolução de 1835—1845	35
Tres capitulos de uma biographia perdida do duque de Caxias, por Eudoro Berlinck	165
Manifesto do presidente da Republica Rio-Grandense em nome de seus constituintes	151
A conquista portuguesa do Rio Grande do Sul, por J. B. Hafke- meyer, S. J.	199
Vida e obras do Padre Roque González de Santa Cruz S. J., pelo P. Carlos Teschauer S. J.	295
Prefacio	299
Introdução	301
Annos de juventude e sacerdocio	309
Entra na Companhia de Jesus — Missão entre indios ferozes..	312
Perigos e obstaculos	314
Pacificação dos guayeurús.....	316
O P. Roque no Paraná	318
Fundação de Itapúa	324
Fundação de S. Anna — Visita do governador	327
Expedição ao Alto Paraná	329
Peste e outras provações	332
Inicio das missões no Rio Grande do Sul	333
Grandes e varios obstaculos	335
Systemas de catechese dos indios	337
Fundação do povo da Conceição no Uruguay	339
A lingua guarani	341

	Pag.
Tentativa de explorar o Uruguay — Tempos de lucto e dias de festa	344
Um pagé ou feiticeiro uruguayo	347
Fundação de S. Nicoláo, a primeira das Sete Missões	348
Viagem a Buenos Aires e brilhante recepção	350
Um interinado perigoso	351
Em caminho ao paiz do Tapes	355
Entra no Tape, hoje Cima da Serra	356
A mais antiga descripção do Rio Grande do Sul	361
Trabalhos apostolicos na região das Sete Missões	365
Funda o P. Roque a reducção de Caaro	366
A conjuração	367
Martyrio do veneravel P. Roque e de seus companheiros	368
Actividade ulterior de Nheçum	373
Castigo de Nheçum e mais conjurados	374
O coração do P. Roque	378
A „Conquistadora“	383
O cavallo do P. Roque	384
Honras feitas ás reliquias	385
Restauração	389
O local do martyrio	393
Successos de Caaro	395
Nienguri	400
Epilogo	402
Determinação do logar do martyrio do P. Roque González.....	407
Nheçum	414
O verdadeiro nome do 3.º governador do Rio da Prata	416
Rectificação chronologica	417
Notas bio-bibliographicas	421
Documentos justificativos	429
Quando nasceu o P. Roque?	469
Mucio Teixeira e o seu tempo, por Arthur Toscano	473
Apontamentos para a historia da Revolução de 1835—1845	495
Legenda dos Dragões, pelo dr. Fernando Luiz Osorio	457
Segundo cyclo das lendas do ouro na bacia do Uruguay, pelo P. Carlos Teschauer	567
Cem annos de paz argentino-brasileira, pelo dr. Francisco de Leonardo Truda	579
Tobias da Silva, por Mansueto Bernardi	591

	Pag.
O proto-martyr da civilisação no Rio Grande do Sul, pelo dr. Adroaldo Mesquita da Costa	597
O caracter do proto-martyr do Rio Grande do Sul, pelo P. Carlos Teschauer	609
Parecer da Commissão de Historia sobre a admissão do dr. Jorge Salis Goulart	617
Actas das sessões	619

ILLUSTRAÇÕES

General Manoel Theophilo Barreto Vianna	3
Capistrano de Abreu	10
Visconde de Mauá	13
Dr. Gabriel Terra	16
Escudo d'armas do visconde de Mauá	30
O P. Roque, segundo uma pintura recente da Irmã Mansueta, religiosa franciscana	297
Frontispicio da igreja de S. Miguel	341
Parte lateral da igreja de S. Miguel	345
Paredão da igreja de S. Miguel	353
A torre da igreja de S. Miguel em reconstrucção	359
Parte lateral da igreja de S. Miguel	363
Martyrio dos padres Roque González e Affonso Rodríguez	371
Martyrio do padre João del Castillo	375
Relicario que contém o coração do P. Roque	381
Cruzeiro monólitho em S. Lourenço	387
Amostra architectonica da igreja de S. Miguel	391
Cruz monólitha em S. Angelo	397
Sete estatuas, reliquias dos Sete Povos	405

MAPPAS

Mappa hist.-ethnographico do Guayrá (1610—1630), organizado por C. Teschauer S. J.	319
Missiones Soc. Jesu quas excoluit ad flumen Paraná et Uruguay, a quodam Missionario Veterano, anno 1744, Joh. Christoph. Winkler sculpsit Viennae	409
Missiones Soc. Jesu Paraguayenses, desumptae ex P. Lozano ..	419